

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E BIOLÓGICAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

**JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO**

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO SOBRE SEXUALIDADE, A PARTIR DE SEQUÊNCIAS  
DIDÁTICAS, PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

**SÃO MATEUS- ES  
2019**

**JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO**

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO SOBRE SEXUALIDADE, A PARTIR DE SEQUÊNCIAS  
DIDÁTICAS, PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de Mestrado, com apoio financeiro da CAPES, apresentado ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – ProfBio, do Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Schmidt Furieri

**SÃO MATEUS- ES  
2019**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

A474e ALVES CARACAS FILHO, JEOVÁ, 1979-  
Estratégias de ensino sobre sexualidade, a partir de sequências didáticas, para alunos do ensino médio / JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO. - 2019.  
145 f. : il.

Orientadora: KARINA SCHMIDT FURIERI.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

1. EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES. 2. JOGOS EDUCATIVOS. 3. HABILIDADES DE APRENDIZAGEM. 4. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM. 5. AMBIENTE. I. SCHMIDT FURIERI, KARINA. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 57

---

JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO SOBRE SEXUALIDADE, A PARTIR DE  
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

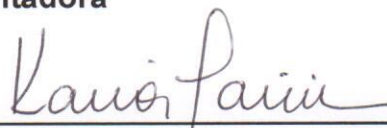
Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO) da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Aprovado em 30 de julho de 2019.

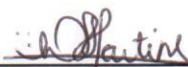
**COMISSÃO EXAMINADORA**



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karina Schmidt Furieri**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karina Carvalho Mancini**  
Universidade Federal do Espírito Santo



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liziane Martins**  
Universidade Federal do Sul da Bahia

*A conquista exitosa deste trabalho dedico com o mais profundo sentimento de amor e gratidão, à minha amada mãe Creuzelina Mateus Caracas que esteve presente em todos os momentos da minha vida, ensinando-me com gestos e com palavras valores fundamentais que jamais aprenderia nos livros, entre eles o apreço aos valores ideais de vida e o amor a Deus acima de qualquer conhecimento humano. A ela, meu eterno porto seguro, meu singelo e especial agradecimento.*

## AGRADECIMENTOS

Faltam-me palavras que possam expressar toda a minha gratidão às pessoas, bem como as Instituições de Ensino, que me ajudaram a trilhar este percurso de minha vida e sem as quais jamais teria chegado ao final dele.

Em primeiro lugar, agradeço ao maravilhoso e poderoso Deus à qual eu sirvo, pela sua infinita misericórdia e pelo seu amor incondicional que me sustentou e me direcionou nesse caminho tão laborioso. Aos céus elevo a minha mais pura devoção de criatura que se reconhece pequeno diante de tamanha santidade criadora.

A minha mãe Creuzelina Caracas pelas orações intercessórias que me mantiveram firme em meu propósito. Ao meu pai terreno Jeová Caracas (*In memorian*), com o qual aprendi a rir das pequenas coisas da vida.

A minha família, meu amparo sempre presente, por todo o incentivo recebido nesses dois anos de estudo, que com firmes palavras de apoio e com a confiança em mim depositada, mostraram que eu poderia chegar sempre mais longe nesta caminhada.

As minhas irmãs Jerusa, Rosilda, Meire e Rosângela, sempre presentes quando mais precisei, deixo o meu agradecimento. Aos meus sobrinhos Lucas e Beatriz, que muito me orgulham pela inteligência e pelo caráter, agradeço por acreditarem na minha busca constante pelo conhecimento. Ao meu irmão Rubens, que mesmo distante, jamais me deixou de estender a mão quando mais precisei. Minha eterna admiração à vocês.

A minha amiga Dra. Ceslaine Barbosa, verdadeira Coorientadora e incentivadora deste trabalho. Sempre presente nos momentos em que mais precisei de orientação, fazendo-o com um sorriso meigo envolto em palavras firmes de incentivo, foi minha bússola nessa pesquisa.

As minhas amigas Eliane Batista e Tamara Guimarães por acreditarem em mim muito mais do que eu mesmo. Agradeço cada conselho amigo e a confiança depositada no meu trabalho.

Aos meus queridos companheiros de estrada, Anne, Alexandre e Vanessa que tornaram esta caminhada muito mais suave, dividindo momentos de alegrias e também de angústias diante do desconhecido, sempre permeadas por maravilhosas risadas que ainda reverberam em meus pensamentos. Terão sempre um lugar muito especial em meu coração.

Aos meus colegas de Mestrado, com os quais pude aprender muito mais a partir das trocas de vivências. Nossos dedos de prosa no momento do café tiveram efeito terapêutico, ajudando-me no meu próprio processo investigativo enquanto professor.

Um agradecimento especial a minha prestigiosa colega de Mestrado Elzimeire, grande Dama Mateense, e ao seu pândego esposo (Zeno) por me acolherem como um filho nos momentos em que por lá estive. Duas pessoas de coração nobre e com as quais carrego lindas recordações afetivas.

Aos meus professores de Mestrado, que com muita paciência dividiram comigo o bem mais precioso que uma pessoa pode adquirir nesta vida: o conhecimento.

A minha orientadora Karina Schmidt Furieri que depositou confiança em minha pesquisa quando eu mesmo não acreditava ser possível transformar minha simples prática diária de professor em uma construção científica.

A banca examinadora pelas ricas considerações acrescentadas. Banca esta formada por mulheres que admiro sobremaneira pelo cuidado primoroso em seus ofícios diários. Em resistir com sabedoria, doçura e feminilidade nesse universo ainda sexista.

A escola parceira, meu local de trabalho, que garantiu autonomia para que eu pudesse realizar a minha pesquisa, oportunizando maravilhosos momentos de interação e reciprocidade.

A minha querida aluna, Isadora Ribeiro, por toda paciência demonstrada nos momentos em que eu precisava aventurar-me mais nesse mundo digital, tendo, em alguns momentos, abnegado de seu próprio tempo para inserir-me no ciberespaço. Minha gratidão.

Aos meus alunos parceiros nesta pesquisa e com os quais tenho a oportunidade de rejuvenescer diariamente, mesmo sem o intuito de engar o passar do tempo que teima em envelhecer o meu corpo, mas que mantém minha alma de professor atrelada às ações joviais que alimentam a minha prática docente, me fazendo melhorar como ser humano na medida em que abro espaço para propor discussões humanas. Minha reverência a todos eles.

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, sem o qual teria sido difícil a realização de toda essa pesquisa.

Este trabalho é uma construção coletiva de todos vocês. Meu mais sincero obrigado.

**Não posso ser professor...**

**[...] Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar [...].**

**Paulo Freire (1996)**

## RELATO DO MESTRANDO

Após praticamente dois anos de vivências positivas e trocas de experiências ocorridas no Mestrado de Ensino de Biologia em Rede Nacional – ProfBio, é possível traçar um paralelo entre minha práxis antes e após o mestrado. É inegável o impacto positivo do ProfBio em minha prática docente, visto que nesta caminhada tive contato com referenciais teóricos e metodológicos oferecidos pelo programa. Alguns destes referenciais não faziam parte de minha práxis educativa. Outros já eram conhecidos e desenvolvidos no meu fazer pedagógico, mas dentro de outra visão epistemológica. Os aportes teóricos pesquisados, discutidos e analisados ao longo desta caminhada, atrelado ao atrito de ideias promovido nos espaços físicos da Universidade, bem como no ambiente virtual de aprendizagem, me tiraram de uma zona de conforto habitual, e me instigaram a revisitar a minha práxis pedagógica, principalmente no que tange o protagonismo do aluno, colocando-o como participante de seu processo formativo, de forma reflexiva e investigativa.

Em cada um dos tópicos desenvolvidos no programa, era possível buscar metodologias investigativas que desenvolvessem a visão crítica dos alunos sobre os fenômenos que se apresentavam cotidianamente, buscando dar sentido prático aos conhecimentos historicamente produzidos, e, por vezes, apresentados aos alunos unicamente como teorias produzidas e geralmente distantes da realidade da comunidade escolar. Em nossos laboratórios de ideias, assim denominados pelos professores do programa, discutimos a aplicabilidade de determinadas metodologias e de determinados recursos como ferramentas didáticas no processo de ensino e aprendizagem. Percebemos que, mais do que ensinar conteúdos prontos, era preciso provocar o gosto pelo aprender, de forma que o conhecimento fosse produzido ao longo da caminhada do educando.

Não posso deixar de mencionar a valorosa contribuição dos colegas mestrandos na ressignificação de minha prática pedagógica ao longo deste tempo. As vivências pedagógicas de cada um em suas escolas, as metodologias de sucesso por eles aplicadas e socializadas com o grupo, as trocas de ideias, os diálogos demorados nos espaços da universidade e no ambiente virtual de aprendizagem, foram de fundamental importância para meu aprimoramento enquanto profissional da educação e enquanto pessoa, consciente de que somos o somatório de construtos diários e de que estamos permanentemente em processo de aprendizagem.

Para as escolas e, por extensão, para a comunidade atendida, fica a garantia de ter um profissional inegavelmente mais qualificado para lidar de forma prática com os fenômenos que se apresentam, buscando na experiência de vida de cada aluno ações mais assertivas para direcionar o meu ensino e auxiliar na aprendizagem significativa dos conteúdos, percebendo nas práticas investigativas um caminho mais coerente dentro do processo de ensino e aprendizagem para o protagonismo do aluno.

FILHO, J. A. C. **Estratégias de ensino sobre sexualidade, a partir de sequências didáticas, para alunos do ensino médio.** Projeto de pesquisa do mestrado profissional de ensino de biologia em rede nacional. Macroprojeto: Novas práticas e estratégias pedagógicas para o ensino de Biologia. Professora orientadora Dra. Karina Schmidt Furieri.

## RESUMO

O ambiente escolar, enquanto espaço institucionalizado alberga agentes sociais de distintas identidades e com elevada capacidade de interações, criando elementos que convergem e se inter-relacionam, na promoção da cidadania. Entre estes agentes sociais presentes na escola estão os adolescentes que, muito além de uma fase transitória da vida do indivíduo, manifestam importantes mudanças orgânicas, mentais, físicas, comportamentais e identitárias, aspectos fundamentais que conduzem o adolescente à adultez. O objetivo norteador deste trabalho buscou analisar a utilização de uma sequência didática sistematizada como estratégia pedagógica de ensino na promoção de ações reflexivas sobre temas acerca da sexualidade entre estudantes do ensino médio de uma escola estadual de Teixeira de Freitas – BA. Para isto, buscou-se através de abordagens quantitativas, com objetivo descritivo, utilizando procedimentos netnográficos e de pesquisa-ação, investigar o potencial de uso pedagógico da aplicabilidade da sequência didática sistematizada no processo de ensino e aprendizagem. Utilizando o ciberespaço como uma das estratégias de ensino, obtivemos, em 10 postagens no *Instagram*®, 502 visualizações, 342 curtidas e 756 comentários acerca da temática sexualidade, demonstrando interesse dos adolescentes pelo assunto abordado. Também foram produzidos seis jogos didático-pedagógicos voltados para o trabalho de orientação sexual, tendo sido observado o desenvolvimento de habilidades acerca da temática pelos alunos. Quanto ao uso da sala ambiente enquanto ação pedagógica, 98,2% dos alunos acharam pertinente o uso desta ação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem. Os resultados obtidos são sugestivos de que as metodologias didático-pedagógicas utilizadas tanto no ciberespaço, bem como no ambiente formal de ensino, colaboraram positivamente com o processo de ensino e aprendizagem, de maneira lúdica educativa, interativa e atrativa, favorecendo o desenvolvimento de habilidades, ressignificando o processo de ensino, viabilizando a apropriação de conceitos mais sólidos pelos alunos.

**Palavras-chave:** Ludicidade, Netnografia, Jogos didático-pedagógicos, Sexualidade adolescente, Ensino de biologia.

FILHO, J. A. C. **Estratégias de ensino sobre sexualidade, a partir de sequências didáticas, para alunos do ensino médio.** Projeto de pesquisa do mestrado profissional de ensino de biologia em rede nacional. Macroprojeto: Novas práticas e estratégias pedagógicas para o ensino de Biologia. Professora orientadora Dra. Karina Schmidt Furieri

### ABSTRACT

The school environment, as an institutionalized space, harbors social agents of different identities and with a high capacity of interactions, creating elements that converge and relate to each other promoting citizenship. Among these social agents featured at school, there are teenagers that way beyond a transitory phase of the individual's life, manifest important organic, mental, physical, behavioral and identity changes, fundamental aspects that leads them to adulthood. The main objective of this work was to analyze the use of a didactic sequence systematized with pedagogical teaching strategies to promote reflective actions on topics about sexuality among high school students of a state school in Teixeira de Freitas - BA. For this purpose, it was sought through quantitative approaches with descriptive objective, using netnographic and action research procedures to explore the pedagogical potential of applicability regarding the systematized didactic sequence in the teaching-learning process. Using cyberspace as one of the teaching strategies, we achieved 502 views, 342 likes and 756 comments in 10 Instagram® posts about sexuality, revealing the teenagers' interest in the subject. Six didactic-pedagogical games were also produced focused on the work of sexual orientation, and the development of skills by the students concerning this subject was observed. Regarding the use of the room environment as a pedagogical action, 98.2% of the students evaluated as appropriate the use of this pedagogical action in the teaching and learning process. The outcome suggests that the didactic-pedagogical methodologies used in cyberspace, as well as in the formal teaching environment, contributed positively to the teaching-learning process, in a playful, interactive and attractive way, promoting the development of skills, reframing the teaching process, enabling the appropriation of stronger concepts by students.

**Key words:** Playfulness, Netnography, Didactic-pedagogical games, Adolescent sexuality, Biology teaching.

## LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1** – INDICADORES DE INTERAÇÃO DOS ALUNOS NO CIBERESPAÇO (*Instagram*®) REALIZADO PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BAHIA .....64
- GRÁFICO 2-** ONDE OS ADOLESCENTES DA PESQUISA SE INFORMAM SOBRE SEXO? PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA .....67
- GRÁFICO 3** – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR AVALIANDO O INTERESSE DOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA SOBRE O ESTUDO DE BIOLOGIA NO CIBERESPAÇO (*Instagram*® e *Whatsapp*®) .....72
- GRÁFICO 4** – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR AVALIANDO AS HABILIDADES DESENVOLVIDAS A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DO *INSTAGRAM*® E *WHATSAPP*® COM ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA .....73
- GRÁFICO 5** – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR QUANTO AOS TEMAS TRABALHADO E NÃO CONHECIDOS NO *INSTAGRAM*® E *WHATSAPP*® COM ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA .....74
- GRÁFICO 6-** PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR AOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA QUANTO A ANÁLISE FEITA POR ELES SOBRE A COMPREENSÃO DO ASSUNTO DE BIOLOGIA TRABALHADO APÓS A PRODUÇÃO DO JOGO .....78
- GRÁFICO 7-** PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR AOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA SOBRE AS HABILIDADES DESENVOLVIDAS COM USO DA SALA AMBIENTE.....96
- GRÁFICO 8-** PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR AOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA SOBRE USO DA SALA AMBIENTE EM OUTRAS DISCIPLINAS.....97

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1-** POSTAGEM DAS NORMAS DE CONVIVÊNCIA E OBJETIVOS DO CIBERESPAÇO (*Instagram*® e *WhatsApp*®) REALIZADO PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO NO ANO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA .....60
- FIGURA 2-** INTERAÇÃO NO CIBERESPAÇO (*Instagram*® e *WhatsApp*®) COM TEXTO MOTIVADOR REALIZADO PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BAHIA .....61
- FIGURA 3 –** BARALHO DA SEXUALIDADE: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA.....84
- FIGURA 4 –** JOGO DOS PRAZERES: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA .....85
- FIGURA 5 –** QUEM É O PAI? : JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA.....86
- FIGURA 6 –** MITO OU VERDADE: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA.....87
- FIGURA 7 –** TWISTER DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA.....88
- FIGURA 8 –** O SEGREDO: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA.....89
- FIGURA 9-** MOMENTO DE INTERAÇÃO NA SALA AMBIENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE TODA A COMUNIDADE ESCOLAR FAZENDO USO DOS JOGOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.....90
- FIGURA 10 –** MOMENTO DE INTERAÇÃO NA SALA AMBIENTE COM O USO DOS

JOGOS CONFECCIONADOS PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE  
UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BAHIA  
.....92

**FIGURA 11** – SALA AMBIENTE: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA COM A  
COMUNIDADE DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA  
.....94

**FIGURA 12** – ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA  
ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA INTERAGINDO COM A EQUIPE DE  
ENFERMAGEM DURANTE A RODA DE CONVERSA SOBRE PROMOÇÃO DA  
SAÚDE E AUTOCUIDADO .....99

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1 - HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELOS ALUNOS DO II DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA, DE ACORDO COM AS ORIENTAÇÕES EDUCACIONAIS COMPLEMENTARES AOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: PCN+ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>82</b>
---	-----------

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular  
CMC – Comunicação Mediada por Computador  
CNS - Conselho Nacional de Saúde  
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais  
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
SD – Sequência didática  
SEC – Secretaria de Educação e Cultura  
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>24</b>
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	24
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>25</b>
3.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA O EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE .....	25
3.2 MÁLGAMAR O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E A PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL DE ENSINO.....	27
3.3 ADOLESCÊNCIA: FASE DE PROFUNDAS MUDANÇAS FÍSICAS, PSÍQUICAS E SOCIOCULTURAIS.....	30
3.4 SEXO E SEXUALIDADE: DIFERENTES DEFINIÇÕES NAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E CULTURAIS DOS INDIVÍDUOS .....	33
3.5 A ESCOLA COMO POTENCIALIZADORA DO AUTOCUIDADO E FOMENTADORA DE VIVÊNCIAS DA SEXUALIDADE.....	34
3.6 A GERAÇÃO CONECTADA AO MUNDO VIRTUAL.....	37
3.7 AS “FAKE NEWS”: UMA REALIDADE PRESENTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E NA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE .....	39
3.8 O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL EM DIFERENTES ESPAÇOS DE ENSINO COMO PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	40
3.9 O USO DE JOGOS DIDÁTICOS COMO MÉTODO PARTICIPATIVO NO TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES.....	43
<b>4 MÉTODOS.....</b>	<b>47</b>
4.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	47
4.2 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UNIDADE ESCOLAR.....	50
4.3 LOCAL DE ESTUDO.....	51
4.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	51
4.5 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	52
<b>4.5.1No ciberespaço .....</b>	<b>53</b>
<b>4.5.2 Na sala ambiente .....</b>	<b>54</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>56</b>
5.1 A ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA QUANTO A TEMÁTICA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR .....	56

5.2 O DESENVOLVIMENTO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO CONTIDAS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	57
<b>5.2.1 O uso do ciberespaço (instagram® e whatsapp®), no trabalho de orientação sexual.....</b>	<b>58</b>
<b>5.2.2 Os jogos didático-pedagógicos produzidos enquanto recurso metodológico no ensino de biologia sobre orientação sexual.....</b>	<b>75</b>
<b>5.2.3 A sala ambiente enquanto recurso metodológico no ensino de biologia sobre orientação sexual .....</b>	<b>89</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>114</b>
APÊNDICE A- DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS .....	115
APÊNDICE B – MATERIAIS DE SUPORTE PARA O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL DE ENSINO .....	125
APÊNDICE C - ORIENTAÇÕES SOBRE OS JOGOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS .....	128
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA SALA AMBIENTE ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	133
APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS JOGOS PRODUZIDOS ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	135
APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DO CIBERESPAÇO (INSTAGRAM® E WHATSAPP®) ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	137
<b>ANEXOS .....</b>	<b>139</b>
A – TERMO DE ASSENTIMENTO - TALE.....	139
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....	142
ANEXO C – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE.....	144

## 1 INTRODUÇÃO

O espaço escolar reúne agentes sociais distintos, multiculturais e com elevado potencial de interações humanas. Estas interações sociais criam elementos que convergem e se inter-relacionam, promovendo espaço formador na construção da cidadania. Sendo assim, a escola caracteriza-se como uma importante instituição sociocultural, política, econômica e ética, na qual os indivíduos ganham espaço para tornarem-se e exercerem a cidadania plena, respeitando um conjunto de códigos morais e éticos, fruto das construções históricas da vida em comunidade (BRASIL, 1998a). Compete à escola, a princípio, formar cidadãos reflexivos, ativos e questionadores da realidade social, com potencial de intervenção e posicionamento crítico, de maneira responsável e construtiva em diferentes vivências sociais, no qual o diálogo precisa ser um mediador de conflitos e de tomada de decisões individuais e na coletividade (BRASIL, 2012).

Enquanto espaço formal de ensino compete à escola, dentro de sua proposta pedagógica, buscar metodologias ativas e recursos de aprendizagem para ensinar os vários eixos do conhecimento humano que foram construídos ao longo do tempo, observando as transformações científicas e tecnológicas que avançam exponencialmente, alterando constantemente as relações tecnológicas, políticas, econômicas, sociais e ambientais. Desta forma, a escola tem o papel precípua e a responsabilidade dimensionada de trabalhar os vários saberes universais, além do seu papel formador do indivíduo em sua totalidade, enquanto sujeito ativo e reflexivo perante as mudanças que avançam de maneira célere (COSTA, 1999).

A escola, conforme apontado por Veiga (1998), abraça as vivências dos educandos e as aprimora em suas ações pedagógicas, haja vista que o educando precisa dominar habilidades que são desenvolvidas também no espaço escolar. A escola ensina conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que podem não ser oferecidos satisfatoriamente fora do espaço formal de ensino. Isto, de forma alguma, coloca a escola em um patamar diferente aos saberes presentes na comunidade, saberes transmitidos culturalmente de geração em geração.

A escola está inserida na comunidade, sendo uma extensão desta, carregando, portanto, as construções socioculturais e políticas de seu entorno. Os muros existentes nestes espaços de formação são puramente físicos, delimitando, quando muito, apenas um espaço geográfico, e não exercendo nenhuma barreira no trânsito de ideias e de saberes socialmente construídos

(BRASIL, 2002). Estes saberes são construtos históricos da comunidade, transmitidos pela vivência coletiva e, por isso, carregados de significados culturais. A escola recebe estes saberes e precisa contemplá-los em seu currículo, de modo a garantir a formação plena do educando dentro do processo de ensino e aprendizagem, ressignificando e respeitando a sua cultura e potencializando ações reformadoras na sociedade à qual os educandos estão inseridos (ADORNO, 1995).

Enquanto espaço plural de vivências, de ideias, de culturas, de costumes e de opiniões, a escola precisa abrir espaço para o diálogo, para mudança de paradigmas que são impostos, de forma que seu projeto educativo se torne projeto de vida para os alunos. Sampaio (1996) alude não ser possível pensar em uma escola unicamente como local de instrução, baseada em depósito de saberes que, devido às rápidas mudanças no campo das pesquisas, podem já não explicar satisfatoriamente os fenômenos existentes. Conforme argumenta Demo (2009) este espaço precisa ser personalizado, ganhar identidade própria a partir dos atores que o compõe de maneira socializada e construtiva, em um processo verdadeiramente educativo. Este papel educativo não é exclusivo da família e nem uma prerrogativa unicamente da escola. É justamente a confluência dos saberes produzidos na família com as conexões estabelecidas no espaço formal, numa relação dialógica (FREIRE, 1996), que o projeto educativo se torna autônomo e gerador de mais conhecimento, onde os educandos possam participar de sua construção cidadã, de forma engajada, prazerosa e autopoietica<sup>1</sup>.

Como espaço multicultural, plural em interações e fértil em saberes construídos culturalmente, Guerpelli (1996) sinaliza que não compete a escola promover ambiente excludente, estamental e unidirecional dentro de seu conjunto de normas e regras construídas e impostas por uma parcela única da sociedade. Estes espaços de relações sociais precisam albergar práticas políticas inclusivas dentro do seu currículo, com ações promotoras de respeito às diversidades socioculturais e estimuladoras de mudanças sociais e comportamentais, na qual o aluno seja partícipe destas mudanças, construtor de sua própria história e de sua identidade, vislumbrando a formação de um cidadão atuante em seu meio social.

---

<sup>1</sup> Termo cunhado em 1970 pelos biólogos Francisco Varela e Humberto Maturana que designa a propriedade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Posteriormente o termo foi usado na neurobiologia, sociologia e educação, designando, conforma apontado por Demo (2009) como aprendizagem autopoietica voltada à plasticidade cerebral que não se restringe a cópia da realidade externa, mas a reconstrução da imagem autorreferente.

Como forma de expressão orgânica, mental e comportamental, a sexualidade, enquanto manifestação do indivíduo, de forma individual e coletiva, desenvolve-se também no espaço escolar, nas relações que vão se estabelecendo entre os elementos que a constituem culturalmente. “A sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade mais do que com a biologia” (LOURO, 1998 p. 88). A sexualidade, enquanto forma de expressão humana, ultrapassa os limites físicos impostos pela escola ou por qualquer outra instituição social, intensificando-se e moldando-se a medida em que o sujeito se relaciona com a comunidade. Ela ganha espaço nas relações interpessoais e se concretiza na coletividade, perpassando as fronteiras do corpo orgânico e do ser biológico. A sexualidade acompanha a transformação do indivíduo em sua totalidade e, desta forma, também se transforma enquanto sociedade, haja vista o seu caráter dinâmico (CARACAS FILHO, 2010).

Dentro do espaço formador da escola, os alunos, bem como toda a comunidade escolar, constroem e vivenciam sua sexualidade, através das interações sociais estabelecidas. Neste ínterim, não é possível construir um Projeto Político Pedagógico (doravante PPP) que não contemple a educação sexual como parte integrante do currículo e dentro do processo de ensino e aprendizagem, haja vista que a sexualidade transcende o orgânico e se manifesta nas expressões verbais e não verbais do ser social. Compete à escola receber as várias manifestações da sexualidade dos integrantes destes espaços, promovendo metodologias ativas e eficazes que promovam a sua vivência plena, respeitando as diferenças individuais e coletivas, bem como o pluralismo de ideias e reforçando o respeito à individualidade, dentro de um conjunto de símbolos e códigos de ética coletivamente construídos (SAYÃO, 1997).

De acordo com Ponte (1997, p.1) “o papel fundamental da escola já não é o de preparar uma pequena elite para estudos superiores e proporcionar à grande massa os requisitos mínimos para uma inserção rápida no mercado de trabalho”. O papel da escola é perceber as rápidas mudanças sócio-científicas, tecnológicas e ambientais existentes no mundo globalizado e preparar todos os educandos, sem desmerecimento de nenhum grupo social, para serem inseridos de modo crítico, criativo e intervencionista numa sociedade cada vez mais plural e mais exigente de posturas ativas perante os conflitos que se apresentam rotineiramente, imbuídas de processos cognitivos que assegurem o contato construtivo com a ciência, a tecnologia, a economia e o meio ambiente (COSTA, 1999).

O objetivo norteador desta pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo descritivo, utilizando procedimentos etnográficos e de pesquisa-ação, foi analisar a utilização de uma sequência didática sistematizada como estratégia pedagógica de ensino na promoção de ações reflexivas sobre temas acerca da sexualidade entre estudantes do ensino médio de uma escola estadual de Teixeira de Freitas – BA.

A pesquisa envolveu 55 estudantes regularmente matriculados no segundo ano do Ensino Médio, tendo na tecnologia da informação, bem como em metodologias ativas uma ferramenta acolhedora de visões críticas e plurais, na qual os participantes da pesquisa pudessem ser protagonistas de ações reflexivas que promovessem mudanças na forma como a escola trabalha a educação sexual em seu currículo, com interferência mínima da imposição de valores sociais dominantes e na qual a estrutura orgânica do indivíduo não fosse o cerne das discussões realizadas, mas que servissem como ponto de partida na promoção de diálogos sobre as diferentes vivências dos adolescentes e sua aceitabilidade no espaço escolar.

Esta investigação teve suas origens ainda na graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura, a partir de observações realizadas durante os estágios de observação e de regência em sala de aula, na qual a orientação sexual ficava sob a custódia definitiva das disciplinas de Ciências, no Ensino Fundamental, e de Biologia, no Ensino Médio, em um contexto puramente orgânico, indo de encontro com a proposta dos documentos oficiais da educação nacional, entre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 2006), que orientam o trabalho da temática de orientação sexual como tema transversal de ensino.

Outrossim, o trabalho diário e persistente com os educandos enquanto professor de biologia ao longo de 16 anos de docência em escolas da rede estadual de ensino, bem como de escolas da rede municipal de ensino e também em escolas privadas na cidade de Teixeira de Freitas - BA, mostrou-me a necessidade de continuar o trabalho de orientação sexual no espaço escolar, a partir da observação de angústias dos educandos externadas de maneira tímida pelos corredores das escolas, bem como dos posicionamentos taciturnos dos mesmos frente às imposições sociais vigentes, interferindo negativamente na aprendizagem significativa dos conteúdos de biologia e, principalmente, na maneira do educando de se enxergar como autor do seu processo formativo, de maneira crítica, ativa e transformadora.

Ainda na graduação, através dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos nas unidades de ensino

da rede estadual, no ano de 2009, na cidade de Teixeira de Freitas – BA, pudemos perceber a forma tradicional como a temática da orientação sexual era trabalhada nestes espaços, na qual os educadores de formação específica da biologia priorizavam unicamente o indivíduo orgânico, desprovido de emoções e sensações e isolado das interações sociais (CARACAS FILHO, 2010).

A educação sexual era trabalhada como conteúdo descontextualizado, com ênfase nos órgãos genitais masculinos e femininos, e basicamente voltada para a reprodução, com posicionamento de inferiorização da figura feminina, bem como de grupos homoafetivos, e dominada por mitos que impediam o desenvolvimento saudável dos educandos até a idade adulta. Posteriormente, ainda na graduação, a temática se materializou como pesquisa científica, na qual foi possível averiguar que um trabalho sistemático e articulado de orientação sexual na escola, como tema transversal, pautado no diálogo entre professores e alunos, e utilizando metodologias variadas que os colocassem como participantes do processo educativo, foi possível ressignificar questões relacionadas à sexualidade, através da mediação dos conflitos surgidos, respeitando os valores e as vivências de mundo do adolescente e ressaltando a importância de valorizar o papel da mulher na sociedade e garantir o respeito dos grupos ainda marginalizados e estereotipados (CARACAS FILHO, 2010).

Sendo assim, a presente pesquisa justificou-se pela continuidade em buscar melhores metodologias para trabalhar a temática de orientação sexual em diferentes espaços de ensino, de forma que fossem respeitadas as variadas formas de vivência da sexualidade do adolescente. A discussão da sexualidade não se esgota nesta pesquisa, haja vista o seu caráter dinâmico e suas variadas formas de manifestação dentro de múltiplos espaços sociais. É importante ressaltar que dentro de uma mesma sala de aula existem múltiplas opiniões e diferentes posicionamentos de atuação dos sujeitos perante determinados temas da essência humana. Não existe a menor possibilidade de encontrar uma metodologia única que sirva para todas as turmas de ensino e para todos os alunos que adentrarão o espaço escolar, haja vista a dinâmica social e as múltiplas formas dos indivíduos em lidar com as mais variadas sensações humanas.

A sociedade é mutável em seu código de condutas éticas e de valores construídos, interferindo diretamente nas formas de manifestação das sexualidades. Dada à mutabilidade da sociedade, a escola também precisa perceber estas mudanças e trabalhá-las em seu contexto amplo, com

ações didático-metodológicas variadas que incentivem o convívio, o multiculturalismo, a história de vida, os diálogos, a aprendizagem significativa e ativa, com vistas à interação social, tendo na promoção de práticas reflexivas elementos que possam transformar a sociedade e o cotidiano do aluno.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Analisar a utilização de uma sequência didática sistematizada como estratégia pedagógica de ensino na promoção de ações reflexivas sobre temas acerca da sexualidade entre estudantes do ensino médio de uma escola estadual de Teixeira de Freitas – BA.

### **2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Construir e aplicar uma sequência didática com metodologias variadas dentro da temática orientação sexual.
- Promover debates e reflexões acerca da sexualidade em diferentes espaços de ensino;
- Verificar o uso das tecnologias da informação como estratégia de ensino ativo e participativo;
- Analisar o uso de jogos didático-pedagógicos produzidos pelos alunos como recurso metodológico ativo dentro da temática sexualidade.
- Investigar o uso de sala ambiente como recurso didático-pedagógico voltado para a orientação sexual.
- Investigar a existência da proposta de trabalho de orientação sexual como tema transversal no Projeto político pedagógico – PPP da Instituição de Ensino;

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA O EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE**

A Lei Federal nº 9394/96 da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional - LDB, em seu artigo 21 (BRASIL, 1996), também amparado pela Lei Federal nº 13.415 de 2017 (BRASIL, 2017), regulamenta e assegura a educação básica do indivíduo, sendo esta composta pela educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, garantindo a formação integral do educando, voltadas para o exercício pleno da cidadania, para a formação continuada, para o projeto de vida, bem como para o mercado de trabalho. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) instituída através de resolução Conselho Nacional de Educação – CNE, de 22 de dezembro de 2017 enseja como habilidade do projeto de vida do educando a valorização da diversidade de saberes e vivências culturais, bem como a apropriação de conhecimentos socialmente construídos e experiências individuais e coletivas que possibilitem aos educandos compreender as relações próprias do mundo do trabalho, fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu próprio projeto de vida enquanto sujeito, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (SILVA, 2017).

Esta formação visa integrar diferentes processos formativos, bem como diferentes projetos de vida que perpassam pelo espaço escolar, mas não exclusivamente, incluindo-se também a participação precípua da família, do convívio social, das relações de trabalho, dos movimentos sociais organizados da sociedade civil e das manifestações culturais, tornando-a um espaço multicultural (BRASIL, 1996).

O ensino médio é a etapa final da educação básica e, sendo assim, ela reúne indivíduos com idade entre 13 e 17 anos em média (ensino regular). É justamente esta a fase em que o educando encontra-se no período da adolescência, fase de extremas modificações orgânicas, acompanhadas de modificações psíquicas e comportamentais (CECCIM, 2006). Estas transformações biológicas, psicossociais e comportamentais do adolescente não são paralisadas enquanto a escola funciona. Elas se processam e ocorrem normalmente, enquanto as propostas pedagógicas vão sendo executadas pela escola (COSENZA, 2011). Desta forma, a sexualidade inerente ao sujeito pulsa no espaço escolar e transborda nas inter-relações construídas, saltando das páginas do livro didático e transcendendo as paredes da sala de aula,

manifestando-se através das músicas, das atitudes, dos gestos, das ideias, nos dizeres, nas formas de se vestir, de se posicionar, de olhar, ou seja, todas as ações ambientadas na escola ocorrem a partir da manifestação da sexualidade dos educandos e dos demais autores que compõe esse espaço formativo, influenciando decisivamente no processo cognitivo dos mesmos.

De acordo com os PCN's, compete à escola, ao definir seu projeto educativo proposto no currículo, definir as metodologias necessárias para trabalhar a orientação sexual no espaço escolar. Nestas propostas devem estar explícitas as ações que nortearão o processo educativo para a orientação sexual. Estas ações precisarão levar em conta as diferentes formas de manifestação da sexualidade do adolescente, levando-se em conta também a escolha dos conteúdos de maneira a integrar o ser biológico com o ser sociocultural, tendo por base o respeito à individualidade e ao pluralismo de ideias (BRASIL, 1998 a). Vale ressaltar que a proposta pedagógica de orientação sexual no espaço escolar deve levar em consideração o multiculturalismo e a individualidade de cada educando, devendo ser trabalhada de forma interdisciplinar, como tema transversal, dentro de todas as áreas do conhecimento humano, buscando proporcionar condições para que o adolescente vivencie esta fase de sua vida de forma saudável, cumprindo uma etapa decisiva que o conduzirá a vida adulta e a formação cidadã.

A construção da proposta pedagógica de orientação sexual no espaço escolar precisa ser construída coletivamente por todos os integrantes deste espaço de formação. É importante que a construção desta proposta pedagógica seja realizada por uma equipe multidisciplinar, formada por vários profissionais da comunidade, diretores, líderes de instituições sociais, alunos, e pelos profissionais da educação de todas as áreas do conhecimento, de forma que o construto seja oriundo de discussões dialogadas, pautadas no respeito a si próprio e ao outro, bem como na multiplicidade de saberes construídos coletivamente, permitindo que o educando, ao expressar sua sexualidade, possa ser guiado por seu próprio código de valores, ressignificando concepções e princípios presentes na sociedade (BRASIL, 1998 b).

A escola foi o lugar eleito para inserir, no processo educacional, a educação preventiva [...], o trabalho de educação preventivo ligado à sexualidade envolve a definição de diretrizes que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo escolar. Na realização da orientação sexual, são fundamentais, para a credibilidade das ações preventivas, posturas seguras e assertividade (GHERPELLI, 1996 p. 61).

Sendo assim, o trabalho de orientação sexual realizado no espaço escolar, além de não competir com a educação sexual que o educando recebe dentro do contexto familiar, deve ampliar esta formação inicial recebida de forma a complementá-la, estando assegurado a sua individualidade, sua formação integral enquanto sujeito crítico, reflexivo e formador de opiniões e significados. A sexualidade está atrelada ao espaço escolar, estando igualmente presente em outros espaços sociais, haja vista que a sociedade é constituída por cidadãos que, ao seu modo, também vivenciam sua sexualidade. Na escola, a sexualidade materializa-se nos diálogos, nas propostas pedagógicas, nas ideologias de gênero, nas discussões provocadas, no currículo, nas reuniões pedagógicas, no grêmio estudantil, enfim, não há como desvincular sexualidade e escola (LOURO, 1998).

Muitos debates, formalizados ou não, sobre concepções de gênero ocorrem na escola e são influenciados por ela. A visão do masculino e feminino, em um discurso mais sexista, contempla as questões puramente anátomo-fisiológicas, desconsiderando o contexto social formador do indivíduo e sua forma de se encarar nos padrões socialmente impostos. Discussões menos conservadoras entendem que gênero é uma construção social que vai além das características biológicas, estando intimamente ligada a componentes culturais e sociais que determinado grupo compartilha. É imperativo dizer que o (a) aluno (a), ao sair de sua casa, não deixa a sua sexualidade pendurada em um cabide do lado de dentro da porta. Pelo contrário, ele/ela transporta esta sexualidade juntamente com o arcabouço orgânico, integrando-o e formando-o enquanto indivíduo social (CARACAS FILHO, 2010).

Da mesma forma, Louro (1998) entende o espaço escolar como qualquer outra instância social. Sendo assim, ela contribui para discussão de questões variadas sobre a sexualidade, em todas as disciplinas escolares e ao longo de todo o processo formativo, visto que temáticas voltadas ao corpo, a gêneros e a própria sexualidade fazem parte do currículo escolar.

### 3.2 MÁLGAMAR O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E A PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL DE ENSINO

Já salientamos ao longo do texto que, de acordo com os PCN's, o tratamento despendido aos temas de orientação sexual deve ficar no plano e nas ações pedagógicas bem estruturadas. Desta forma, não compete aos professores responsáveis pelo trabalho de orientação sexual

tornarem-se conselheiros ou confidentes das ações praticadas pelos alunos em sua individualidade. O trabalho de orientação sexual deve estar muito bem sistematizado no PPP e no plano de ensino para que a individualidade do educando seja respeitada e jamais vilipendiada, haja vista que o professor também é um sujeito sexualizado, fruto de um construto sócio-histórico e, desta forma, possuidor de um conjunto de regras e normas construídas ao longo do seu projeto de vida (FIGUEIRÓ, 2009). Sendo assim, é preciso que o professor saiba delimitar as suas próprias concepções de vida daquelas concepções oriundas dos educandos ao longo de sua formação sócio-histórica.

Saviani (2003) ressalta que o homem não se faz homem naturalmente. Sendo assim, ele não nasce pronto. Ele não nasce sabendo ser homem ou mulher. Ele não nasce pronto para julgar os fenômenos que se apresentam naturalmente. Ele se constrói ao longo do seu desenvolvimento biológico, cognitivo, político, social e cultural, dentro das interfaces gestadas em sociedade. O homem não nasce sabendo pensar, agir, sentir, avaliar. Ele adquire estas habilidades ao longo do seu processo formativo em diferentes espaços de ensino, sendo que, um destes espaços, é a instituição escolar. Desta forma, o saber que diretamente interessa à educação institucionalizada, alicerçada em um PPP bem estruturado, é aquele que tem sua gênese no atrito das ideias do processo formativo, que resulta em trabalho educativo, de forma a repensar formas de ensinar, respeitando a construção do indivíduo, numa prática de ação-reflexão-ação (GADOTTI, 2000 a).

Os casos específicos de vivências pessoais conflituosas de alunos, observados pelos professores ao longo do trabalho pedagógico de orientação sexual, devem ser encaminhados a profissionais especializados, haja vista que o processo de construção da aprendizagem exige a saúde integral do indivíduo. Neste caso, escolas que detém uma equipe multiprofissional, com psicólogos, psicopedagogos ou neuropsicopedagogos podem realizar um trabalho de orientação sexual muito mais direcionado e assertivo juntamente com os professores, sendo acionados para mediar conflitos existentes, na condução de melhores mecanismos de ajuda aos educandos, visando à aquisição de saberes e a construção de habilidades das diversas áreas do conhecimento humano (BERALDO, 2003).

De acordo com Quaglia *et al* (2013), o PPP da escola é a essência de toda a proposta pedagógica desenvolvida no espaço escolar, enquanto espaço institucionalizado, sendo construído a partir da integração de todos os agentes formadores deste *locus* de ensino. Este

documento norteia a política educacional no espaço escolar e, enquanto construção humana, o PPP não se estrutura dentro de uma perspectiva imparcial e neutra. Pelo contrário, em sua proposta político-educacional convergem visões sociais, política, ideológicas e culturais que influenciam totalmente o trabalho pedagógico. De acordo com Gadotti (2000 b), o PPP deve ser construído de forma interdisciplinar e de forma multicultural, envolvendo todos os componentes curriculares e todos os integrantes deste espaço formativo para que o produto final seja coerente com a pluralidade de ideias e o multiculturalismo existente no entorno da escola. No PPP projeta-se a intencionalidade da escola, a sua visão, missão e valores dentro do fazer educativo. Ele explicita o ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem, bem como o ponto de chegada, convergindo para um mesmo espaço toda uma gama de características da comunidade a qual a escola está inserida.

Cabe ressaltar que, de acordo com Cazelli e Coimbra (2013), no espaço formal de ensino existe interesse em medir diretamente o aprendizado, fazendo uso dos processos avaliativos presentes no currículo escolar que convergem unicamente para a aprendizagem, esquecendo-se de avaliar também o ensino. Já a educação em espaço não formal o interesse precípua está em medir a qualidade das experiências compartilhadas e suas consequências na vida dos indivíduos. Desta forma, as ferramentas utilizadas nestes espaços podem gerar uma resultante satisfatória dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Veiga (1998) aponta os caminhos para a estruturação e construção do PPP, devendo o mesmo ser gestado em um processo democrático de decisões, que organiza e sistematiza o trabalho pedagógico com vistas a superação de conflitos oriundos das relações inter-pessoais, buscando dirimir as relações competitivas, corporativas e autoritárias que possam desarmonizar o trabalho escolar. Enquanto documento democrático, o PPP rompe com perspectivas impessoais e racionalistas da burocracia entranhada na escola, amenizando os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

A essência do documento, ainda de acordo com Veiga (1998), está justamente em sua visão mais ampla do fazer educativo, desvinculada de concepções individualizadas e alicerçadas em princípios éticos e morais de respeito às diferenças e de valorização do ser humano como processo em constante construção. Desta forma, o PPP organiza o trabalho pedagógico de toda a escola e de todos os sujeitos que integram este espaço formal de ensino, interna ou

externamente, visto que a escola se relaciona com o contexto social e cultural intra e extra muros e, desta forma, ele preserva a visão de totalidade da comunidade. Em outras palavras, o PPP organiza o trabalho pedagógico da escola na sua globalidade.

Enquanto documento oficial do fazer pedagógico e da essência política da comunidade escolar, o PPP precisa incluir a orientação sexual de maneira transversal em seu bojo estruturante, traçando diretrizes para as ações de ensino e aprendizagem que serão desenvolvidas ao longo do processo pedagógico de ensino. Entre estas ações voltadas para o trabalho de orientação sexual estão as rodas de conversa com adolescentes, as apresentações teatrais de temas variados, as exposições musicais, as oficinas de integração de saberes socializados, a criação de salas temáticas, a atuação de profissionais da área de saúde no espaço escolar, as políticas internas de inclusão, a exposição das artes produzidas pelos educandos e muitas outras ações que acabam por amalgamar o PPP com o trabalho de orientação sexual. Estes são apenas alguns exemplos de ações voltadas para o trabalho de orientação sexual que precisam estar contempladas no documento norteador da escola, devendo as mesmas serem trabalhadas de forma multidisciplinar, e jamais como atividades isoladas de uma disciplina ou de um professor escolhido aleatoriamente (BARROS, 2013).

### 3.3 ADOLESCÊNCIA: FASE DE PROFUNDAS MUDANÇAS FÍSICAS, PSÍQUICAS E SOCIOCULTURAIS

De acordo com Heidemann (2006) a puberdade é um estágio de profundas transformações biológicas pelas quais o indivíduo passa. Essas transformações anátomo-fisiológicas, desencadeadas pela maior produção e secreção de hormônios hipofisários e hipotalâmicos ao final da infância, conduzirá o indivíduo até a idade adulta. Contudo, nesse intervalo orgânico, o indivíduo também passará por mudanças comportamentais e psicossociais, fruto de sua interação social mediada pelo convívio social. A esta fase de mudanças biológicas mais intensas, provocadas pelos hormônios sexuais, chama-se puberdade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a adolescência, do ponto de vista cronológico, como o período compreendido dos 10 aos 19 anos de idade. No Brasil, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em sua Lei Federal 8.069, de 1990, o período da adolescência está compreendido dos 12 anos até os 18 anos de idade, quando o jovem adquire

a maioria legal. Contudo, aos 16 anos de idade, o jovem adquire o direito de voto em todas as eleições nacionais para escolha de representantes políticos nas esferas municipais, estaduais e federais (EISENSTEIN, 2005). É importante salientar que a delimitação da idade cronológica do período da adolescência tem como objetivo agrupar os adolescentes de modo a facilitar o controle estatístico por autarquias, elaborar estratégias de políticas públicas, levantar dados epidemiológicos, bem como elaborar programas de assistências sociais específicas para este grupo. Contudo, o critério cronológico não leva em consideração as manifestações individuais, nem as características psicossociais manifestadas em diferentes formas por este grupo social, influenciados pelas mudanças orgânicas e comportamentais desencadeadas pelos hormônios e pelas construções sociais (BRASIL, 2007).

As mudanças influenciadas pelos hormônios gonadotróficos proporcionarão nesta fase da puberdade o que os especialistas do desenvolvimento chamam de “estirão” pubertário, com aumento dos tecidos muscular e ósseo, acompanhando do desenvolvimento das características sexuais secundárias, tanto nos meninos quanto nas meninas. Também nesta fase ocorre uma extensa modelagem do cérebro, no qual milhões de conexões sinápticas nervosas vão sendo criadas na medida em que o adolescente vai sendo estimulado pelo meio. Esta plasticidade cerebral garante a aquisição de habilidades que proporcionarão o aprendizado significativo na juventude (HEIDEMANN, 2006). A neurociência já compreende as formas como ocorre o processo de aprendizado, através de modificações orgânicas próprias do metabolismo do indivíduo desencadeadas por ações hormonais, sendo estimulados pelo convívio social, em suas interações e inter-relações, proporcionando a construção de conhecimento ressignificado e autopoietico a partir da apropriação das habilidades necessárias para executar atividades variadas.

Dentro da psicologia do desenvolvimento humano desenvolvida, entre outros, pelo biólogo e psicólogo Jean Piaget (1896-1980) o período da adolescência caracteriza-se pelas operações formais, na qual o indivíduo consegue fazer abstrações, ou seja, passar do pensamento concreto para o abstrato, no plano das ideias, independente de referências concretas (BOCK, 2002). É uma etapa do desenvolvimento humano pela qual o adolescente precisa passar, estimulado pelas interações sociais e grupais, mas também por um movimento interno, de profundas abstrações e formulações de juízos de valor, julgando-se a si mesmo e ao mundo que o cerca, podendo posicionar-se de múltiplas formas acerca de um problema vivenciado. É o que Demo (2009) chama de aprendizagem autopoietica, de dentro para fora, a partir dos

estímulos promovidos pelo meio, conforme já salientado.

O cérebro do adolescente, assim como todos os órgãos do sistema nervoso central e periférico, influenciado pelos hormônios do crescimento, desenvolve-se na medida em que as transformações da puberdade se processam. Acompanhando o crescimento da massa cerebral e da ativação de áreas do córtex cerebral, aparecem as mudanças comportamentais, na personalidade, no raciocínio lógico e emocional, não antes sentida de forma tão intensa pelo adolescente e pelos indivíduos que o cercam (MANNA, 2007). Estas mudanças de comportamento da adolescência conduzem o indivíduo em direção a adultez<sup>2</sup>, sendo refletida durante toda a vida do indivíduo.

O sistema reprodutor masculino e feminino também acompanham o desenvolvimento da estrutura corporal do adolescente, na medida em que surgem as primeiras mudanças anátomo-fisiológicas a partir da secreção e liberação dos hormônios sexuais. Esta é uma fase do desenvolvimento do indivíduo em que o organismo está preparando-se para a reprodução. Nos homens, o período orgânico que evidencia o desenvolvimento das gônadas para a reprodução é a produção de espermatozoide pelos testículos. Neste período, os meninos podem presenciar as primeiras ejaculações na medida em que vão sendo estimulados. Nas meninas, a maturação das gônadas é observada com a menarca, mostrando que o organismo já está fisiologicamente e anatomicamente preparado para gerar nova vida (LOPES, 2001). Contudo, estudos da neurociência já mostram que, mesmo biologicamente preparados para gerar filhos, os adolescentes ainda não se formaram de maneira integral do ponto de vista cerebral, comportamental e não adquiriram todas as habilidades necessárias para exercer uma ação própria da idade adulta (COSENZA, 2011).

Sayão (1997) argumenta que as transformações físicas, comportamentais e psicossociais pelas quais os adolescentes passam são acompanhadas de outras sensações: desejos e curiosidades em explorar o ambiente interno e externo em sua totalidade. Dentro deste universo de sensações, a sexualidade ganha novos contornos no convívio social e surge o desejo do sexo e do toque, não apenas com caráter exploratório, mas motivado pela busca do prazer sexual.

De acordo com Aberastury e Knobel (1985), essas transformações da adolescência faz com

---

<sup>2</sup> Terminologia discutida por Arnett (2000) que define um novo período de desenvolvimento humano situado entre os 18 e os 25 anos de idade. Período marcado por intensa plasticidade, volatilidade e heterogeneidade que caracterizam o desenvolvimento humano, tornando-o distinto da adolescência sem que, contudo, estes tenham assumido completamente as responsabilidades da vida adulta.

que os mesmos investiguem o corpo num processo de autoconhecimento, através da manipulação dos órgãos sexuais que desembocam na descoberta das potencialidades do sexo. É a fase em que os desejos manifestados são muitas vezes contidos ou mesmo reprimidos pelo conjunto de regras dominantes pelos espaços institucionalizados.

#### 3.4 SEXO E SEXUALIDADE: DIFERENTES DEFINIÇÕES NAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E CULTURAIS DOS INDIVÍDUOS

É muito comum a confusão que se faz entre os conceitos de sexo e sexualidade. Conforme argumentam Silveira e colaboradores (2010), até mesmo educadores os confundem e acabam fundindo essas duas manifestações humanas que se complementam intimamente, mas que, em suma, são totalmente diferentes. Baseando-se exclusivamente em um conceito totalmente voltado ao sexo, a escola acaba cerceando o direito precípuo dos adolescentes em vivenciar a sexualidade, imaginando esta tratar-se de atos libidinosos e que por isto, precisam ser coibidos. Nascimento (2008) mostra a necessidade de se preparar professores para trabalhar efetivamente com a orientação sexual na escola, tendo em vista que muitos ainda sentem-se despreparados para abordar a temática. O professor, sendo sujeito sexualizado, precisa refletir sobre seu posicionamento dentro do espaço de formação, de modo que não ocorram transmissões de valores, crenças, vivências pessoais e opiniões expressas como verdades absolutas, diminuindo a importância do construto da sexualidade do educando.

O processo de construção social dos indivíduos, de acordo com Maia e Ribeiro (2011), é influenciado pelas atitudes, valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que permeia cada pessoa desde o seu nascimento. Cabe ressaltar que sexualidade é diferente de sexo. Apesar de serem palavras originadas de uma mesma raiz gramatical, elas possuem significados bastante distintos e bem abrangentes. Sexo está mais intimamente relacionado à relação sexual propriamente dita, pela busca de sensações mais momentâneas e, por vezes, mais instintivas. Já a sexualidade transcende a atividade corporal, conforme apontado por Maia (2008):

[...] a sexualidade humana não é um ato natural, mas é construída socialmente pelo contexto cultural, [...] por isso a sexualidade implica na relação entre a subjetividade e a atividade corporal, mediadas pela cultura. [...] Sexualidade e Sexo são fenômenos culturais na medida em que expressam as relações sociais e políticas que inevitavelmente medeiam o modo como as pessoas experienciam seus corpos, prazeres e desejos, incluindo o fato de que tais experiências são construídas em relação a determinadas ideias normativas (MAIA, 2008, s/p).

Apesar de a sexualidade ser uma manifestação humana que busca o prazer em suas relações, ela difere do sexo pelo fato de este ser um ato intimamente ligado ao prazer hedonista. Já a sexualidade é muito mais ampla e mais abrangente que o sexo, envolvendo os valores morais que cada sociedade produz frente ao comportamento sexual do indivíduo e as manifestações particulares do ser socialmente integrado (FIGUEIRÓ, 2009).

O desenvolvimento da sexualidade é importante para o próprio desenvolvimento integral do indivíduo, tanto nos aspectos biológicos quanto culturais e afetivos. Neste sentido, não há como negar a sexualidade dos adolescentes. Ela é intrínseca do ser humano. Está inserida nas variações comportamentais, nas relações interpessoais, na forma de falar, de se vestir, de agir, de criar, de perceber o mundo e de pensar do adolescente. Assim como o aprendizado, a sexualidade será construída na interação do indivíduo com o meio social, nas interfaces culturais (SAYÃO, 1997).

A sexualidade vai sendo construída de dentro para fora, a partir dos estímulos que o indivíduo recebe do convívio em sociedade, dos grupos e das tribos criadas em torno de pensamentos comuns compartilhados. Contudo, conforme aponta Louro (2000), a sexualidade vai além da visão pessoal e privada do indivíduo, constituindo-se num campo político, discutido e disputado. “[...] Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível está implícito um amplo exercício de poder que, socialmente, discrimina, separa e classifica (LOURO, 2000. p. 86)”.

Deste modo, a sexualidade precisa ser entendida, como aponta Sayão (1997), no âmbito da construção histórica e da formação da cultura de cada povo. Neste aspecto, as identidades sexuais deixam de ser compreendidas como resultados unicamente fisiológicos, corporificados do indivíduo, passando a ser entendidos como construtos das relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias socioculturais.

### 3.5 A ESCOLA COMO POTENCIALIZADORA DO AUTOCUIDADO E FOMENTADORA DE VIVÊNCIAS DA SEXUALIDADE

As manifestações da sexualidade ocorrem dentro da própria dinâmica das relações que se desenvolvem entre os integrantes da sociedade, seja dentro da família ou dentro dos círculos

de afinidade que são formados. Estas manifestações também ocorrem no âmbito escolar e se intensificam dentro dela, sendo necessárias para que a escola se posicione de forma consciente sobre as referências e os limites com os quais ela lidará com estas expressões dos educandos em seu PPP e em seu currículo. Saber lidar com estas ações humanas é fundamental para alcançar êxito dentro do processo de ensino e aprendizagem, visto que expressões desta sexualidade podem ser encaradas pela escola como “pouco saudáveis” para o desenvolvimento dos alunos (BRASIL, 1998 b).

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (BRASIL, 1998 p. 292).

Sendo a escola um espaço institucionalizado de ensino, todas as atividades pedagógicas e curriculares ocorridas dentro dela, levam em consideração a promoção integral do indivíduo, com formação nas diversas áreas do conhecimento humano, discutindo saberes historicamente e socialmente construídos, os quais se tornaram necessários para a construção das tecnologias humanas desenvolvidas ao longo dos séculos. Compete a escola não apenas repensar, discutir e refletir sobre as construções destes conhecimentos historicamente e socialmente construídos, mas também promover nos alunos condições para produzir novos conhecimentos, novos saberes que tenham ação direta na sociedade, moldando-a e repensando-a em seus modelos de posicionamento social, político, econômico e cultural (LUCKESI, 1996).

Furlani (2013) destaca que o cerne da educação sexual a ser desenvolvida no espaço formal de ensino está voltado a ação de romper com as chamadas “verdades universais” ou “verdades únicas”, impostas por um grupo detentor de poderes usurpados da coletividade e que, por isso mesmo, não refletem todo o pensamento humano. Além disso, a escola precisa desmistificar modelos hegemônicos de dominação, que determinam como “sexualidade normal” aquela praticada pela maioria da sociedade, fruto de construções patriarcais de poder centralizador, que evidenciam os interesses e jogos de poder existentes ao longo de sua construção social com diálogo unidirecional.

Contudo, a escola, enquanto espaço formal de ensino, também carrega formas próprias e normas de funcionamento, manifestadas em suas linguagens, em seus gestos, em sua posição hierárquica de poder frente aos agentes presentes neste espaço, nas suas estratégias em lidar com as posições ideológicas existentes no seu entorno, recebidas de forma individual ou

coletiva. Em outras palavras, a escola não apenas recebe e trabalha com diferentes posicionamentos socioculturais. Ela, enquanto espaço formador, produz e reforça sua cultura própria, manifestada de forma plural em suas atividades pedagógica (PIZZI; ALVES, 2010).

O trabalho de orientação sexual na escola pode e deve ser desenvolvido por meio de metodologias participativas e investigativas que aproximem professores e alunos, buscando, no diálogo com o adolescente, melhores ações pedagógicas que garantam o exercício e a manifestação da sexualidade, de forma ativa e reflexiva, buscando alternativas viáveis para enfrentar obstáculos que podem surgir nesta experimentação de mundo (GUERPELLI, 1996).

Sendo assim, construir um currículo que favoreça a educação voltada para a saúde, com predomínio do autocuidado e da promoção da saúde individual e coletiva é fator essencial para o desenvolvimento da sexualidade adolescente no espaço escolar, alicerçado no diálogo, nas reflexões de posturas impostas pelas instituições, na reformulação de valores e códigos de conduta, dentro de princípios éticos e morais (SAYÃO 1997).

A escola precisa, de acordo com Krasilchik (2004), incluir em sua proposta curricular ações de orientação sexual que ultrapassem o ser biologizado. As estatísticas internacionais demonstram que os elevados índices de gravidez não planejada e de Infecções sexualmente transmissíveis entre os adolescentes vão além do simples desconhecimento do assunto. Para além disso, e aliado a isso, está a falta de diálogo dos adolescentes com a família e também entre professores e alunos (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Convém acrescentar que o espaço escolar, dentro do seu currículo formal, possui um conjunto de códigos e regras, em parte construído pela ideologia social dominante, podendo ter um caráter mais conservador e sexista quanto às manifestações da sexualidade. A construção do currículo escolar pressupõe debates e, desta forma, não pode deixar de ser discutido e revisto por aqueles que trabalham as propostas pedagógicas de ensino. De acordo com Foucault (2008) o espaço escolar ainda detém e mantém mecanismos que conduzem ao disciplinamento das mentes e dos corpos sociais dos sujeitos. Dentre estes mecanismos de poder, destacam-se: a avaliação eliminatória e classificatória; A disposição restritiva dos indivíduos no espaço escolar e na sala de aula; As regras de comportamento uniformizadoras adotadas neste espaço físico que a princípio garantem uma orientação direcionada e pautada em regras sociais dominantes vigentes. Sendo assim, a escola carrega a batuta disciplinatória

do tempo e do conhecimento que será norteador no espaço escolar. Este posicionamento ideológico, por vezes cerceador da escola, precisa ser repensado por educadores preocupados em produzir conhecimento reflexivo, crítico e ativo, conhecimento transformador do espaço social, com vistas à promoção do autocuidado.

### 3.6 A GERAÇÃO CONECTADA AO MUNDO VIRTUAL

A sociedade pós-moderna, na qual a escola está inserida, está cada vez mais conectada com os ambientes virtuais e com as comunicações em rede, no que se denomina de redes sociais. A internet e as tecnologias da informação chegaram a todos os espaços sociais e a todos os segmentos da sociedade, principalmente da juventude, que se desperta diante de um mundo virtual, dinâmico, interativo, lúdico e que se torna cada vez mais real dentro da construção social (SILVA; SERAFIM, 2016).

As comunicações sociais em rede, através das redes sociais como: *orkut, facebook, instagran, blogs, twitter*, sites de busca, aplicativos variados, entre outros, democratizaram as formas de acesso às informações produzidas exponencialmente ao redor do mundo. Essas comunicações em rede, que utilizam o ciberespaço como local social, promovem discussões, debates, posicionamentos, enfrentamentos, tomadas de decisões, autorreflexão, sinergismos, empatias, enfim, são locais que ganharam amplo espaço na sociedade, estando atualmente em uma posição indissociável dos fazeres e dos sentimentos humanos, dada sua capacidade interativa e criativa (ARAÚJO, 2014).

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (RECUERO, 2009, p, 5).

Os jovens estão altamente conectados ao ciberespaço, e fazem conexões virtuais tão rapidamente quanto suas conexões sinápticas realizadas no cérebro. Contudo, como apontam as pesquisas em educação, a escola não acompanha esse ritmo de expansão das tecnologias da informação, estando seu currículo ainda pautado em metodologias tradicionais construídas em séculos passados. A maioria das escolas proíbem seus alunos de utilizarem às tecnologias da informação como ferramentas pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem. A escola reluta em aceitar o fato de que, apesar de fundamental para a construção do

conhecimento, ela deixou de ser o centro do saber e a única forma de aquisição de informações. Em outras palavras, a escola torna-se obsoleta em um mundo virtualmente conectado e cada vez mais atualizado (SILVA; SCHEIBE, 2017).

Demo (2009) afirma que não é mais possível à escola negar o poder formador, reformador e integrador da internet e continuar distante desse poderoso recurso tecnológico. Não há mais como procurar subterfúgios para retardar a valiosa cooperação entre educação e as tecnologias da informação e comunicação – TIC's. As práticas metodológicas exercidas nos espaços de ensino não podem mais continuar ignorando a presença do ciberespaço na vida do educando, fornecendo um conhecimento obsoleto, ultrapassado, desmotivador e desprovido de relações práticas com o mundo virtual. O autor ainda salienta que a proposta pedagógica tecnologicamente correta teria a capacidade de estabelecer com as novas TIC's a cooperação marcada pela reciprocidade respeitosa e produtiva com a qual os adolescentes tanto se identificam. Até mesmo o trabalho diário do professor em seu fazer pedagógico, em seu planejamento dos conteúdos, na procura por metodologias diferenciadas, torna-se difícil sem a participação das TIC's. Estar conectado atualmente ao ciberespaço chega a ser uma forma de estar presente no mundo atual. Estar desconectado do mundo virtual é estar isolado das informações que são gerenciadas a cada segundo no mundo todo, conforme apontado por Silva e Serafim (2016).

Porto (2006) destaca potenciais positivos e importantes das tecnologias da informação, em especial a internet, que garantem a aquisição das habilidades necessárias para a construção do conhecimento pelos educandos. Entre estes potenciais educativos das tecnologias estão: a rapidez com que as novas informações são postadas e processadas; a receptividade individualizada do jovem; a interatividade através das conexões que são estabelecidas no ambiente virtual; a participação; a hipertextualidade; a realidade virtual e ideológica manifestada de diversas formas.

Deste modo, a utilização das TIC's, enquanto recurso tecnológico e promotor de conhecimento deve ser incentivada e promovida pela escola, contemplada em seu currículo e materializada nas propostas metodológicas de ensino, visto que as tecnologias encantam os jovens e a sociedade como um todo. Uma escola conectada em rede favorece um olhar diferenciado do educando “atenado” às variadas tecnologias, tornando-se um espaço interessante, rico em informações que favorecem o processo de ensino e de aprendizagem e de

troca de experiências e vivências (DEMO, 2009).

### 3.7 AS “FAKE NEWS”: UMA REALIDADE PRESENTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E NA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE

A vida conectada em redes online faz parte do modo de viver das pessoas na atualidade, seja de forma direta ou indireta, e nos coloca em uma época de rápidas mudanças comportamentais com influência na cultura de um povo. De acordo com Castells (1999), a habilidade ou não em fazer uso do potencial tecnológico atual tem a capacidade de reestruturar a sociedade em ritmo acelerado, trançando a história e o destino social dessas sociedades de forma positiva ou negativa.

Desta forma, a vida pós-moderna constitui-se, em sua grande maioria, por uma teia de laços construídos em espaços cibernéticos, no qual os indivíduos vivem suas angústias, seus prazeres, emanam suas felicidades, criam laços de amizades, laços de relacionamentos amorosos, condutas de vida religiosa, relações de trabalho, de cunho político, ou seja, a vida virtual transforma-se cada vez mais em espaço real de relacionamentos, a ponto de não ser mais possível delinear o que é vida real de vida virtual (CASTELLS, 1999).

Porto e Santos (2014) dá ênfase a esse modo de viver conectado como modo de vida presente das pessoas. Nesses espaços sociais de relacionamento online o sujeito expõe sua subjetividade, divulgando imagens, textos, vídeos, músicas, comentando postagens, pavoneando condutas pessoais que não tangenciam as regras sociais dominantes, ou seja, as fronteiras do que é pessoal e do que é coletivo ampliaram-se, interferindo nas formas de posicionar-se frente à sociedade, bem como nas formas de ensinar e aprender. Além destas manifestações subjetivas, o ciberespaço também se torna local promotor de conhecimentos socialmente construídos, tendo alcance ilimitado em rede. As fronteiras de produção do conhecimento e de sua divulgação mudaram em poucas décadas. O acesso a uma nova informação está apenas a uma distância de um bit ou, em sua tradução literal, “*binary digit*” (LÉVY, 2000).

A escola não passa incólume nesta era pós-moderna e as formas de ensinar e aprender já não são mais prerrogativas do espaço escolar como salientado por Demo (2009). Basta observar

que, atrelado ao grande fluxo de informações aos quais os alunos estão expostos em redes sociais, existem as chamadas “*fake News*” ou notícias falsas, que exploram os mais variados sistemas de crenças das pessoas. Estas notícias falsas, veiculadas pela internet, que vem ganhando força nos últimos anos, são criadas com o intuito de ativarem áreas cerebrais que despertam a atenção dos indivíduos para determinados assuntos. Seus efeitos destrutivos e não mensuráveis reside no fato de que o cérebro não sabe, imediatamente, qual notícia é verdadeira ou falsa. A notícia postada gera interesse por parte do indivíduo, conduzindo-o a um estado de ansiedade, acionando mecanismos instintivos e minimizando o estado de consciência, justificando o comportamento impulsivo de passar à notícia recebida a diante (CARVALHO, 2017).

No entanto, na contemporaneidade, marcada pelas novas tecnologias da informação e pela comunicação mediada por computador, faz-se necessário ampliar as reflexões, observando outros ambientes e contexto interacionais. Desse modo, é plausível a necessidade de aprofundamento das discussões em torno de fenômenos sociais regidos pela CMC (comunicação mediada por computador), como, por exemplo, os Sites de Redes Sociais, buscando a compreensão sobre como se apresentam as conversas nesses ambientes e quais são particularidades existentes nas interações que lá ocorrem (PORTO; SANTOS, 2014. p. 211).

Com base nesta problemática surgida nas redes sociais, a escola precisa estar preparada para criar práticas pedagógicas que promovam a criticidade dos alunos para buscarem fontes seguras de informação, fugindo das armadilhas das “*fake News*”. O ambiente escolar é propício para trocas de informações e promoção de saberes que podem ser divulgadas nas redes sociais e supervisionadas pelos professores. Desta forma, é sempre bom ter a internet como aliada do processo de ensino e aprendizagem, visto que os alunos passam grande parte do seu tempo conectado nesse ambiente virtual. Promover discussões sobre temas como as “*fake News*” ajudam os alunos a desenvolverem senso crítico sobre o que é posto como “verdade” no ciberespaço (MÁRIO; SOUZA, 2015).

### 3.8 O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL EM DIFERENTES ESPAÇOS DE ENSINO COMO PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática (doravante SD), de acordo com Zabala (1998), enquanto documento sistematizado pelo professor e orientado epistemologicamente contém um conjunto de atividades e ações entrelaçadas ao conteúdo estabelecido previamente, tendo como eixo metodológico principal a prerrogativa de proporcionar aos alunos a observação dos fenômenos em estudo, a análise investigativa dos mesmos, de forma que os educandos

cheguem a uma conclusão de como o conhecimento de determinado assunto se organiza no tempo e no espaço, favorecendo, desta forma, um processo criativo e significativo da aprendizagem do sujeito.

Para o educador espanhol Zabala (1998, p. 18), as SD's são “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido, tanto pelos professores como pelos alunos”. Desta forma, a sequência didática é um fazer pedagógico organizado e sequenciado, tendo como foco os objetivos elencados para a aquisição de determinadas habilidades dentro de um tema proposto. Em outras palavras, a SD é um planejamento detalhado onde se tem uma série de itens dirigidos e organizados que conduzem a um fim determinado dentro do processo de ensino e aprendizagem e no qual o professor tem a possibilidade precípua de avaliar o processo de aprendizagem do educando de forma continuada.

A utilização da SD tem como objetivo facilitar o entendimento sobre o conteúdo proposto, dando ênfase ao protagonismo do aluno enquanto mentor de seu processo de aprendizagem. O procedimento de realização da SD é bastante interessante, pois ajuda o professor a organizar de forma coerente e adequada a utilização dos conteúdos conceituais, procedimentais, comportamentais e factuais em sua amplitude, permitindo um maior controle do processo de ensino e garantindo a aprendizagem mais significativa (SILVA; BEJARANO, 2013). É importante ressaltar que não existe uma normativa para a estruturação da SD. Isto não significa em hipótese alguma que este documento orientador não seja organizado de forma lógica, deixando evidente ao professor de que forma os alunos irão adquirir as habilidades de determinadas temáticas contidas no planejamento pedagógico. Este fazer sequenciado não tira a autonomia criativa do professor dentro do processo pedagógico, limitando-o ao passo-a-passo elencado na proposta. Pelo contrário, o professor tem a possibilidade de visitar o seu planejamento a partir das construções que vão sendo estabelecidas dentro da sala de aula.

Enfatiza Libâneo (1994) que o trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática, e deve fomentar o desejo pelo estudo, mostrando a importância do conhecimento socialmente construído para a vida e para o trabalho, sempre respeitando a construção de mundo do educando. Há que se planejar intencionalmente e politicamente, com objetivos de aprendizagem claros, tendo ciência do lugar onde se pretende chegar dentro do processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, a SD deve ser dissecada, detalhada em blocos, lapidada

com embasamento teórico, permitindo ao professor e ao aluno enxergar os objetivos que se pretende alcançar ao final do processo. Ela também permite uma avaliação sequencial dos alunos ao longo do processo de ensino, indo além de uma avaliação final do produto. Ainda mostra no decorrer do processo de ensino as habilidades alcançadas e a oportunidade de revisar as metodologias elencadas. Vale ressaltar também a importância do processo em detrimento do produto.

De acordo com Zabala (1998, p. 54), o valor educacional de uma sequência didática pode ser compreendido a partir do momento em que se tem o professor dominando cada uma das fases propostas, das atividades elencadas e das relações que se estabelecem entre conhecimento socialmente produzido e conhecimento de mundo do aluno. Sendo assim, podem-se incluir mudanças ou atividades novas que melhorem a SD, atendendo as necessidades dos educandos, com vistas à aprendizagem significativa. A SD não pode ser concebida como uma fórmula pré-estabelecida que dê certo em todos os momentos, com todos os alunos e com toda a comunidade escolar. É um caminho encontrado para percorrer atividades que foram desenvolvidas de acordo com a necessidade e características de cada turma, observando se os conteúdos são significativos e funcionais para os alunos (SILVA; OLIVEIRA, 2016).

Sendo assim, os autores supracitados destacam que o objetivo de se elaborar SD's é promover aulas sequenciadas que propiciem a reflexão e a análise de conteúdos dentro de um processo de autoaprendizagem criativa, no qual o aluno consegue analisar os fenômenos em estudo e inferir soluções e conceitos sobre os mesmos, ressignificando a aprendizagem. A sequência didática contribui para a construção de um novo olhar sobre o ensino e a aprendizagem, conduzindo não apenas a vivência do dia-a-dia de uma sala de aula com suas múltiplas características, como também a uma reflexão sobre o nível de desenvolvimento de cada aluno e a maneira como ele pode se relacionar com o que é proposto em termos didático-metodológico.

O trabalho de orientação sexual sistematizado na SD permite uma ação mais assertiva dentro do processo de ensino e aprendizagem, já que ele se estrutura em torno de objetivos bem elaborados pelo professor, contendo conteúdos necessários ao desenvolvimento da sexualidade adolescente de forma a complementá-la e avaliando de forma significativa todo o processo de construção do conhecimento e da aquisição de habilidades pelo educando (KRASILCHIK, 2004).

Para Gohm (1999), a educação ocorre no decurso de toda a vida do indivíduo, podendo ocorrer simultaneamente dentro dos espaços escolares, caracterizando-se como educação formal, e em espaços naturais e/ou espontâneos, chamados de espaços não-formais, no qual exista a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar uma escolarização em diferentes espaços, utilizando metodologias direcionadas ao fazer pedagógico com vistas a promover a formação plena do indivíduo.

### 3.9 O USO DE JOGOS DIDÁTICOS COMO MÉTODO PARTICIPATIVO NO TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES

A escola atual enfrenta um grande desafio dentro de sua estrutura didático-metodológica. Ela precisa aliar o interesse dos alunos pelos conteúdos historicamente construídos com metodologias ativas e atrativas que promovam um aprendizado significativo e prazeroso. Mesmo alicerçada em um ensino mais tradicional, a escola busca novas formas de ensinar e aprender dentro do seu fazer pedagógico, que promovam a motivação dos alunos pela aprendizagem. A postura mais tradicionalista de ensino da escola promove o desinteresse dos educandos pelas atividades desenvolvidas em sala de aula (CABRERA, 2006).

Conforme afirma Demo (2009), a escola deixou de ser atrativa porque não acompanhou a evolução da sociedade, tendo ficado aprisionada em um modelo de ensino meramente instrucionista. Contudo, existem muitos educadores preocupados em buscar soluções didático-metodológicas que possam assegurar uma educação mais prazerosa e mais significativa para os alunos, buscando inseri-los dentro do processo de construção do conhecimento.

Policarpo e Steinle (2008) enfatizam a necessidade de que as aulas sejam mais atrativas para os alunos, e que compete aos profissionais da educação buscar atividades diferenciadas, no intuito de transformar e melhorar qualitativamente o processo de aprendizagem. A procura por ferramentas metodológicas mais lúdicas, atrativas e que estimulem os alunos dentro do processo formativo já é uma realidade da educação brasileira, de forma a oportunizar aos alunos mecanismos que possibilitem a participação de forma mais efetiva e direta do processo, visando uma construção autopoietica da aprendizagem.

Destacam Santos (2001) e Maluf (2006), que os jogos didático-pedagógicos produzidos pelo professor ou pelos alunos dinamizam a aprendizagem e colocam o aluno como sujeito ativo e participativo do processo cognitivo, ressignificando a prática educativa, investigativa e construtivista do processo. Desta forma, a utilização de jogos pedagógicos vem se tornando um recurso metodológico que pretende complementar o processo de ensino e de aprendizagem, rompendo com o ensino tradicional, pouco atrativo e voltado para uma “educação bancária”, termo presente na obra Freiriana e que se preocupa em mostrar que mais do que ensinar conteúdos descontextualizados, a escola precisa ensinar para a vida do educando, num processo onde quem ensina, também aprende, numa troca dialógica de conhecimento.

Cabrera (2006) afirma que o trabalho com o lúdico, através de atividades físicas ou mentais, desperta ações psiconeurológicas, acionando os processos mentais, haja vista que o aluno ao brincar, jogar e interagir dentro de uma atividade pedagógica lúdica, ele também se desperta para o pensar de forma ativa, o agir e o sentir, aprendendo e se desenvolvendo intelectualmente e, desta forma, adquirindo as habilidades do processo educativo.

De acordo com os PCN's, mais do que fornecer informações aleatórias, a escola precisa trabalhar de forma concreta os vários saberes, de forma a desenvolver as habilidades que permitam ao aluno lidar com as informações, compreendê-las, elaborá-las e até mesmo refutá-las, dentro de um processo crítico e construtivo (BRASIL, 1998 b).

O uso de jogos didático-pedagógicos, como estimuladores do processo de ensino e aprendizagem, é destacado pelos PCN's (BRASIL, 2008), ao afirmar que:

Os jogos e brincadeiras são elementos muito valiosos no processo de apropriação do conhecimento. Permitem o desenvolvimento de competências no âmbito da comunicação, das relações interpessoais, da liderança e do trabalho em equipe, utilizando a relação entre cooperação e competição em um contexto formativo. O jogo oferece o estímulo e o ambiente propícios que favorecem o desenvolvimento espontâneo e criativo dos alunos e permite ao professor ampliar seu conhecimento de técnicas ativas de ensino, desenvolver capacidades pessoais e profissionais para estimular nos alunos a capacidade de comunicação e expressão, mostrando-lhes uma nova maneira, lúdica, prazerosa e participativa, de relacionar-se com o conteúdo escolar, levando a uma maior apropriação dos conhecimentos envolvidos (BRASIL, 2008, p.56).

De forma semelhante, Santos (2001) argumenta que os jogos didático-pedagógicos, quando bem orientados pelo professor, atuam de forma a estimular o pensamento, a competitividade

saudável (emulação). Também desperta o senso crítico dos alunos e permite o intercâmbio de ideias entre os componentes de um grupo organizado em prol da construção de um jogo e do próprio conteúdo sistematizado, fomentando um ensino lúdico. Isto acaba por tornar o processo de aprendizagem mais descontraído e proveitoso. O jogo didático-pedagógico coloca o aluno como autor de sua própria aprendizagem, visto que ele pesquisa, planeja, articula, discute, analisa, ou seja, a construção do jogo didático é um processo rico de aprendizagem significativa.

Valente e colaboradores (2005) alertam que os jogos não se resumem a simples atividades pedagógicas pré-determinadas pelo professor. É preciso um planejamento sistematizado de ações metodológicas com objetivos muito explícitos, para que a atividade não se perca durante o processo. Ainda de acordo com os autores, os jogos são agentes preponderantes de incentivo da criação de estratégias, elaboração de senso crítico, além de desenvolverem a confiança do aluno no processo criativo.

Maluf (2006) também ressalta a importância de utilizar os jogos no processo de ensino e aprendizagem, resignificando a prática educativa e construtivista do processo. Além disso, os jogos permitem aos educandos fazerem conexões entre os conceitos socialmente construídos com seus símbolos, a partir da construção do conhecimento significativo e transformador da realidade da sala de aula. Também auxiliam no processo de ensino, na medida em que permite o contato prévio da teoria a ser desenvolvida dentro da sala de aula pelo professor, em parceria construtiva com os alunos.

Ainda Martins e Braga (2015) e Miranda e colaboradores (2016) enxergam nos jogos didático-pedagógicos excelentes formas de instrumentos pedagógicos eficientes no processo de aprendizagem significativa, visto que eles elevam o nível de entusiasmo sobre o conteúdo trabalhado pelo professor, promovendo, assim, maior discussão da temática e entrosamento em sala de aula. Sendo assim, estes recursos didáticos permitem a apropriação de conhecimento significativo, favorecendo a construção da aprendizagem em sua totalidade.

É importante deixar claro que a construção do jogo didático-pedagógico sobre determinado assunto tanto pode ser feito pelo professor e trabalhado com os alunos em sala de aula, como também pode ser uma atividade orientada pelo professor, sendo que os alunos serão os mentores da construção dos jogos. Desta forma, os alunos conseguem se apropriar com mais

eficiência, das habilidades necessárias sobre determinado tema elencado no planejamento do professor (MIRANDA et al., 2016).

Deste modo, a participação dos alunos na elaboração de todas as etapas de construção dos jogos ajuda a desenvolver habilidades operatórias e concretas que asseguram a compreensão e a intervenção do educando nos fenômenos sociais e culturais. Isto permite maior abstração da temática proposta e garante a construção de conexões entre os fenômenos observados e sua aplicabilidade no cotidiano dos mesmos (ANTUNES, 1998).

## 4 MÉTODOS

### 4.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este trabalho propôs-se a elaborar, aplicar, explorar, investigar e avaliar variadas ações didático-metodológicas contidas em uma sequência didática. As ações da SD estiveram voltadas tanto para o espaço formal de ensino, bem como para o espaço não formal, visando o desenvolvimento de habilidades pelos educandos sobre a temática orientação sexual.

A SD representa o produto desenvolvido no presente Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional de Ensino de Biologia em Rede Nacional – ProfBio. As ações metodológicas da SD, chamadas de momentos educativos (apêndice A), reuniram recursos e metodologias variadas como: elaboração de jogos didático-pedagógicos, uso das tecnologias da informação e comunicação, roda de conversa ou “círculos de cultura”, criação de salas-ambiente ou salas temáticas, problematização de filmes e conteúdos variados voltados para a sexualidade adolescente.

Para isto, buscou-se através de abordagens qualitativas, com objetivo descritivo, utilizando procedimentos netnográficos e de pesquisa-ação, investigar o potencial educativo da aplicabilidade de várias estratégias de ensino na promoção do autocuidado, do autoconhecimento, bem como do respeito precípuo ao multiculturalismo.

De acordo com Demo (2001, p.148) “A pesquisa qualitativa impõe-se sempre que se trate de temas que se interessem mais pela intensidade do que pela extensão dos fenômenos, como é o caso de participação, comunicação, aprendizagem e felicidade”, manifestações espontâneas observadas no espaço educativo.

Ainda corrobora Moresi (2003), que as pesquisas de cunho quantitativo e qualitativo não necessariamente se apresentam como polos opostos de um mesmo fenômeno em estudo, mas sim, diferentes perspectivas de um mesmo fenômeno em análise. Desta forma, os elementos destas duas abordagens podem ser utilizados de maneira sincrônica em estudos mistos, garantindo maiores informações do que seria possível de ser atingido fazendo uso de apenas um modelo de pesquisa trabalhado isoladamente.

O objetivo exploratório da pesquisa, que segundo Queiróz (1992) também é chamado de estudo exploratório, é o de compreender a variável de estudo tal como ela se apresenta para o pesquisador, buscando seus significados, bem como o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que as variáveis do comportamento humano são mais bem entendidas no contexto social onde ele ocorre. Desta forma, o estudo exploratório tem um sentido geral diferente do aplicado à maioria dos outros estudos, visto que é realizado durante todas as fases de planejamento da pesquisa, destinando-se a obter respostas do universo em análise de modo a refletir verdadeiramente as características da realidade observada.

O presente trabalho adapta procedimentos metodológicos da netnografia, através da observação participante do pesquisador mediador, baseando-se em trabalho de campo online, bem como em contextos do espaço escolar, que aborde a temática da sexualidade do universo adolescente em diferentes espaços de ensino, buscando utilizar as ferramentas tecnológicas da informação para criar um ambiente acolhedor entre os participantes da pesquisa, conforme apontado por Kozinets (2014):

A netnografia é uma abordagem da pesquisa online de observação participante que segue um conjunto de procedimentos e protocolos distinto. A netnografia é apropriada para o estudo tanto de comunidades virtuais quanto de comunidades e culturas que manifestam interações sociais importantes virtualmente. Considerações norteadoras do uso e coordenação do campo de trabalho netnográfico e etnográfico incluem: o grau de integração de comportamentos sociais online e face a face focais, a relativa importância da observação corporificada em vez da autorrepresentação verbal ou de outro tipo, e a necessidade de identificação individual (KOZINETTS, 2014 p. 72).

A pesquisa do tipo etnográfica, firma-se na observação participante do pesquisador, sendo este o seu componente mais comum. A netnografia, uma expansão da etnografia, baseia-se nos trabalhos de campo online, utilizando-se desta ferramenta tecnológica para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno sociocultural vivenciado no espaço escolar, neste caso particular, das manifestações da sexualidade de adolescentes em espaços variados de ensino (KOZINETTS, 2014).

De acordo com Thiollent (1992) os procedimentos metodológicos da pesquisa-ação tem a prerrogativa de beneficiar os participantes da pesquisa por meio de processos de autoconhecimento e autonomia frente ao pesquisador, sendo que quando enfoca a educação em espaço formal, informa e ajuda nas transformações internas do processo em construção, perpassando a esfera da simples coleta de dados.

Segundo Elliott (1997), a pesquisa-ação permite superar os abismos existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e sua práxis, por isso favorecem amplamente as mudanças epistemológicas. Desta forma, os procedimentos que embasam a pesquisa-ação obrigam o pesquisador a adentrar o espaço da pesquisa, sendo totalmente influenciado pela dinâmica instalada, enquanto ele mesmo se transforma em um processo de autopeiose formativa.

Outros dois autores, Kemmis e Mc Taggart (1988) ampliam o entendimento do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa... (KEMMIS e MC TAGGART, 1988, p.248).

Assim, a pesquisa-ação é uma ferramenta metodológica extremamente utilizada em projetos de pesquisa voltados para a educação. Thiollent (1998) ressalta que, de posse das orientações metodológicas próprias da pesquisa-ação, os pesquisadores da área de educação teriam verdadeiramente condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais assertivo, inclusive no nível didático-pedagógico, promovendo ações e transformações de situações dentro da própria escola. Ainda de acordo com o autor, a pesquisa-ação é uma vertente da investigação social com base empírica, concebida e realizada em consonância com associação de ações voltadas para a solução de um problema coletivo no qual o pesquisador e os participantes da pesquisa estariam envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Outro recurso metodológico utilizado na coleta de dados foi o diário de campo ou de notas descritivo e reflexivo, na qual foram registradas as experiências observadas durante as várias fases da pesquisa, tanto no ciberespaço como também no espaço formal de ensino (sala de aula e sala ambiente). Entre os registros realizados no diário de bordo, destacam-se: Retrato dos participantes da pesquisa (aparência física); As visões de mundo do participante (visão religiosa, valores, elementos culturais etc); Reconstrução do diálogo (palavras, gestos, atitudes, expressões faciais, pronúncias, gírias); Descrição do espaço ambiente da pesquisa; Comportamento do observador durante a realização das ações; Descrição das atividades em

geral; Relatos de acontecimentos (as formas como se deram as ações da pesquisa).

Os dados obtidos foram analisados de maneira qualitativa, na perspectiva de Foucault da análise do discurso (FOUCAULT, 1986), haja vista que o indivíduo que fala, ou seja, que verbaliza seu ponto de vista sobre determinado assunto, o faz segundo a sua posição dentro de uma realidade vivenciada. Desta forma, esta é uma análise imersiva, que exige do pesquisador uma imersão no espaço analisado, exigindo que ele conheça a realidade pesquisada, de forma a contextualizar a fala do indivíduo.

Araújo e colaboradores (2013) deixam clara a relevância do diário de bordo na coleta de dados com o uso da pesquisa-ação:

[...], o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término (ARAÚJO et al., 2013, p. 54).

Como as interações que ocorreram nos espaços promovidos para discussão e vivência da sexualidade estavam carregadas de subjetividade, o diário de campo foi válido para registrar as variadas manifestações surgidas durante a pesquisa. Bogdan e Biklen (1997, p. 150) apontam que o diário de campo “é o relato escrito daquilo que o investigador vê, experiencia e pensa no decurso da coleta de dados”.

#### 4.2 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UNIDADE ESCOLAR

Como fonte de informações para a construção da SD dentro da temática orientação sexual, foram analisados os documentos oficiais existentes no arquivo da Unidade de Ensino, “*locus*” desta pesquisa, concernentes ao trabalho de orientação sexual no espaço escolar, sendo estes documentos compostos pelos planos de ensino, bem como pelo Projeto Político Pedagógico, que trazem orientações sobre as políticas educacionais adotadas pela escola. A análise do PPP foi realizada de maneira investigativa, seguindo orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2007; BRASIL, 1998).

### 4.3 LOCAL DE ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida com três turmas da 2ª série do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de educação localizada no município de Teixeira de Freitas – Bahia, inserida em zona urbana. Para este espaço de formação convergem estudantes de várias partes da cidade, bem como de municípios circunvizinhos ao referido município, permitindo um intercâmbio de culturas e saberes variados.

### 4.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta sala virtual, aqui denominado de ciberespaço, os alunos de 03 turmas (98 alunos regularmente matriculados) do segundo ano do Ensino Médio da rede Estadual de Educação, localizado na cidade de Teixeira de Freitas – BA foram convidados a participarem do grupo de interação no ciberespaço e, conseqüentemente da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (anexo A), de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), bem como do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (anexo B), haja vista que os alunos da pesquisa eram menores de idade, sendo imprescindível o respeito à dignidade humana como requisito precípua para a execução da pesquisa envolvendo seres humanos.

Contudo, após apresentação da temática de trabalho em sala de aula e dos objetivos da pesquisa, apenas 55 alunos concordaram em participar da mesma, tendo entregue os termos devidamente preenchidos e assinados. Além disso, foi solicitado a Unidade Escolar uma Declaração de coparticipação, assinada pela Direção Geral e pela Direção pedagógica da Instituição de ensino após apresentação da respectiva pesquisa e de sua contribuição para as ações pedagógicas da escola, além da Declaração de coparticipação do Núcleo de Educação Regional da Bahia (anexo C).

De um total de 98 alunos frequentes (100%) distribuídos em três salas de II ano do Ensino Médio de uma escola da Rede Estadual de Educação da cidade de Teixeira de Freitas - BA, 55 alunos (56%), na faixa etária de 15 a 17 anos, assinaram os termos concordando em participar do estudo. A aplicação da pesquisa iniciou-se no mês de Agosto de 2018 com a problematização da temática orientação sexual e a adesão dos alunos no ciberespaço, norteado por ações metodológicas presentes na SD elaborada (apêndice A), entre elas a construção dos

jogos educativos com posterior apresentação para a comunidade escolar em sala ambiente, além de rodas de conversa ou “círculos de cultura” promovidos dentro do espaço escolar.

#### 4.5 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática foi desenvolvida ao longo de 22 aulas (espaço formal de ensino), sendo a hora/aula de 45 minutos. Tendo como tema problematizador “Educação sexual para adolescentes: A visão da sexualidade para além do sexo biológico na promoção do autoconhecimento e do autocuidado”, as ações metodológicas foram divididas em dez momentos de aprendizagem, sendo que, após aplicação da ação, seguia-se a avaliação da proposta aplicada, permitindo ao professor-pesquisador verificar a aquisição dos objetivos de ensino e aprendizagem elencados.

A pesquisa ocorreu simultaneamente em dois espaços, o formal e o não-formal, assim denominados: o formal, no qual são desenvolvidas ações metodológicas no espaço escolar, contidos na SD, com objetivo de promover discussões acerca da sexualidade adolescente, e no espaço não-formal, utilizando a rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos – Instagram® e o aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas - WhatsApp®, sendo o professor administrador e mediador do grupo, facilitando o intercâmbio de ideias sobre vivências da sexualidade adolescente e a discussão de conceitos voltados para a orientação sexual dentro de uma proposta de promoção do autoconhecimento e do autocuidado elencadas na SD.

A SD norteou todo o trabalho desenvolvido no espaço escolar e nas redes sociais. *A priori*, a sequência segue as determinações pedagógicas da SEC do Estado da Bahia e está em consonância com os documentos oficiais, buscando atrelar desafios aos (as) alunos (as) de modo a permitir a progressão deles de um estado de menor para um de maior conhecimento, estimulando o protagonismo e a contextualização do tema.

Foram realizadas adaptações da proposta de sequência didática elaboradas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que voltam-se para ao modo de organização das atividades de ensino feitas pelo professor em função de núcleos temáticos e procedimentais, sendo apresentadas conjuntos de ações metodológicas organizadas de maneira sistemática. Este conjunto de ações

está explicitado no apêndice A.

#### 4.5.1 NO CIBERESPAÇO

Na ação metodológica da SD desenvolvida no ciberespaço, o professor-pesquisador acompanhou as postagens periodicamente, incentivando as discussões com temas inerentes a sexualidade adolescente através de postagens audiovisuais, como textos, músicas, vídeos, filmes, imagens, enquetes, informações jornalísticas (apêndice B), retirados de sites da web. Juntamente como o professor mediador, que foi o administrador do grupo, foram convidados 4 (quatro) alunos da mesma instituição de ensino pesquisada, para compor o grupo de administradores. Isso permitiu adequar a linguagem do grupo ao universo adolescente. A escolha dos alunos se deu mediante entrevista prévia feita pelo professor mediador acerca da afinidade destes alunos com as tecnologias da informação, sendo auxiliares na construção e manutenção da sala virtual. Os alunos administradores também faziam parte da pesquisa, tendo os mesmos assinados os termos de assentimento livre e esclarecido, bem como os responsáveis legais tendo assinado o termo de consentimento livre e esclarecido.

A sala virtual foi alimentada frequentemente pelo mediador e pelos administradores do grupo, com recursos audiovisuais variados da temática de orientação sexual, buscando fomentar a participação dos alunos dentro de um ambiente dinâmico, e com possibilidades de interações entre os componentes do grupo, buscando repensar práticas de ensino no espaço escolar.

A maioria dos conteúdos inseridos na sala virtual foram oriundos de sites variados e de blogs visitados de diferentes autores dentro da temática de sexualidade. Neste caso, os conteúdos puderam ser voltados para política, religiosidade, gosto pessoal, matérias jornalística, desde que tratassem da sexualidade. Puderam ser utilizados os levantamentos de Blogs sobre sexualidade e educação sexual feitas no ano de 2013 por Araújo (2014). A interação dos alunos através de comentários foram todos analisados utilizando os recursos existentes no *Instagram*® e do *WhatsApp*®, tendo sido feito *print screen* das postagens pelo professor mediador para posterior análise qualitativa.

Após a coleta dos dados netnográficos, foram utilizados como instrumento para análise dos dados e dos conteúdos, passos analíticos organizados em sequência, como sugerem Miles e

Huberman, (1994 *apud* KOZINETS, 2014). Esses processos são: codificação, anotações, abstração e comparação, verificação e refinamento, generalização e teorização.

#### 4.5.2 NA SALA AMBIENTE

Em outro momento, os alunos participantes da pesquisa foram convidados a fazerem parte das rodas de conversa ou “círculos de cultura”, em espaços dentro da escola. Estas dinâmicas, com temas elencados pelos próprios alunos no ciberespaço, foram mediadas pelo professor, que provocou os diálogos, sempre dentro da temática de orientação sexual.

A coleta de dados continuou enquanto a investigação esteve gerando novos entendimentos sobre a temática orientação sexual. A coleta de dados não ocorreu de forma isolada da análise de dados. Os dados foram incessantemente convertidos e separados na medida em que foram sendo registrados (KOZINETS, 2014).

As ações elaboradas e elencadas na SD foram avaliadas quanto à viabilidade destes aportes metodológicos nas aulas de biologia, de forma a amalgamar estas ferramentas metodológicas com os objetivos elencados nesta pesquisa.

Como uma das ações contempladas na SD, também foi proposta a construção de jogos didático-pedagógicos pelos alunos dentro da temática da sexualidade e sua exposição em sala ambiente construída no espaço formal da escola. Os jogos foram avaliados segundo as habilidades desenvolvidas pelos educandos na construção dos mesmos, seguindo as sugestões dos PCN+ para o Ensino Médio (BRASIL, 2002), contendo orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para a elaboração dos jogos, os (as) alunos (as) foram divididos em grupos de cinco e/ou seis pessoas. Cada sala ficou com cinco grupos, perfazendo um total de 14 grupos de trabalho nas três turmas de II ano. Os jogos deveriam obrigatoriamente contemplar as temáticas voltadas para o trabalho de orientação sexual, com regras de jogo elaboradas pelos próprios alunos (as) (apêndice C), além de permitir aos jogadores condição de vitória, empate e/ou derrota. A estética do trabalho, a relevância e a aplicabilidade do jogo eram pontos importantes na confecção dos mesmos. Para esta pesquisa, foram avaliados apenas os jogos dos (as) alunos

(as) que assinaram o TALE, bem como o TCLE. Sendo assim, dos 14 (quatorze) jogos produzidos, foram analisados nesta pesquisa 06 (seis) jogos quanto às habilidades desenvolvidas pelos alunos. Os outros 08 (oito) jogos, também foram avaliados dentro do processo pedagógico, mas os dados não foram expressos nesta pesquisa.

A sala ambiente foi avaliada pela observação do pesquisador quanto à frequência de alunos que participavam dos jogos apresentados, das interações ocorridas e da pertinência deste espaço como possibilidade de inseri-lo dentro da proposta curricular no trabalho de orientação sexual, tendo sido utilizado o diário de campo ou de notas descritivo e reflexivo na coleta dos dados obtidos na sala ambiente.

Durante todo o desenvolvimento da pesquisa, os alunos atuaram ativamente no processo, discutindo, refletindo e avaliando as metodologias utilizadas para o trabalho de orientação sexual. Os educandos também responderam a três entrevistas estruturadas (Apêndices D, E e F) sobre o uso das metodologias utilizadas durante a pesquisa, fazendo avaliação da pertinência dos jogos didático-pedagógicos e da sala ambiente. Foi adotada a simbologia “E” para identificar os (as) alunos (as) na exposição dos resultados da pesquisa.

Para Lakatos (1996), a entrevista estruturada é organizada em um questionário totalmente estruturado, na qual as perguntas são previamente formuladas, mantendo a preocupação de não permitir que o pesquisado fuja daquilo que se propõe analisar. Esta preocupação na elaboração do questionário reside na possibilidade de comparação utilizando o mesmo conjunto de perguntas, sendo que as diferenças de respostas obtidas vão refletir diferentes pontos de vista dos entrevistados e não a diferença nas perguntas.

As atividades prosseguiram durante todo o ano de 2018 até o final do ano letivo. No ano de 2019 foi dada continuidade a pesquisa, visto que os alunos do II ano foram promovidos por aprovação para a série posterior, dentro do processo pedagógico. Os resultados de todas as ações metodológicas estão explicitados a seguir.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 A ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA QUANTO A TEMÁTICA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR

Após leitura minuciosa e apreciação do PPP da instituição de ensino, “*locus*” desta pesquisa, constatamos que o mesmo se encontrava desatualizado, sendo sua última construção realizada no ano de 2013 para o triênio 2014-2017, não tendo sido revisitado e/ou complementado nos últimos anos. Contudo, este PPP serviu de parâmetro em nossa pesquisa para verificar a existência da proposta de trabalho de orientação sexual no currículo escolar da Instituição de Ensino. O que se observou no documento foi a total inexistência de pontos que assegurassem o trabalho de orientação sexual no espaço escolar, nem dentro dos eixos temáticos da área das ciências da natureza e suas tecnologias, nem de forma transversal. Não existia no documento a menor menção de nenhuma temática voltada para o trabalho de orientação sexual. Contudo, estava presente o ensino da anatomia e fisiologia do “*aparelho reprodutor masculino e feminino*” (escrito conforme consta no PPP), dentro do plano anual de ensino da disciplina de Biologia.

Desta forma, o PPP da Unidade de Ensino desvia-se das propostas estabelecidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN's que trazem orientações de promoção e de valorização aos direitos humanos mediante a sistematização de temas relativos a gênero, identidade de gênero, assim como a orientação sexual, dentre outras temáticas, buscando práticas que contribuam para a equidade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência que se apresentam (BRASIL, 2012). Enseja também ações pedagógicas que consigam contemplar toda a diversidade existente na sociedade, utilizando as práticas de ensino dialogadas e a participação efetiva da comunidade escolar.

Dentro deste contexto, Moreira e Candau (2003) afirmam que a escola é uma instituição cultural e, portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser dissociadas, concebidas de forma independente. Sendo assim, a escola não pode pensar um currículo ausente de identidade cultural. Neste sentido, o PPP, que norteia o currículo escolar, precisa convergir valores culturais de uma sociedade multicultural, buscando a igualdade, a tolerância e o respeito às diferenças, discutindo vivências dentro de sua proposta político-pedagógica como forma de dar autonomia cidadã aos atores que atuam nestes espaços democráticos.

De forma semelhante, Gadotti (2000 a) afirma que não existe PPP sem ação política. Neste sentido, todo PPP é também tendenciosamente político e está em constante construção, devendo ser revisitado periodicamente, buscando convergir para suas ações político-pedagógicas valores éticos ou morais. Isto possibilitará construir uma escola democrática, com princípios de tolerância às várias manifestações da sexualidade.

Em pesquisa realizada por Quaglia (2013), após análise do PPP de 49 (quarenta e nove) escolas municipais de Ensino de Maringá-PR, ficou evidente que em apenas 13 (treze) unidades escolares não foi verificado o trabalho de orientação sexual de forma interdisciplinar ou mesmo de forma compartimentada nas disciplinas de ciências e biologia. Ainda segundo a autora, a proposta de orientação sexual não estava sistematizada no PPP como ação pedagógica. Também não havia referências no documento quanto aos aspectos comportamentais dos alunos e nem para a subjetividade dos mesmos.

Quaglia (2013) ainda discorre que parte da comunidade escolar estudada não está valorizando às questões referentes a sexualidade dos alunos. Este negligenciamento da sexualidade pode estar relacionado à existência de tabus que ainda se fazem presentes no espaço escolar, pois alunos, professores e outros orientadores pedagógicos devam estar inclusos em um ambiente cultural que imprima resistência a um olhar mais significativo para a vivência da sexualidade no currículo escolar.

Conforme apontado por Guimarães (1995), grande parte das escolas no Brasil ainda reservam um ensino tradicionalmente conservador, deixando evidentes pontos não bem resolvidos em relação à inserção da sexualidade em sua proposta pedagógica. Ainda há nas instituições de ensino básico pudores ao se “falar de sexo” e fortes preconceitos sorrateiramente arraigados quanto à educação sexual.

A construção social dos educadores, segundo Sayão (1997), influencia diretamente em sua práxis pedagógica e, desta forma, no seu olhar sobre a educação sexual. Grande parcela dos educadores ainda demonstra uma visão mais biológica do indivíduo, desprovida de interações sociais, negligenciando o trabalho com a orientação sexual.

## 5.2 O DESENVOLVIMENTO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO CONTIDAS NA

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática (APÊNDICE A) utilizada durante a pesquisa foi composta de metodologias de ensino e aprendizagem ativas voltadas para o trabalho de orientação sexual, sendo desenvolvidas ao longo das ações propostas, tendo sido organizada em atividades de ensino em função do núcleo temático e procedimental da orientação sexual no espaço escolar. Esta SD balizou todo o trabalho desenvolvido na escola participante e no ciberespaço, buscando desenvolver uma aprendizagem significativa e mais ampla da temática no ensino de biologia. Os resultados obtidos estão apresentados a seguir.

### **5.2.1 O uso do ciberespaço (instagram® e whatsapp®), no trabalho de orientação sexual**

Nesta pesquisa foi proposto o uso das tecnologias da informação e comunicação que integrassem o trabalho desenvolvido na escola com o ambiente virtual dentro da proposta de orientação sexual. *A priori*, o aplicativo *Instagram*® e *WhatsApp*® foram utilizados como ferramentas metodológicas que auxiliassem no processo de ensino devido ao acesso fácil e rápido que os adolescentes possuem destas ferramentas, sendo aparatos dinâmicos e atrativos do público analisado.

O uso das TIC's rompe com os paradigmas tradicionais de ensino e alavancam o processo de modernização da escola, como pode ser notado no argumento de um aluno da pesquisa: E47 *“Faço uso das redes sociais diariamente. Tudo que preciso saber sobre educação, alimentação, roupas, filmes,...cultura no geral, relacionamentos e mais uma infinidade de coisas eu encontro na internet. Até os conteúdos das disciplinas da escola eu aprendo melhor nas vídeo aulas e nas páginas do descomplica<sup>3</sup>”*.

Moran (2000) volta-se para esta preocupação ao afirmar que “ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantém distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial (MORAN, 2000, p.143). Integrar as TIC's nos

---

<sup>3</sup> É atualmente a maior plataforma online de Educação no Brasil, oferecendo cursos variados voltados para a preparação dos Exames Nacionais, sendo disponibilizados em ferramentas de vídeo aulas. Também fornecem apostilas, materiais de estudo em PDF e audiovisuais.

processos de ensino e aprendizagem dinamiza a ação pedagógica, tornando o ensino lúdico e interativo e, por isso mesmo, mais atrativo (ARAÚJO, 2014).

No ciberespaço, o professor mediador-pesquisador alimentou o sistema *online* com um conjunto de normas de convivência (Figura 1), norteando os (as) alunos (as) a respeitarem os diferentes posicionamentos apresentados, solicitando-os a não dividir informações pessoais sobre sua intimidade. Obtivemos em todas as postagens realizadas pelos alunos o compromisso com as regras de uso do ciberespaço, sendo todas as discussões promovidas voltadas para temas gerais de orientação sexual, desvinculadas de informações pessoais.

Cunha (1998) ressalta a importância do papel do professor como mediador das ações desenvolvidas no espaço educativo, de forma que o conhecimento construído coletivamente com os alunos esteja em ambiente onde os mesmos sintam-se amparados, além de desafiados na busca de reflexões e de construções de ideias. Desta forma o aluno descobre-se dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Sobre o cumprimento das normas colocadas no ciberespaço, um aluno assim descreveu: E44 *“Eu fiquei preocupado no início quando o senhor falou em usar o Instagram para discutir temas de sexo. Nós temos um grupo de sala onde frequentemente nos desentendemos por divergir da opinião dos outros. Eu por exemplo não concordo com erotização e perversão colocados no grupo da sala. Mas com as normas impostas o senhor pode desligar do grupo aqueles que teimam em continuar fazendo essas postagens”*.

Compete a escola, de acordo com Ayres (1998), enquanto espaço de educação formal, o papel fundamental de orientação dentro da proposta de educação sexual preventiva, esclarecendo informações sobre as infecções sexualmente transmissíveis, entre elas o HIV/Aids, de forma a promover atividades voltadas para a reflexão da temática a partir dos conteúdos trabalhados pelo professor, bem como facilitar o acesso dos alunos aos recursos preventivos, quiçá em parcerias com os serviços de saúde localizados dentro das comunidades a qual a escola se insere.

Figura 1 – POSTAGEM DAS NORMAS DE CONVIVÊNCIA E OBJETIVOS DO CIBERESPAÇO (*Instagram®* e *WhatsApp®*) REALIZADO PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa no ciberespaço.

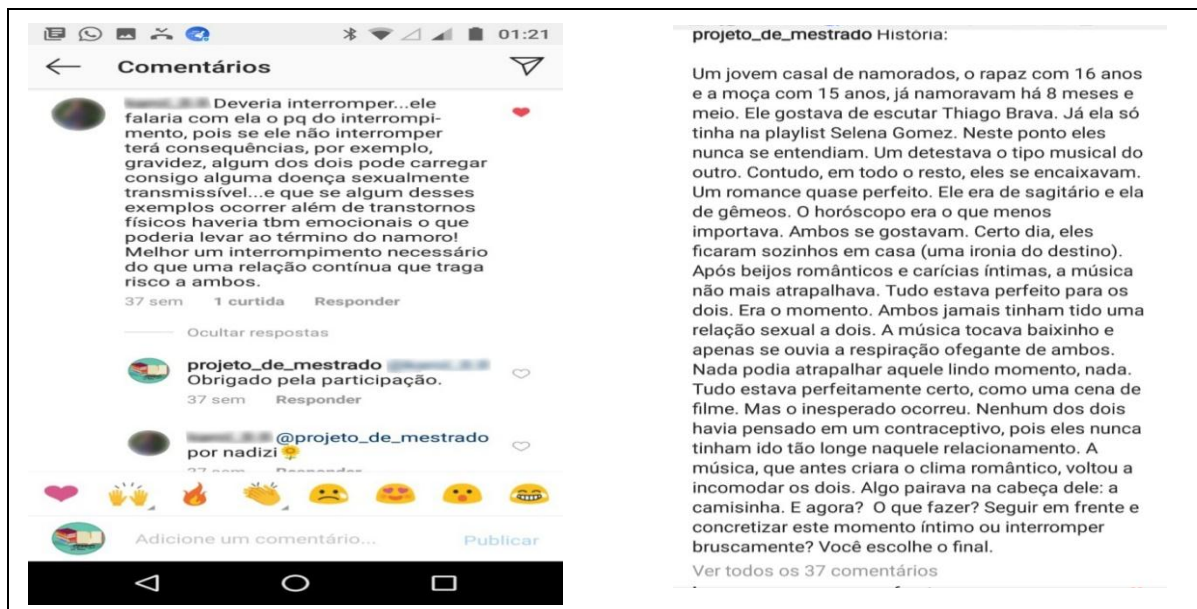
Apesar de a proposta apresentada sugerir a participação dos alunos sobre temas variados acerca da sexualidade adolescente, a visão apresentada por eles deveria conter elementos gerais. É importante ressaltar que, mesmo não dividindo experiências particulares, os diálogos dos alunos eram carregados de vivências e, desta forma, refletiam a visão de todo um contexto de vida do indivíduo.

Conforme observado na figura 2, foi postado na ferramenta do *stories do Instagram®* um texto motivador para discussões acerca da visão dos adolescentes sobre o uso de métodos contraceptivos e da visão “romantizada” da primeira relação sexual na vida adolescente, buscando fazer uma sondagem dos conhecimentos prévios existentes. Dos 55 alunos presentes no grupo, 37 deles (67,3%) comentaram a história, mostrando conhecimento sobre a importância do uso do preservativo na relação sexual, mesmo dentro de em uma visão mais “romantizada” do adolescente, enquanto que para 18 alunos (32,7%), apesar de mostrarem conhecimento sobre o uso dos métodos de barreira na prevenção das IST’s, assim como na gravidez não planejada, se posicionaram mais resistentes ao uso dos mesmos, tendo uma visão da relação sexual mais hedonista.

Uma das alunas assim comentou no ciberespaço: E14 “*Não é porque estamos apaixonadas por uma pessoa que precisamos correr riscos de contrair uma doença ou mesmo de engravidar numa primeira relação sexual. Estar apaixonado por um rapaz não significa fazer tudo que ele quer*”.

Em trabalho de Costa e Fernandes (2012) sobre o que pensam os adolescentes em relação ao amor e ao sexo, foi encontrado que 64,8% dos adolescentes, pelas palavras evocadas por eles (companheirismo, respeito, amizade e confiança, noivado e casamento) idealizavam primeiro a representação do “amor” em detrimento ao sexo. Já para 54,8% dos adolescentes, que evocaram palavras como abraço, beijo, carinho, afeto, coração, paixão, existia uma representação mais ligada ao contato íntimo dos adolescentes, unicamente voltado ao prazer da relação sexual ocasional.

Figura 2 – INTERAÇÃO NO CIBERESPAÇO (*Instagram®* e *WhatsApp®*) COM TEXTO MOTIVADOR REALIZADO PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa obtidos no ciberespaço.

De acordo com os PCN's, a orientação sexual no espaço escolar não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo caráter de aconselhamento individual. As diferentes temáticas da sexualidade (sexo na adolescência, gravidez não planejada, IST's, feminicídio, identidade de gênero, paternidade, aborto, higiene íntima, corpo

masculino e feminino, autocuidado e autoconhecimento) foram trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno (a) ou professor (a). Sobre estas temáticas voltadas para a sexualidade e abordadas durante a ação pedagógica, perguntamos aos alunos se eles proporiam outras temáticas para serem trabalhadas na escola. A totalidade dos alunos (100%) respondeu que as temáticas elencadas abraçavam o universo adolescente, visto que refletiam a realidade dos mesmos dentro de um espaço-tempo de mudanças comportamentais e descobertas pessoais influenciadas pela dinâmica sociocultural.

Um aluno comentou sobre novas temáticas para discussão da sexualidade no ciberespaço: E30 *“Eu nem sabia que existia tanto assunto assim na sexualidade. Achava que tudo era sexo e pronto. Sabia de orgasmo, masturbação e até de doenças sexualmente transmissíveis. Sabia desses outros temas também. Só não sabia que tudo estava tão interligado. Gostei”*.

Conforme afirma Justo (2005), em consonância com Moreira e Juarez (2004), a adolescência é um intervalo de tempo importante na vida do indivíduo, marcado pela ruptura de um mundo restrito ao círculo familiar, para atingir um universo social e cultural bem mais amplo e decisivo na formação adulta dos indivíduos. Desta forma, mais do que uma etapa de mudanças biológicas, a adolescência provoca mudanças comportamentais de um indivíduo que se reconhece dentro de uma totalidade de questionamentos que enseja mudança na dinâmica social.

Sobre esse universo adolescente, um aluno assim comentou no ciberespaço: E27 *“Os adultos falam que adolescente é tudo igual. Um bando que anda em grupo fazendo aborrecência. Não somos iguais. Cada um de nós pensa de forma diferente, mesmo gostando de muitas coisas parecidas. Mas somos diferentes em muitas coisas. Eu por não gosto de rock ou de drogas e isso não me torna menos adolescente”*.

Em estudo sobre a sexualidade adolescente e suas percepções sobre as diferentes vertentes do adolecer, Brandão (2004) encontrou, em seus registros, marcantes diferenças nas percepções vivenciadas e nos discursos verbalizados pelos adolescentes, tanto no sexo masculino quanto no feminino. Isto demonstra que a adolescência, muito mais que uma transição da infância para a vida adulta, é um momento de construção de significados dentro de um projeto de vida dinâmico e fértil em experiências sociais e culturais.

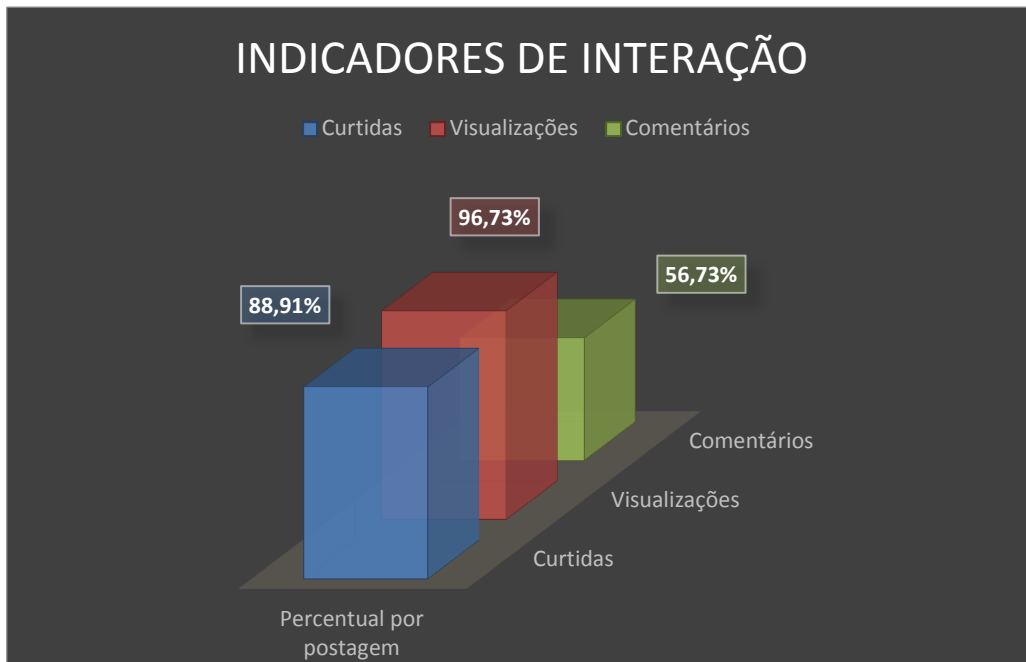
Tendo em vista esta heterogeneidade do público adolescente, a utilização das TIC's requereu um trabalho sistemático pelo professor, bem planejado e com objetivos muito claros dentro da proposta pedagógica desenvolvida com a SD. Sendo assim, o uso dessas tecnologias teve como objetivo trabalhar a temática de orientação sexual de forma didática e direcionada ao público adolescente, buscando a aquisição de habilidades pelos (as) alunos (as) de forma contextualizada.

Também obtivemos nesta pesquisa uma interação construtiva no ciberespaço, no qual os alunos comentavam ativamente as postagens que eram realizadas tanto no grupo do *WhatsApp*® como também no grupo do *Instagram*®. Do período de agosto à novembro de 2018, em 10 postagens realizadas no grupo do *Instagram*® obtivemos 502 visualizações, 342 curtidas e 756 comentários, conforme observado no gráfico 1. O eixo discursivo das postagens centrava-se na sexualidade, e os temas específicos foram: Mundo virtual, primeira vez, corpo feminino, corpo masculino, orgasmo x prazer, sexo e namoro, gravidez não planejada, homo e bissexualidade, dificuldades sexuais e IST/Aids.

Segundo Porto e Santos (2014), os grupos fechados nas redes sociais de compartilhamento de dados permitem certo controle dos participantes ao avisar quem visualizou a postagem, além de facilitar a coleta de dados e as trocas de informações num ambiente interativo. Esta é uma forma de controlar e comprovar se os discentes estão pelo menos entrando no grupo do *Instagram*® e do *WhatsApp*®.

Não fizemos uma correlação de visualizações, curtidas e comentários por postagem, visto que o objetivo era promover debates e reflexões acerca da sexualidade em diferentes espaços de ensino e, neste caso, o ciberespaço se mostrou um recurso bastante promissor na promoção de debates e reflexões acerca da sexualidade adolescente. Observamos que a interação dos adolescentes no ciberespaço (*Instagram*®) foi bastante considerável. Mesmo sabendo que determinado aluno pode comentar numa postagem mais de uma vez, enquanto que outros alunos podem não fazer nenhum comentário, ainda assim, o resultado mostra uma grande interação dos adolescentes no ciberespaço. Isso fica mais evidente quando observamos o número de curtidas e visualizações, tendo em vista que, para curtir, o aluno precisou visualizar a postagem da temática proposta.

GRÁFICO 1 – INDICADORES DE INTERAÇÃO DOS ALUNOS NO CIBERESPAÇO (*Instagram*®) REALIZADO PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

Em pesquisa semelhante realizada por Moreira e Simões (2017), sobre o uso do *WhatsApp*® como ferramenta pedagógica no ensino de química, os pesquisadores encontraram resultados diferentes desta pesquisa. Após a criação do “grupo de química” no *WhatsApp*® pelos pesquisadores, eles observaram que ocorreram poucos momentos de interação com a temática proposta, sendo que apenas dois estudantes (11%) participaram da troca de mensagens e, aos poucos, essas interações no grupo foram sendo diminuídas, chegando a total ausência de interação no ciberespaço com nenhum comentário das postagens feitas pelo pesquisador. Desta forma, foi constatado que a maior parte dos estudantes participantes da pesquisa não compartilhou nenhuma postagem.

Sobre o exposto, Ciola (2006) argumenta que, mais do que criar um espaço de interação, é preciso disciplina e vontade de estudar por parte dos alunos. Contudo, é preciso também um trabalho bem orientado pelo professor, de forma a mediar discussões que interessem aos alunos, desvinculada do enciclopedismo escolar.

Para Louro (1997) o uso das redes sociais no trabalho com a sexualidade adolescente demonstram as relações e representações de gênero, corpo e sexualidade, já que tem a

capacidade de expressar valores e significados culturais e sociais dentro do universo amplo da adolescência. Desta forma, estes espaços não formais de ensino podem realizar pedagogias culturais que auxiliam no desenvolvimento das noções de gênero, bem como na representação do corpo e da sexualidade. O uso dos blogs, por exemplo, cumprem esse papel significativo de troca de informações que auxiliam os usuários da rede sobre formas de se posicionar e de vivenciar a sexualidade com plenitude.

Perguntamos aos alunos sobre o uso das TIC's como recurso didático-pedagógico no processo de aprendizagem. Obtivemos em todas as respostas postadas pelos alunos (100%) referências ao uso das TIC's nas pesquisas escolares em todas as disciplinas. As respostas obtidas demonstraram que os adolescentes fazem uso rotineiro das TIC's em trabalhos escolares orientados pelos professores. Na resposta de uma aluna participante da pesquisa, a utilização deste recurso ficou muito evidente: E1: *“O Instagram hoje é a rede social mais acessada pela maioria dos jovens. Tê-lo como ferramenta de aprendizagem guiada por um professor é uma maneira de aliar a tecnologia ao ensino, trazendo uma didática diferenciada que talvez faça com que o aluno sinta mais prazer e satisfação em buscar o conhecimento, além de ser uma plataforma completamente acessível e democrática”*.

Outro aluno participante da pesquisa também comentou sobre o uso do Instagram® no processo de aprendizagem, indo além da temática proposta nos objetivos iniciais da pesquisa: E2: *“Eu também sigo várias plataformas que dão dicas para o Enem e outros vestibulares. Algumas apresentam questões importantes que sempre estão presentes na maioria das provas, como por exemplo, a página do descomplica que tá sempre disponibilizando material de ensino, pdf's, dando dicas de redação, citações, as principais fórmulas de matemática que caem no Enem, entre outras milhares de coisas”*.

Para Patrício e Gonçalves (2010), a escola não pode dissociar os fenômenos sociais existentes a sua volta com o mundo digital interativo, visto que a internet está mudando a forma como as pessoas se comunicam e se inter-relacionam. As tecnologias da informação e comunicação, entre elas os softwares colaborativos ancorados por meio da internet, são ferramentas presentes na vivência dos adolescentes, influenciando sua maneira de lidar com o processo de aprendizagem.

Mercado (2005) argumenta que a internet proporciona aos alunos formas lúdicas e atrativas de explorar situações sociais, já que lhes permite a interação em um mundo amplo de conexões

reais. Mariano (2014), em trabalho semelhante, no qual investigou o uso das tecnologias da aprendizagem de biologia em escolas da rede pública, observou que 100% dos alunos disseram fazer uso das tecnologias da comunicação em seu processo de aprendizagem, visto que a internet apresenta um mundo virtual cheio de ludicidade, interação, dinamismo, velocidade e modernização que atraem não apenas o público jovem, mas todas as faixas etárias que entram em contato com o ciberespaço.

Quanto à forma de trabalho de orientação sexual, utilizando o ciberespaço (Instagram®) pelos professores de biologia ou de outras áreas do conhecimento, os alunos deveriam responder na sessão de perguntas do *stories* do Instagram® se eles achavam importante ou não o trabalho de orientação sexual no espaço escolar. Dos 55 alunos questionados (100%), 40 alunos (73%) disseram achar importante o trabalho de orientação sexual no espaço escolar, enquanto que 06 alunos (11%) disseram que isso era atribuição exclusiva da família. Não obtive resposta de 09 alunos (16%).

De acordo com Telles (1992) a orientação sexual no âmbito escolar por parte dos educadores não deve pautar-se unicamente no organismo biológico, desvinculado de suas vivências socioculturais, e muito menos na transmissão de informações descontextualizadas. Sendo assim, a proposta de educação sexual não deve resumir-se em uma aula de biologia, visto que cada aluno carrega experiências sociais, emoções, sentimentos e valores socioculturais. Os PCN's também reforçam que a orientação sexual não substitui e nem compete com a educação sexual que o indivíduo recebe da família. Esta orientação dos PCN's condiz com as falas de dois estudantes presentes no ciberespaço:

E12 *“Acho importante à escola trabalhar com a sexualidade dos jovens. Mas na minha opinião, os pais precisam dialogar com os filhos sobre sexo. Na escola conversamos muito sobre sexo, mas apenas entre os colegas”*.

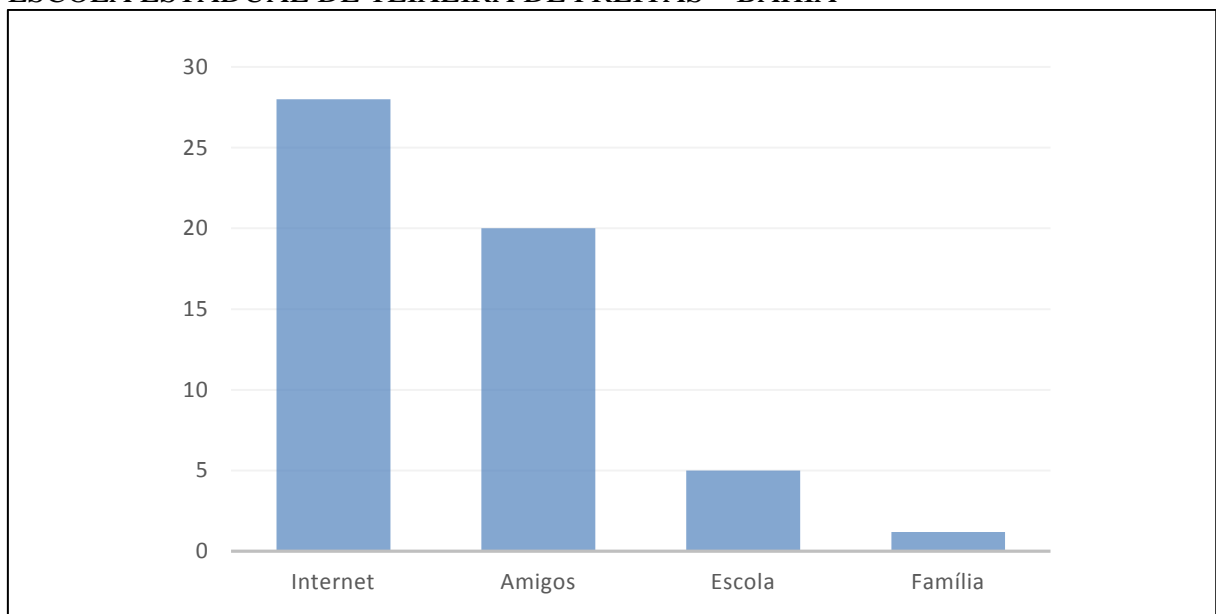
E21 *“Eu me sinto muito tranquilo para falar de sexo com minha mãe. Mas tem coisas sobre saúde do corpo que ela não sabe me responder. Então eu acho importante quando o professor responde”*.

Do mesmo modo enfatiza Louro (1997) que a discussão da sexualidade no âmbito escolar não pode resumir-se ao conteúdo de biologia de forma descontextualizada, haja vista que o sexo

implica em emoções, sentimentos e valores. Desta forma, este trabalho realizado pelos professores, seja dentro das especificidades da disciplina de biologia ou de forma interdisciplinar, não deve pautar-se na transmissão de informações aos educandos de forma passiva, idealizando um papel muitas vezes não exercido com total clareza pela família.

Na ferramenta de perguntas do *Instagram*® foi publicado “Onde os adolescentes encontram mais informações sobre sexo?”. Dos 55 alunos participantes da pesquisa (100%), 28 estudantes (52%) responderam obterem estas informações exclusivamente via internet. Já para 20 alunos questionados (36%), as informações sobre sexo são provenientes de conversas com os amigos. Apenas cinco alunos (9%) disseram obter estas informações na escola, enquanto que dois alunos (3%) disseram encontrar informações sobre sexo em conversas com a família. Estes dados estão representados no gráfico 2.

**Gráfico 2 – ONDE OS ADOLESCENTES DA PESQUISA SE INFORMAM SOBRE SEXO? PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR PARA OS ALUNOS QUE CURSARAM O II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BAHIA**



Fonte: Dados da pesquisa obtidos no ciberespaço

Segundo Eisenstein (2005), os adolescentes não vivem mais no “mundo da lua”, mas deambulando no “espaço das nuvens” do ciberespaço. Este é um mundo globalizado, de ritmo acelerado e instantâneo, com ferramentas atraentes e surpreendentes, que oferecem todos os tipos de aventuras com detalhes audiovisuais, novas oportunidades de relacionamentos e estímulos sensoriais próprios das TIC’s. Contudo, também podem oferecer riscos iminentes

ao desenvolvimento saudável dos adolescentes que, vivenciam nesta fase, transformações especiais e fundamentais ao desenvolvimento cerebral, mental e corporal que caracterizam a adolescência.

Esta tendência teórica de preservar a integridade dos adolescentes do mundo inseguro e obscuro presente no ciberespaço também está expressa nas ideias de Nabuco, Eisenstein e Estefenon (2013), que afirmam ser imprescindível assegurar aos adolescentes condições educativas saudáveis no uso da internet, cabendo à família e a escola buscar ações de prevenção e alerta para os problemas da orientação sexual no ciberespaço, tendo em vista que a internet também oferece riscos ao desenvolvimento psicológico e físico saudável dos adolescentes. Um dos problemas enfrentados pela sociedade com o uso do ciberespaço são as chamadas *fake News*, notícias falsas que perpassam o sistema de crença dos indivíduos, afetando diretamente os adolescentes.

Em pesquisa realizada por Mattos et al (2008) no Colégio Estadual Gabriel de Lara, em Matinhos – PR, foi apontado que 55% dos alunos gostariam de ter aulas diferenciadas sobre educação sexual e sexualidade humana, enquanto que apenas 4% disseram que não gostariam de ter aulas envolvendo esta temática. Estes números evidenciam a vontade que os adolescentes possuem de conversar sobre sexualidade, menos catequizadora (do ponto de vista instrucionista) e mais emancipatória, pautado no diálogo existente entre professores e alunos, entre pais e filhos e entre os próprios adolescentes em seu convívio social.

Outra enquete realizada no ciberespaço versou sobre o diálogo que os adolescentes normalmente mantinham com os pais e/ou responsáveis sobre sexualidade. Os dados obtidos demonstram que os adolescentes mantêm um diálogo maior com a figura materna. Esta maior intimidade do adolescente com as mães pode ter relação com o tempo de convívio existente entre eles dentro de casa ou mesmo com a intimidade que foi sendo construída ao longo dos cuidados despendidos na criação dos mesmos. Não fizemos uma correlação na pesquisa sobre se meninos tem mais proximidade com a figura paterna e meninas tem mais intimidade com a figura materna no que tange ao diálogo sobre sexo.

Sobre a abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes, Nery *et al.* (2015), em pesquisa realizada com 22 pais com idade entre 34 e 50 anos de idade, de maioria católica, identificou dificuldade no diálogo sobre temas referentes à sexualidade entre pais e filhos

adolescentes. A entrevista realizada com os pais quanto à forma como orientavam seus filhos sobre sexualidade mostrou que a maioria nunca conversava sobre o tema com os filhos por acharem-se despreparados ou não sentirem necessidade de falar sobre a temática. Outros relataram que só conversariam com os filhos sobre a temática quando percebessem relacionamentos firmados de namoro. Contudo, os pesquisadores também encontraram na pesquisa alguns pais que disseram conversar abertamente sobre o tema com os filhos e, neste ponto, percebeu-se a facilidade do pai em falar com o filho do mesmo sexo.

Para os pais é difícil lidar com a sexualidade de seus filhos quando eles próprios ainda são cercados de tabus e indefinições (BULUT, 2009). A sexualidade dos filhos traz à tona, para muitos pais, aspectos reprimidos de sua sexualidade. Desta forma, torna-se difícil criar ambiente familiar propício para o trabalho de educação sexual, tão importante e necessário para o desenvolvimento seguro da sexualidade adolescente.

Também no ciberespaço foi solicitado aos participantes que elencassem temas que gostariam de discutir em sala de aula, nas rodas de conversa, após as discussões iniciais propostas e realizadas no *Instagram*®. Os temas que apareceram foram: Aborto (51%), virgindade na adolescência (54%), sexo seguro e métodos contraceptivos (45%), paternidade e maternidade não planejada (36%), Infecções sexualmente transmissíveis (40%), os diferentes papéis sociais do homem e da mulher (22%), respeito às diferenças (18%) e feminicídio (15%). Os alunos (as) poderiam propor mais de uma temática para alimentar a discussão tanto no espaço não formal com também no espaço formal.

Todos os 55 alunos da pesquisa (100%) propuseram ao menos uma temática. Isto demonstra o interesse dos adolescentes sobre a temática sexualidade, visto que é nesta idade que ocorrem os maiores questionamentos do ser biológico e do ser social. No momento das rodas de conversa promovidas na escola, um aluno assim relatou sobre a temática de orientação sexual: E19 *“Eu não gosto de decorar sobre aqueles bichos pequenos [...], como se chamam? Acho que são bactérias que causam as DST's. Eu sei muita coisa de sexo, mas não me preocupe com o nome das doenças. Não que eu já tenha feito sexo. Só gosto de me informar sobre isso para estar preparado quando for minha primeira vez [...].*

Neste momento os alunos se expressaram com muitas risadas e brincadeiras com a fala do colega. Contudo, não foi observado constrangimento entre os participantes, visto que todos estavam muito receptivos ao diálogo sobre sexualidade.

Em trabalho semelhante, sobre as temáticas voltadas à sexualidade que mais interessavam jovens e adultos em idade escolar, Amorim e Freitas (2013) identificaram, a partir de análise de questionário aplicado em uma das etapas do desenvolvimento da sua SD, que 53,3% dos estudantes gostariam de saber sobre DST's. Mudanças do corpo do homem e da mulher perfizeram um total de 43,3%. Abuso sexual ficou com 40%. Já as formas de evitar DST's e relações sexuais perfizeram um total de 36,6%, enquanto que o assunto sobre prazer proporcionado pelo sexo ficou com 33,3% do total de alunos indagados na pesquisa. Fica evidente o despertar adolescente para as mudanças observadas fisicamente e psicologicamente, influenciados pelas interações estabelecidas no convívio social.

Os PCN's propõe que a escola discuta os diferentes tabus e preconceitos existentes no universo adolescente. Também propõe trabalhar o respeito à diversidade de ideias, de valores, de crenças, tendo como parâmetro a educação sexual que cada um recebe da família. Neste caso, a proposta de orientação sexual seria complementar a educação recebida pela família, não cabendo à escola competir com esta educação. Outrossim, compete a escola proporcionar aos educandos espaços para que desenvolvam conhecimento significativo no que tange a sua sexualidade.

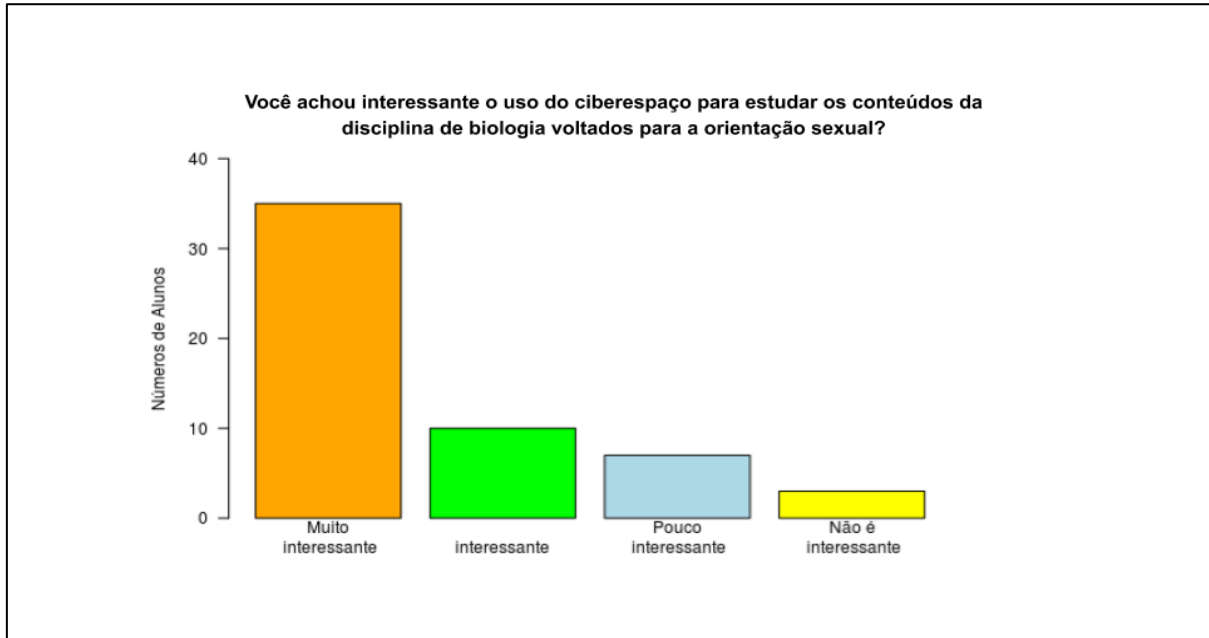
Conforme posto por Soldatelli (2006) a curiosidade do adolescente sobre aspectos da sexualidade vai além do ser anátomo-fisiológico, demonstrando curiosidades dentro de todo o processo de construção e vivências da sexualidade do ser humano, na busca por prazeres individuais e/ou coletivos.

No ciberespaço esta curiosidade dos adolescentes sobre a sexualidade ficou evidente na fala de um aluno: E7 “[...] *sou curioso sobre meu corpo. Me olho no espelho e não consigo entender completamente as mudanças que ocorrem. Me acho bonito as vezes, feio as vezes. Gosto e detesto do que vejo diariamente. Me acho estranho mas gosto disso. Por isso pergunto sobre essas transformações que passo. Gosto de conversar sobre isso aqui na escola e também busco saber de tudo na internet [...]*”.

Quando perguntados se as redes sociais (*Instagram e WhatsApp*) já haviam sido utilizadas em aulas de biologia ou em aulas de qualquer outra disciplina na escola, a quase totalidade dos alunos, perfazendo um total de 87,3%, responderam que sim, que as mesmas já haviam sido utilizadas pelos professores, demonstrando que, nesta escola, o uso das TIC's está dentro do processo educativo realizado pelos professores.



Gráfico 3 – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR AVALIANDO O INTERESSE DOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA SOBRE O ESTUDO DE BIOLOGIA NO CIBERESPAÇOAS (*Instagram*® e *WhatsApp*®).

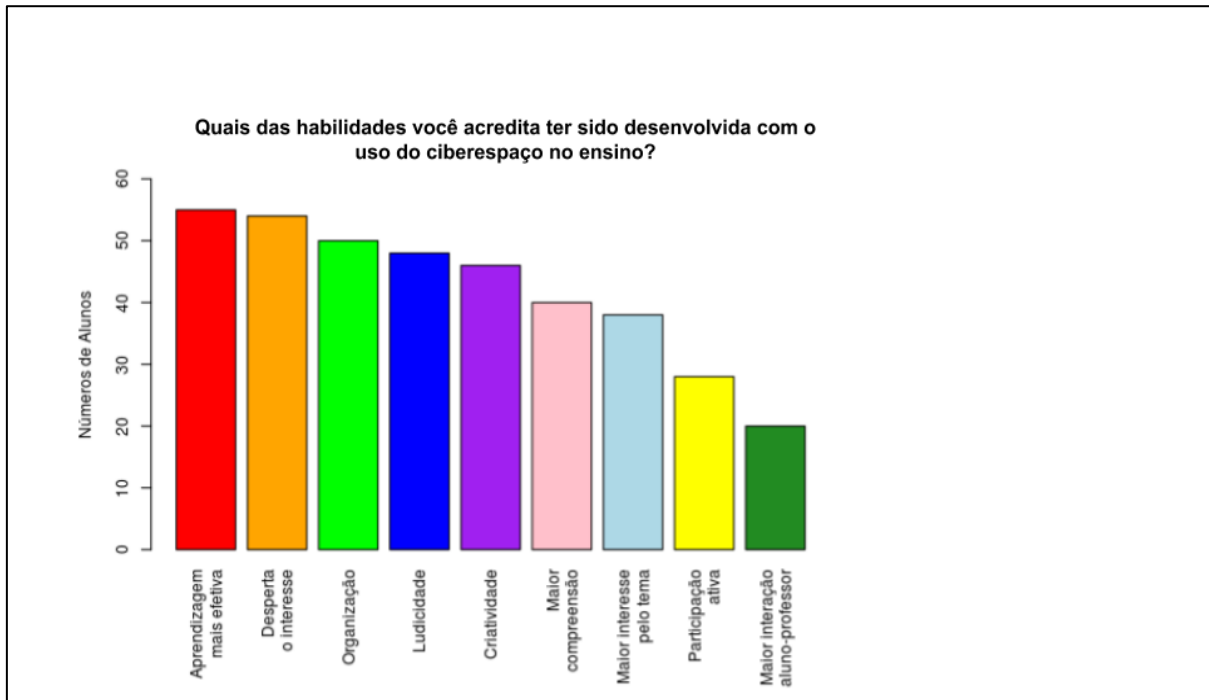


Fonte: Dados da pesquisa

No estudo de Carrano (2017) foi verificado que 59% dos alunos entrevistados na pesquisa consideram que o uso das redes sociais pela escola pode melhorar no aprendizado dos conteúdos. Dentro desta mesma temática de verificação da opinião dos estudantes sobre o uso das redes sociais no processo de aprendizagem, a pesquisa mostrou que 57,9% deles concordaram com o argumento de que as redes sociais ajudam no processo de aprendizagem escolar. Mercado (2005) corrobora a ideia positiva do uso do ciberespaço no processo de formação ao afirmar que esta tecnologia possibilita ao aluno explorar situações sociais diversas que lhes permitem a interação em um mundo repleto de informações reais.

Também foi perguntado aos alunos quais descritores apontados no questionário (Apêndice F), eles acreditavam terem sido desenvolvidos com o uso do ciberespaço como ferramenta metodológica no processo de ensino e aprendizagem. Obtivemos os seguintes resultados por ordem decrescente de habilidades desenvolvidas, de acordo com a opinião dos alunos após o uso do ciberespaço e apresentados no gráfico 4: Aprendizagem mais efetiva; Despertar o interesse sobre a temática; Organização das ideias apresentadas; Ludicidade; Criatividade; Maior compreensão do assunto; Maior interesse pela temática; Participação ativa; Maior interação aluno-professor.

Gráfico 4 – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR AVALIANDO AS HABILIDADES DESENVOLVIDAS A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DO *INSTAGRAM*® E *WHATSAPP*® COM ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA



Fonte: Dados da pesquisa

O uso das tecnologias da comunicação e informação, quando bem utilizadas pelo professor, podem gerar conhecimentos mais significativos para o (a) aluno (a), visto que neste processo eles são protagonistas (MARIO, 2015).

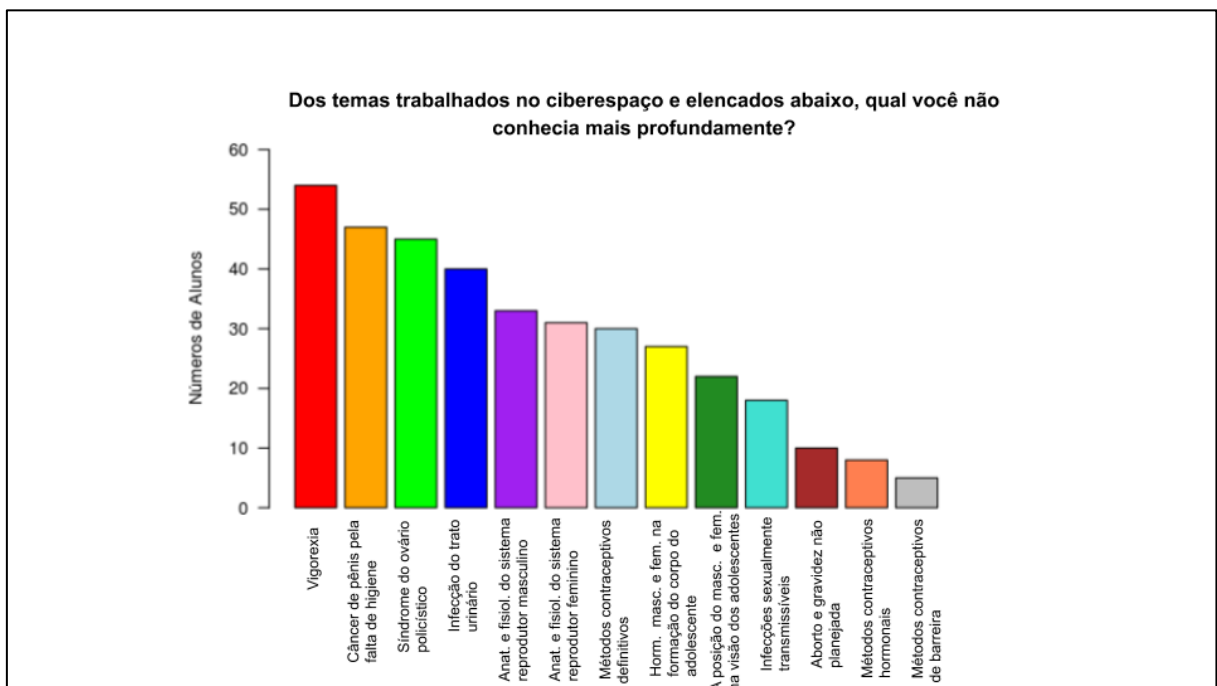
De acordo com Martinho e Pombo (2009) o uso das TIC's no ensino de ciências, bem como nas outras áreas do conhecimento humano, alteram os papéis daqueles envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Esta alteração traz a resposta de várias questões que perpassam o fazer pedagógico, na busca por melhores metodologias de ensino que garantam qualidade, que combatam a indisciplina e o insucesso dentro da escola, despertando habilidades como motivação e garantindo o desenvolvimento de competências pelo aluno tendo em vista a progressão do aprendizado significativo.

Na pesquisa de Martinho e Pombo (2009) sobre as potencialidades das TIC's no ensino de ciências naturais, 50% dos alunos entrevistados disseram que quando realizam trabalhos usando o *power point*® ficam mais atentos na realização da atividade no programa (habilidade de organização), aumentando assim interesse pela temática do assunto a ser

abordado. Também foi relatado nesta pesquisa que 66% dos alunos entrevistados preferem realizar as atividades pedagógicas em casa quando estão em contato com a internet, visto que isto lhes proporciona maior prazer em estudar de forma diferente do ensino tradicional, desenvolvendo habilidades voltadas para a participação ativa.

Também perguntamos aos alunos quais foram os temas trabalhados no ciberespaço e nas rodas de conversa que eles não conheciam mais profundamente antes da ação pedagógica. O tema vigorexia foi o que se apresentou em maior porcentagem, seguido de câncer de pênis ocasionado pela má-higiene, síndrome do ovário policístico, infecção do trato urinário (ITU), anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino, hormônios masculino e feminino na formação das características sexuais secundárias, a posição do masculino e feminino na visão dos adolescentes, infecções sexualmente transmissíveis (IST's), aborto e gravidez não planejada, métodos contraceptivos hormonais e, por último, os métodos contraceptivos de barreira foram apontados como sendo o assunto abordado na sala virtual como o mais conhecido pelos alunos antes da ação pedagógica, conforme apresentado no gráfico 5.

**Gráfico 5 – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR QUANTO AOS TEMAS TRABALHADO E NÃO CONHECIDOS NO *INSTAGRAM*® E *WHATSAPP*® COM ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA**



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Aquino e Marteli (2012) é urgente que a escola se desprenda da vertente tradicionalista quando aborda a sexualidade humana, pautando-se exclusivamente em referenciais médicos de promoção da saúde sexual voltados apenas à prevenção da gravidez e das IST's, bem como dos referenciais teóricos elencados no ensino de biologia. Conforme apontado por Louro (1997) a escola precisa trabalhar a orientação sexual voltado para a visão antropológica na qual o aluno compreenda a sexualidade humana em seus aspectos amplos e para o enfrentamento de situações que podem causar conflitos aos adolescentes, sem que estes conflitos sejam, necessariamente, uma gravidez não planejada ou uma infecção sexualmente transmissível. A educação sexual nas escolas precisa oportunizar a aquisição de habilidades que possibilite aos educandos as vivências de sua sexualidade de forma emancipatória, prazerosa e efetiva, pautado no respeito a si próprio e ao outro.

Telles (1992) defende uma visão semelhante para o trabalho de orientação sexual no âmbito escolar, enfatizando que esta abordagem da temática no que tange à gravidez, ao sexo desprotegido, às DST's, à virgindade, aos órgãos reprodutores e às questões de gênero não devem pautar-se na transmissão passiva de informações aos educandos, de forma descontextualizada. Desta forma, a orientação sexual deixa de ser autêntica e efetiva no intuito de complementar um papel, muitas vezes, não exercido em sua totalidade pela família.

A orientação sexual não pode resumir-se em uma aula de biologia, visto que a parte biológica do indivíduo é apenas a residência de todas as emoções, sentimentos e valores construídos por este organismo em interação com o seu meio social. Esta residência orgânica carrega sua importância precípua. Contudo, sem as construções sociais, ela estará vazia, perdendo sua essência vital.

### **5.2.2 Os jogos didático-pedagógicos produzidos enquanto recurso metodológico no ensino de biologia sobre orientação sexual**

Em consonância com a SD elaborada para trabalhar a temática da orientação sexual com adolescentes, buscando novas estratégias de ensino que integrassem a escola e o ambiente virtual, propusemos aos alunos a elaboração de jogos didático-pedagógicos sobre as temáticas trabalhadas no ciberespaço, bem como nas rodas de conversa, visando à aquisição de habilidades no processo educativo.

De acordo com Valente e colaboradores (2005), jogos não se resumem a simples atividades pedagógicas pré-determinadas. Eles são agentes preponderantes de incentivo da criação de estratégias, elaboração de senso crítico, além de desenvolverem a confiança do aluno no processo criativo, contribuindo para uma aprendizagem significativa. Maluf (2006) também ressalta a importância de utilizar os jogos no processo de ensino e aprendizagem, ressignificando a prática educativa e construtivista do processo. Além disso, os jogos permitem aos alunos associarem os conceitos socialmente construídos com seus símbolos, a partir da construção do conhecimento de forma autopoietica.

Para Santos (2001), os jogos atuam estimulando o pensamento, a competitividade, o senso crítico, além de incentivar trocas de ideias, proporcionando um ensino lúdico e tornando o processo de aprendizagem descontraído e mais proveitoso. O jogo dinamiza a aprendizagem e coloca o aluno como sujeito ativo do processo.

Na entrevista estruturada (Apêndice E) concernente à avaliação do uso dos jogos didáticos elaborados pelos alunos, perguntamos se eles já haviam utilizado jogos didático-pedagógicos em aulas de biologia. Obtivemos um total de 69% dos alunos que disseram já terem utilizado este recurso em aulas de biologia, enquanto que 31% disseram não terem utilizado este recurso metodológico. Os dados apontam que, dentro do processo pedagógico, os professores da disciplina de biologia fazem uso de ferramentas metodológicas diferenciadas, numa clara tentativa de se distanciar de um ensino puramente instrucionista.

Piaget (1975) aponta que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo é um processo paulatinamente contínuo, dependendo da ação do sujeito e de sua interação com o objeto. Desta forma, para que o aluno se desenvolva cognitivamente, ele precisa entrar em contato com ferramentas que induzam seu processo criativo e construtivo. De forma similar, Gadotti (1998) enfatiza que a escola precisa oferecer práticas de aprendizagem que permitam aos alunos desenvolverem habilidades que os conduzam a apropriação de conhecimento, encontrando respostas próprias e buscando soluções para problemas apresentados que surgem durante sua vivência diária.

Para Macedo, Petty e Passos (2000) o uso dos jogos desperta a ludicidade que pode ser um aliado positivo no processo de aprendizagem das práticas escolares, haja vista que possibilitam um maior entrosamento entre os alunos e os conhecimentos científicos. Desta forma, os jogos didático-pedagógicos constituem-se como importante recurso a serem

utilizados por professores de forma a desenvolver habilidades de resolução de problemas ou de assimilação de conceitos de forma prazerosa. O professor pode fazer uso destes recursos, desde que a ação esteja bem alicerçada pelos objetivos pretendidos com esta atividade, de forma que a “brincadeira” seja um momento de aprendizado dos conteúdos pretendidos pelo professor na construção do seu planejamento.

Os alunos responderam na entrevista estruturada (apêndice E) se, para construírem os jogos didáticos, eles precisaram fazer uma pesquisa prévia sobre o tema a ser contemplado no jogo didático-pedagógico. A totalidade dos alunos responderam que sim, ou seja, que para construírem os jogos sobre a temática a ser desenvolvida, precisaram buscar referenciais teóricos que embasassem a construção do jogo.

O lúdico, conforme argumentam Campos, Bortoloto e Felício (2008), pode ser utilizado para desenvolver habilidades na resolução de problemas variados, proporcionando a apropriação de conceitos pelo aluno de forma descontraída. O lúdico promove aprendizagem dentro da prática educativa, possibilitando a aproximação dos alunos com o conhecimento científico.

Nunes (2004) diferencia uma atividade puramente lúdica de uma atividade lúdica educativa, na qual a ludicidade dentro do processo educativo envolve intenção explícita de provocar no aluno aprendizagem com significado a partir de novas conexões mentais criadas, estimulando a elaboração de conhecimento autônomo e, principalmente, desenvolvendo habilidade operatória que ensejam na compreensão dos fenômenos e na intervenção do indivíduo de forma crítica para atuar socialmente e culturalmente.

Esta ludicidade educativa dos jogos e do envolvimento dos alunos em sua elaboração ficou evidenciada na fala de um aluno: E33 *“Quem não gosta de jogar? É divertido e ainda aprendemos brincando. Construir os jogos foi trabalhoso, mais foi muito mais prazeroso pra mim. Sempre tive dificuldade em entender a bendita síndrome do ovário policístico. Jogar com isso me fez entender essa paradinha que tanto me incomoda”*.

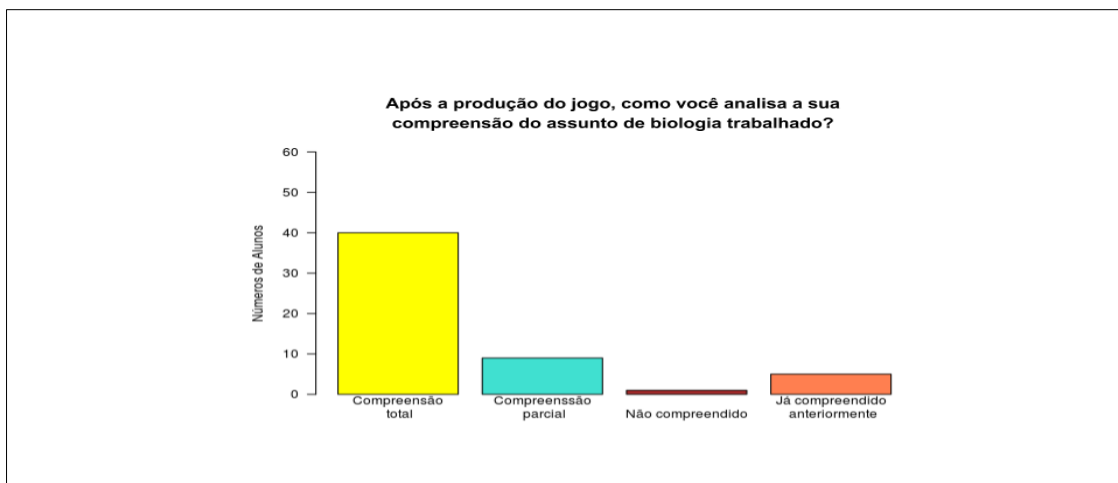
De forma semelhante, outro aluno expôs sua observação sobre a apropriação do conhecimento auxiliado pela construção do jogo: E17 *“Prof, eu não gostei da ideia no início. Achei que era ideia besta de professor. Mas eu encarei por conta da nota. Mas depois que fiz a pesquisa sobre as infecções sexualmente transmissíveis para construir meu jogo, entendi como o vírus da AIDS detona o sistema imunológico do camarada. Eu não entendia como uma paradinha*

*tão pequena causava um estrago tão grande no nosso corpo. E ainda tem gente que não quer se proteger usando camisinha”.*

Observando o diálogo dos alunos, fica evidente que o jogo pedagógico tem a capacidade de permitir que o educando comece a pensar sobre um novo assunto, com êxito significativo na compreensão de determinado conceito científico, desenvolvendo estratégias de resolução de problemas e, sendo assim, adquirindo determinadas habilidades que o professor julgue como sendo importante em determinado momento da aprendizagem. A escolha do jogo pelo professor segue critérios dentro de um processo paulatino de discussão, aplicação e avaliação da proposta. É importante que o professor tenha clareza quanto à escolha adequada do recurso pedagógico, para que a aula não fique apenas no plano da ludicidade (SMOLE; DINIZ; MILANI, 2007).

Quanto à compreensão do assunto de biologia trabalhado durante a produção dos jogos, conforme visualizado no gráfico 6, os alunos responderam como eles analisavam a aquisição desta competência, ou seja, de compreender o fenômeno em estudo. 72,7% disseram terem compreendido totalmente o assunto de biologia presente no jogo. 16,3% disseram terem compreendido o assunto parcialmente. Apenas 2% dos alunos disseram não terem compreendido o assunto ao final do jogo produzido e 9% disseram que já dominavam o assunto antes da produção do jogo didático-pedagógico.

**Gráfico 6- PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR – PESQUISADOR AOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA QUANTO A ANÁLISE FEITA POR ELES SOBRE A COMPREENSÃO DO ASSUNTO DE BIOLOGIA TRABALHADO APÓS A PRODUÇÃO DO JOGO**



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Arruda (2014), a elaboração de um jogo pelos alunos é um processo que estimula o raciocínio hipotético-dedutivo. Ele desperta o interesse do aluno durante toda a dinâmica do processo de construção e permite a apropriação de conhecimento por meio de associações, conclusões, deduções e seleções de temáticas. Estas características presentes no jogo tornam o processo mais concreto e, por isso, cria novas conexões dentro da elaboração mental de aprendizagem. Os processos criativos do jogo desenvolvem habilidades de trabalho em equipe, já que se discutem estratégias, possíveis cenários, dentro de um amálgama de pontos de vista diferentes.

Dentro das fases de aprendizagem, conforme apontado por Grübel e Bez (2006), a construção dos jogos permite que os alunos conceituem, recordem conceitos, compreendam os fenômenos, apliquem o que foi apreendido, analisem o que foi construído cognitivamente, avaliem o processo criativo e criem novas possibilidades de aprendizagem. Desta forma, os jogos didático-pedagógicos possibilitam a assimilação de conteúdos vistos no decorrer do processo educativo.

Moreira e Folmer (2011) mostraram em trabalho semelhante voltado para a educação sexual a importância da elaboração de jogos didáticos pelos alunos e o seu uso como material didático-metodológico no ensino desta temática. Como resultado de suas atividades no decurso da pesquisa, os autores mostraram de que forma o uso de uma cartilha enquanto recurso didático-metodológico facilitou a compreensão do conteúdo pelos alunos, desenvolvendo maior diálogo em sala de aula e maior descontração na exposição dos conteúdos apreendidos. Os pesquisadores corroboram ainda que: “A criação de novas metodologias para o ensino da sexualidade apresenta-se como ferramenta necessária para enfrentar dificuldades que surgem ao abordar essa temática em sala de aula.” (MOREIRA; FOLMER, 2011. p.156).

Perguntados ainda sobre o constrangimento que porventura teria surgido durante a elaboração do jogo didático devido à temática ser sobre orientação sexual, obtivemos um resultado expressivo de alunos (98%) que disseram não se sentirem constrangidos em nenhum momento da ação pedagógica. Apenas 2% dos alunos analisados disseram sentirem-se constrangidos ao trabalhar a temática sugerida.

Quando perguntamos o motivo do constrangimento, causado pelo jogo produzido, um aluno respondeu: E44 “*Eu fiquei um pouco envergonhada só na hora que meu pai chegou, viu*

*aquele monte de colegas em minha casa e perguntou como era aquele trabalho. Eu expliquei pra ele envergonhada. Mas ele entendeu de boas. É que a gente não fala muito disso”.*

Em seu trabalho Afonso (2002), avaliou atividades de sexualidade na escola para o aperfeiçoamento da cidadania dos alunos. Foi identificado que, durante o andamento das oficinas voltadas ao trabalho pedagógico, os alunos demonstraram maior entrosamento, melhor coordenação e colaboração nas atividades propostas. Os alunos estavam mais comunicativos quanto à exposição de suas ideias sobre a temática abordada, procurando negociar as características que seriam evidenciadas na construção ideológica do “ser homem” o do “ser mulher”. Todos se mostraram muito tranquilos e pouco constrangidos na realização da oficina.

Também foi perguntado aos alunos se eles acreditavam que o assunto presente na temática do jogo didático-pedagógico seria mais compreendido se o professor de biologia tivesse explicado em sala de aula de forma expositiva, sem a participação ativa do aluno. A avaliação feita por eles mostrou que a grande maioria (81,8%) compreendeu a temática sobre sexualidade utilizando os jogos didático-pedagógicos como recurso metodológico, mais do que se tivessem participando passivamente de uma aula com o uso de metodologia puramente expositiva dos conceitos. Já para 18,2% dos alunos entrevistados, o conteúdo sobre sexualidade seria mais compreendido se o professor tivesse utilizado uma metodologia de ensino mais tradicional.

De acordo com Ramal (1996), a utilização de recursos didático-pedagógicos diferenciados colocam os alunos como participantes ativos do processo, oportunizando a aquisição de conhecimento autopoietico, na medida em que provocam questionamentos sobre os fenômenos apresentados. Além disso, o uso de aulas menos tradicionais estimula a capacidade de raciocinar e de criar. Este benefício dos jogos didático-pedagógicos no processo de ensino e na compreensão do fenômeno estudado ficou evidenciado na fala de um aluno: E51 *“Eu gosto quando o professor de biologia explica o conteúdo pra gente. Ele interage muito com a turma e a aula não fica cansativa. Mas o jogo tornou a aprendizagem mais simples e mais divertida. Eu acho que as duas coisas são importantes. Gostei do jogo e também gosto da aula do professor”.*

Em avaliação realizada por Tenebaum (2011) sobre diferentes metodologias de ensino para

alunos de biologia do ensino médio, a pesquisadora observou que a maioria dos estudantes, cerca de 69%, apresentou rendimento positivo após o uso das metodologias, enquanto que aproximadamente 31% dos alunos apresentou rendimento nulo ou negativo.

O professor que conhece as preferências metodológicas de aprendizagem mais atrativas para seus alunos tem a prerrogativa de refletir e planejar com mais cuidado estas ações pedagógicas, visando garantir maior entrosamento dos alunos dentro do processo educativo. Conhecer os estilos metodológicos preferenciais de seus alunos é mais uma ferramenta para que os professores busquem melhores soluções que otimizem o aprendizado (SILVA, 2008).

Os jogos produzidos nesta ação da SD foram apresentados para todas as turmas do Ensino Médio da escola (10 turmas no total), em uma sala ambiente preparada pelos próprios alunos, com a supervisão do professor. Dos seis jogos analisados, 100% deles cumpriram com as exigências solicitadas pelo professor, que era contemplar as temáticas voltadas para o trabalho de orientação sexual, com regras de jogo elaboradas pelos próprios alunos.

Foi observado nos jogos o desenvolvimento de habilidades que asseguraram a apropriação de conhecimentos acerca da temática trabalhada. A análise qualitativa dos 06 jogos mostrou que os (as) alunos (as) desenvolveram habilidades contidas na Matriz de Competências e Habilidades de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias para o Ensino Médio, bem como habilidades sugeridas pelo PCN+ ensino médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, conforme apresentado na TABELA 1. Esta tabela mostra o nome dos jogos produzidos, a classificação do jogo, a área de conhecimento e a habilidade atingida pelos (as) alunos (as) nesta atividade pedagógica.

**Tabela 1 - HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELOS ALUNOS DO II DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXIERIA DE FREITAS – BA, DE ACORDO COM AS ORIENTAÇÕES EDUCACIONAIS COMPLEMENTARES AOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: PCN+ENSINO MÉDIO**

Nome do jogo	Classificação do jogo	Área de conhecimento	Habilidade desenvolvida
Quem é o pai?	Jogo interativo e de perícia	Ciências da natureza e suas tecnologias	Reconhecer, utilizar, interpretar e propor modelos explicativos para fenômenos ou sistemas naturais ou tecnológicos.
Baralho da sexualidade	Jogo de cartas	Ciências da natureza e suas tecnologias	Reconhecer as formas pelas quais a Biologia está presente na cultura nos dias de hoje, seja influenciando visão de mundo, seja participando de manifestações culturais, literárias, artísticas.
Jogo dos prazeres	Tabuleiro	Ciências da natureza e suas tecnologias	Relacionar os avanços científicos e tecnológicos com a melhoria das condições de vida das populações, como por exemplo, o uso de vacinas com a consequente queda nas taxas de mortalidade infantil; o saneamento básico e a redução na incidência de doenças infectocontagiosas.
Mitos ou verdades?	Jogo de cartas	Ciências da natureza e suas tecnologias	Avaliar a procedência da fonte de informação para analisar a pertinência e a precisão dos conhecimentos científicos veiculados no rádio, na T.V., nos jornais, nas revistas e nos livros e que se destinam a informar o cidadão.
O segredo	Jogo interativo e de perícia	Ciências da natureza e suas tecnologias	Interpretar fotos, esquemas, desenhos, tabelas, gráficos, presentes nos textos científicos, ou na mídia, que representam fatos e processos biológicos e/ou trazem dados informativos sobre ele.
Twister dos métodos contraceptivos	Jogo interativo e de perícia	Ciências da natureza e suas tecnologias	Relacionar os avanços científicos e tecnológicos com a melhoria das condições de vida das populações, como por exemplo, o uso de vacinas com a consequente queda nas taxas de mortalidade infantil; o saneamento básico e a redução na incidência de doenças infectocontagiosas.

Fonte: Dados da pesquisa

Os jogos podem contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos através da apropriação dos conceitos científicos. A aprendizagem desses conceitos podem fomentar a

sistematização e conscientização dos conhecimentos adquiridos de forma natural na vivência cotidiana (VIGOTSKY, 2007). Além disso, os jogos didático-pedagógicos elaborados tanto pelo professor quanto pelos alunos proporcionam o aprimoramento de competências e habilidades nos educandos, valorizando o papel dos conhecimentos a serem apreendidos no espaço escolar. Vale ressaltar que o aprendizado baseado na aquisição de habilidades torna-se um recurso para que os alunos posicionem-se ativamente nas situações que se apresentam cotidianamente, na tomada de decisões diante de um fenômeno observado, na identificação de um problema, e, a partir dele, elaborar julgamentos e argumentos pertinentes.

Machado (2002) conjectura que em um currículo alicerçado na construção de competências, o mais importante não é a mera transmissão de conhecimentos acumulados de forma unidirecional, mas volta-se para a capacidade de recorrer ao que se sabe para a realização do que se deseja e do que se projeta.

No jogo *baralho da sexualidade* (jogo de cartas), conforme visualizado na figura 3, os educandos participantes de sua idealização e confecção alcançaram a habilidade de reconhecer as formas pelas quais a biologia está presente na cultura nos dias atuais, seja influenciando visão de mundo, seja participando de manifestações culturais, literárias e artísticas. Neste jogo os alunos associaram vários conceitos científicos da biologia com os saberes populares. Também conseguiram se posicionar criticamente sobre temas polêmicos como: gravidez não planejada, aborto, reprodução assistida, feminicídio e opção sexual.

Também observamos que na elaboração do jogo, ainda na fase de pesquisa, os alunos alcançaram a competência de analisar de que maneira textos didáticos, revistas, jornais, programas de TV e rádio tratam questões relativas à sexualidade, como as questões de gênero, as expressões da sexualidade, as relações amorosas entre jovens, as doenças sexualmente transmissíveis, distinguindo um posicionamento isento, bem fundamentado do ponto de vista científico, da simples especulação, do puro preconceito ou de tabus.

Figura 3 – BARALHO DA SEXUALIDADE: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o exposto nas ideias de Kishimoto (2007) e Huizinga (2007), os jogos didático-pedagógicos são auxiliares importantes no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a utilização de atividades lúdicas em espaços de formação é uma maneira de potencializar a motivação dos estudantes ao ato de aprender, pois elas proporcionam um modo divertido e descontraído do aprender a aprender.

No *Jogo dos Prazeres* (jogo de tabuleiro), conforme visualizado na figura 4, os educandos alcançaram a habilidade de relacionar os avanços científicos e tecnológicos com a melhoria das condições de vida das populações, com redução na incidência de doenças. Neste jogo, os alunos associaram o uso dos métodos contraceptivos de barreira com a redução das Infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada. Também conseguiram associar os diferentes métodos de barreira com a anatomia do sistema reprodutor masculino e feminino.

De acordo com Maluf (2006), quando bem orientados dentro do processo educativo, os jogos promovem aquisição de habilidades pelos alunos que vão além dos conceitos socialmente construídos, permitindo aos mesmos inferirem sobre os fenômenos sociais de forma crítica e reflexiva, aproveitando a ludicidade própria do recurso como ferramenta propulsora para o aprendizado escolar.

Figura 4 – JOGO DOS PRAZERES: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Antunes (1998), os jogos pedagógicos têm a capacidade de promover uma aprendizagem significativa, estimulando a construção de conceitos próprios, bem como a elaboração de novos conhecimentos de forma crítica, permitindo avançar cognitivamente dentro do processo educativo. Os jogos, quando bem orientados no processo pedagógico, tornam-se uma alternativa facilitadora para a construção do conhecimento, moldando paulatinamente o ensino tradicional pautado quase sempre no quadro afixado na parede e no pincel para quadro branco.

No jogo *Quem é o pai* (tipo interativo e de perícia), visualizado na figura 5, os estudantes alcançaram a habilidade de reconhecer, interpretar e propor modelos explicativos para fenômenos biológicos ou naturais. Neste jogo, os alunos reconheceram a importância dos métodos contraceptivos e propuseram um método explicativo para evitar gravidez não planejada a partir do diálogo recíproco entre pais e filhos bem como entre alunos e professores. Além disso, adquiriram a habilidade de entender o processo de formação dos gametas nas gônadas masculinas e femininas. Também conseguiram identificar regularidades em fenômenos e processos biológicos para construir generalizações como perceber que a estabilidade de qualquer sistema vivo depende da perfeita interação entre seus componentes e processos.

Figura 5 – QUEM É O PAI: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

Ainda de acordo com Antunes (2008), os jogos didático-pedagógicos desenvolvem habilidades operatórias que asseguram a compreensão e a intervenção do educando nos fenômenos sociais e culturais, garantindo a construção de conexões entre os fenômenos e sua aplicabilidade dentro das ocorrências naturais ou artificiais.

Seguindo esta mesma vertente de discussão, Rodrigues (2001) mostra que o jogo é uma atividade fomentadora e de grande efeito no aprendizado, respondendo satisfatoriamente às necessidades lúdicas, intelectuais e afetivas, tendo reflexos na vida social dos alunos e contribuindo na aprendizagem.

No jogo *Mito ou verdade* (jogo de cartas), conforme visualizado na figura 6, os estudantes alcançaram a habilidade de avaliar a procedência da fonte de informação para analisar a pertinência e a precisão dos conhecimentos científicos veiculados e que se destinam a informar o cidadão. Neste jogo os alunos avaliaram informações cientificamente comprovadas com saberes populares e conseguiram elaborar pensamento próprio (autopoiese) sobre a informação disponibilizada. Além disso, adquiriram a habilidade de discutir sobre assuntos pouco presente no currículo escolar, como a síndrome do ovário policístico, o câncer de pênis e a penectomia. Esta discussão positiva dentro do grupo garantiu um maior intercâmbio de saberes entre os alunos, bem como entre o professor.

Figura 6 – MITO OU VERDADE: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

Os jogos permitem aos alunos associem os conceitos socialmente construídos com seus símbolos a partir da construção do conhecimento de forma autopoietica, adquirindo habilidades que garantem a aquisição de competências e o sucesso escolar (MALUF, 2006).

Conforme trabalho de Miranda (2001), é com base na utilização de jogos diático-pedagógicos que vários objetivos do processo de ensino podem ser alcançados, relacionados ao processo cognitivo (desenvolvimento da inteligência e da personalidade, condições indispensáveis para a elaboração do conhecimento), ao processo de afeição (aprimoramento da sensibilidade e da estima, além da atuação no sentido de estreitar laços de amizade e afetividade) e, por último, o aprimoramento da criatividade.

No jogo *Twister dos métodos contraceptivos* (jogo interativo e de perícia), conforme visualizado na figura 7, os estudantes alcançaram a habilidade de relacionar os avanços científicos e tecnológicos com a melhoria das condições de vida das populações, como por exemplo, o uso de métodos de barreira para evitar as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada. Neste jogo os alunos aliaram a ludicidade para compreender a importância dos métodos contraceptivos, levando em consideração os métodos hormonais, de barreira, comportamentais e definitivos.

Figura 7 – TWISTER DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com Santos (2001) O jogo dinamiza a aprendizagem e coloca o aluno como sujeito ativo do processo. Desta forma o ensino torna-se mais contextualizado e lúdico, ocorrendo à construção do conhecimento de forma sólida, visto que os alunos precisaram pesquisar diferentes fontes de conhecimento oriundas da internet, livros didáticos e, a partir destes referenciais, fazer a construção dos jogos.

Demo (2003) defende a posição do aluno no centro do seu próprio processo de aprendizagem, construindo sua própria autonomia e, neste caso, tornando-se sujeito de suas próprias propostas. Desta forma, o professor não deve facilitar os procedimentos, nem mesmo repassar conhecimento “requeitado”, também chamado de “ultrapassado”. Aqui não se denota conhecimento copiado sistematicamente ou reproduzido conforme consta nos livros didáticos. A proposta de um ensino por pesquisa baseia-se na capacidade de desafiar os alunos, tirando-os de sua zona de conforto passiva para tornarem-se autores de seu próprio processo de construção. Demo sugere que o professor seja um facilitador na orientação do trabalho sistemático e do processo de (re)construção.

No jogo *O segredo* (jogo interativo e de perícia), conforme visualizado na figura 8, os estudantes alcançaram a habilidade de interpretar fotos, esquemas, desenhos, tabelas, gráficos, presentes nos textos científicos, ou na mídia, que representam fatos e processos biológicos e/ou trazem dados informativos sobre eles. Neste jogo os alunos ressignificaram o processo de aprendizagem, ao interpretar saberes socialmente construídos e fazendo releituras do processo

de ensino, buscando associar diferentes abordagens metodológicas dentro dos processos biológicos. Também alcançaram a habilidade de identificar os hormônios andrógenos masculino e feminino e sua atuação nas células-alvo do corpo humano, podendo ser utilizados de forma indiscontrolada por atletas para aumentar o desempenho físico.

Figura 8 – O SEGREDO: JOGO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA - BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

Maluf (2006) também ressalta a importância de utilizar os jogos no processo de ensino e aprendizagem, ressignificando a prática educativa e construtivista do processo. Os jogos são eficazes no processo mediador dos conteúdos de difícil aprendizagem pelos alunos, potencializando a aquisição de habilidades que melhoram o desempenho dentro do processo educativo, tanto no que diz respeito ao processo cognitivo, como também aos fenômenos sociais.

Segundo Moreira e Candau (2003), a aprendizagem significativa ocorre quando ideias expressas de maneira simbólica interagem de maneira substantiva (não-litera) e não arbitrária com o conhecimento prévio do estudante. Tal interação não ocorre com qualquer ideia prévia, mas com algum conhecimento relevante já existente no mundo das ideias dos alunos, ganhando significado a partir da transcendência do abstrato para o concreto.

### **5.2.3 A sala ambiente enquanto recurso metodológico no ensino de biologia sobre orientação sexual**

Os jogos didático-pedagógicos produzidos pelos alunos foram apresentados para a comunidade escolar em uma sala ambiente (Figura 10) gestada e preparada por eles, sempre

com a supervisão do professor-mediador. Este espaço democrático de aprendizagem foi apresentado à comunidade escolar no mês de setembro de 2018 no dia do *Transformaê: Virada educacional na Bahia*, um projeto proposto pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) com objetivo de potencializar a produção científica, artística, literária, cultural e social da Unidade Escolar com a participação do coletivo da comunidade local. Dentro da proposta da sequência didática, aliada à produção de materiais pelos alunos, houve a participação de profissionais da área de saúde (enfermagem e biomedicina) de instituições de ensino pública e privada, desenvolvendo atividades sobre temáticas sugeridas pelos próprios alunos no ciberespaço.

Figuras 9 – MOMENTO DE INTERAÇÃO NA SALA AMBIENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE TODA A COMUNIDADE ESCOLAR FAZENDO USO DOS JOGOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.





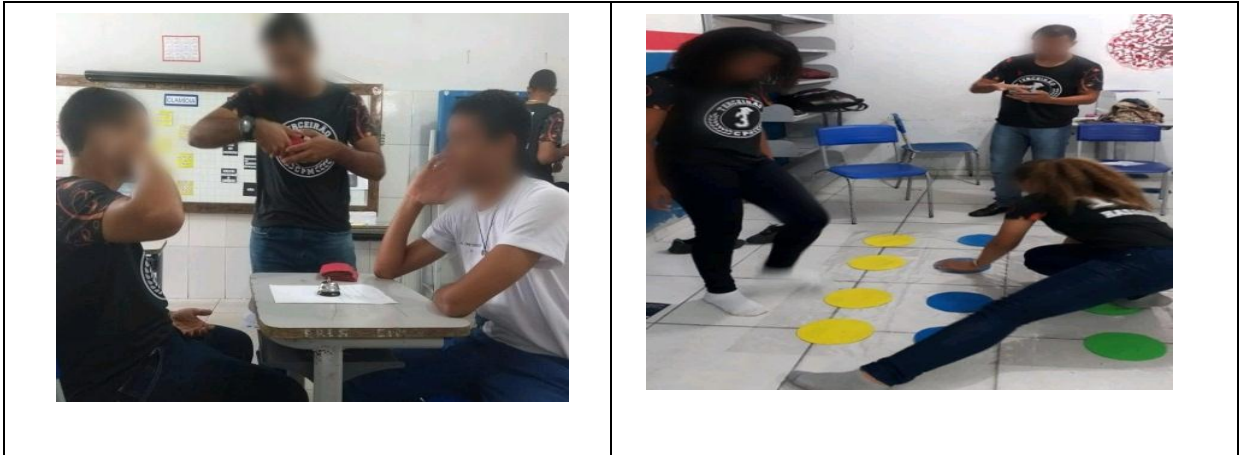
Fonte: Dados da pesquisa na sala ambiente

Para Rovai (2005) a sala ambiente é um espaço democrático dentro da escola que ensina o aluno a pensar e construir conhecimento significativo. E este espaço ultrapassa a visão de sala de aula tradicional, onde o professor é o detentor absoluto do conhecimento, utilizando como único recurso um quadro, com os alunos passivamente sentados em suas carteiras.

O ambiente escolar, conforme aponta Moreira (2007), precisa ser construído a partir das interações estabelecidas entre agentes que fazem parte deste ambiente social, entre alunos e professores, e destes com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente escolar. Sendo assim, ele precisa ser organizado visando a promoção de oportunidades de aprendizagem significativa. Esta aprendizagem não ocorre pela transmissão passiva de conteúdos socialmente construídos, mas sim pela troca de vivências, pelo diálogo com aqueles envolvidos neste processo.

As salas ambientes, quando bem sistematizadas na SD, oferecem aos alunos oportunidade para desenvolverem conceitos, habilidades, hábitos, atitudes e valores, de forma contextualizada do ensino. Isto fica evidente na fala de um aluno da pesquisa: E08 *“Aprender assim é mais proveitoso. Em um dia de aula aprendi muito mais do que um mês sentado na cadeira ouvindo o professor. Não estou dizendo que não gosto dos profes. Eles querem o nosso bem. Mas a gente chega antes das 7 da manhã e fica até meio dia só ouvindo. Isso é pancada na cabeça”*. Esta interação dos alunos na sala ambiente com os jogos didático-pedagógico é mostrada na figura 10.

Figuras 10 – MOMENTO DE INTERAÇÃO NA SALA AMBIENTE COM O USO DOS JOGOS CONFECCIONADOS PELOS ALUNOS DO II ANO DO ENINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITA – BAHIA



Fonte: Dados da pesquisa

Ao serem perguntados se a sala ambiente já havia sido trabalhada com eles em aulas de biologia ou em aulas de qualquer outra disciplina na escola, a grande maioria dos alunos, 96,4% disseram que não, que este espaço de ensino não havia sido utilizado como ferramenta metodológica dentro do processo de ensino e aprendizagem. Apenas 3,6% dos alunos, que responderam ao questionário, disseram que este recurso metodológico já havia sido utilizado na escola.

Almeida (2017) enfatiza que estudar sala ambiente é também estudar a produção dentro do espaço escolar. Isto é necessário e urgente para se avançar no processo de ensino e aprendizagem nas escolas. A produção de espaços diferenciados de aprendizagem na escola significa elevar as potencialidades do lugar que a escola ocupa, tanto em sua estrutura física como também inserida em sua comunidade, com suas características socioeconômicas, sabedora de suas principais carências e de suas qualidades que favoreçam a aprendizagem.

Também implica conhecer as principais características psicossociais e culturais dos alunos na medida em que colocam esses sujeitos como agentes ativos de apropriação de todos os espaços da escola em seu fazer educativo. Esta abordagem é justificada na fala de um aluno: *“Fazer uso da sala de aula como sala ambiente muda a cara enfadonha da escola. Eu vejo a sala ambiente como um lugar fora desta escola. Depois que organizamos todo o espaço da sala, pareceu que eu estava entrando em um museu de arte moderna que vejo só nos filmes”*.

Os alunos também foram entrevistados sobre o interesse deles no uso da sala ambiente para estudar os conteúdos da disciplina de biologia voltados para a orientação sexual. A quase totalidade deles, 98,2% disseram sim, que acharam interessante o uso da sala ambiente para estudar os conteúdos da disciplina de biologia. Já para 1,8% dos alunos entrevistados, a resposta foi oposta, não vendo interesse no uso deste espaço para estudar os conteúdos de biologia.

Um aluno assim descreveu o seu interesse com o uso da sala ambiente: E32 *“Quando eu vi todo aquele espaço montado por nós, com vários jogos, vários cartazes, mesas arrumadas com toalhas, recipientes para balas, recipientes para camisinha, aparelhos de pressão, balança de peso e outras coisas, eu fiquei muito empolgado. A vontade era de não desfazer nada no final do dia. Deixar a sala montada para ser usada novamente na aula de biologia. Já imaginou fazer isso na aula do assunto de animais? Como seria? Uma arca-de-Noé”*. A interação dos alunos na sala ambiente com os visitantes, com o professor, com os profissionais da área de saúde, bem como toda a comunidade escolar foi positiva quanto aos diálogos observados, à espontaneidade, a reciprocidade no ensino, bem como o aprendizado compartilhado. Estas manifestações são observadas na Figura 11.

Vale ressaltar, nas palavras de Menezes e Santos (2002), que para as salas ambientes oportunizarem maiores aprendizados aos alunos, é necessário que ela não seja planejada unicamente como acúmulo de materiais produzidos pelo professor sem um planejamento sistemático da atividade. Para que este espaço ganhe um papel de destaque no processo de ensino e aprendizagem, é necessário o planejamento do professor em parceria com os alunos, pois isto possibilita maior envolvimento dos mesmos na ação pedagógica.

Figuras 11 – SALA AMBIENTE: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA COM A COMUNIDADE DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA



Fonte: Dados da pesquisa

Também, de acordo com Almeida (2017), pode-se dar uma versatilidade surpreendente a sala de aula, proporcionando um ambiente mais agradável dentro do processo educativo tanto para professores quanto para alunos, no qual os mesmos possam construir conhecimento

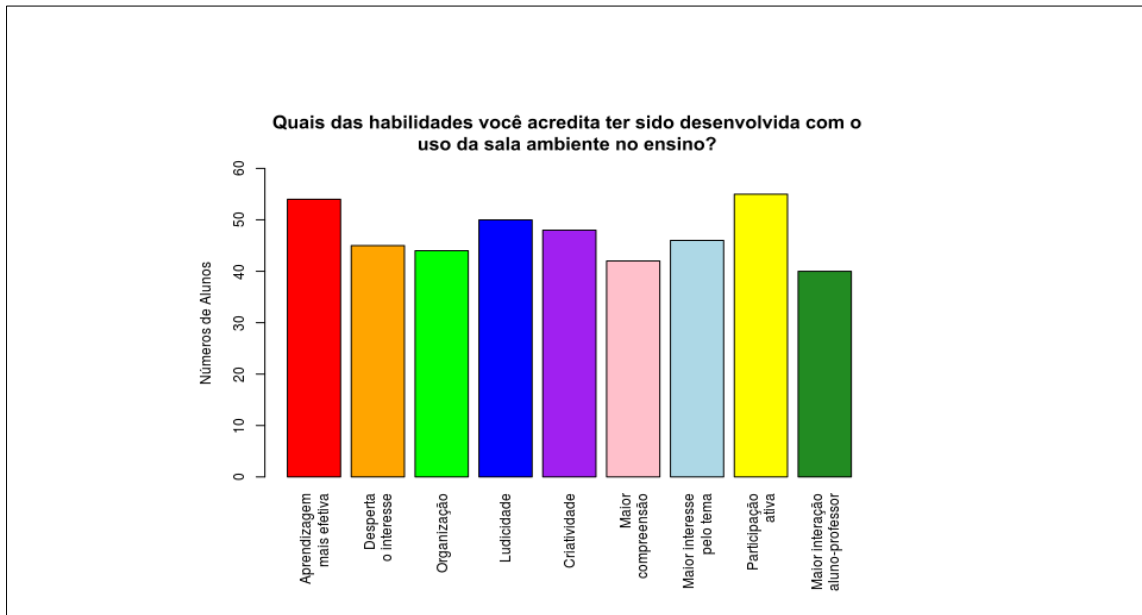
significativo ao invés de ficar decorando conhecimento por vezes ultrapassado. Nas salas tradicionais, chamadas de salas fixas, o professor é o protagonista do processo e o aluno mero receptor passivo, procurando se situar ou mesmo se encontrar dentro do processo educacional. A possibilidade de um salto qualitativo no ensino e aprendizagem na escola, através da prática de salas ambiente, é evidente.

De acordo com Maia e Ribeiro (2011), para desenvolver momentos de reflexão sobre a sexualidade humana, facilitando seu ensino integrado e contextualizado, é preciso lançar mão do uso de diversas formas pedagógicas de ensino e aprendizagem, indo além da sala de aula convencional e de seus materiais didáticos por vezes ultrapassados. É preciso utilizar os relatos e diálogos dos professores, os livros didáticos, slides e filmes que podem ser usados como estratégias e métodos que contribuem para facilitar no processo de aquisição de conhecimento significativo e transformador.

Tenenbaum (2011) analisou a preferência de alunos por novas metodologias no processo de ensino e aprendizagem. Ele observou que a maioria dos alunos entrevistados demonstraram preferência por aulas que utilizassem recursos metodológicos variados, como vídeos e *power point*, em detrimento da aula expositiva.

Quanto às habilidades que os alunos acreditavam terem sido desenvolvidas com o uso da sala ambiente durante o desenvolvimento da ação pedagógica, eles responderam terem adquirido as seguintes habilidades dentro do processo de ensino com o uso da sala ambiente: Participação ativa; Aprendizagem mais efetiva; Ludicidade; Criatividade; Maior interesse pelo tema trabalhado; Desperta o interesse para pesquisar posteriormente; Organização da aula; Maior compreensão da temática e, por último, Maior interação professor-aluno. Estas habilidades estão explicitadas no gráfico 7.

Gráfico 7 – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR AOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA SOBRE AS HABILIDADES DESENVOLVIDAS COM USO DA SALA AMBIENTE.



Fonte: Dados da pesquisa

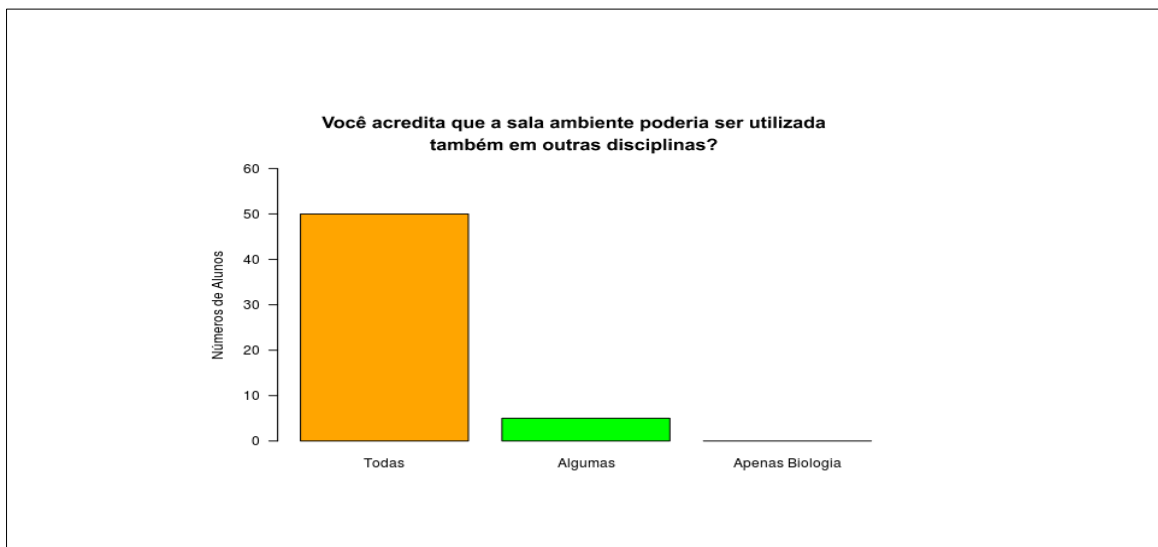
Em seu estudo sobre o uso das salas ambiente como estratégia de ensino e aprendizagem, Almeida (2017) esclarece que a abordagem temática nas salas ambiente acaba sendo facilitada dentro da ação pedagógica do professor, visto que, quando se tem que usar a lousa, por exemplo, o ambiente estrutural já se encontra didaticamente organizado com seus desenhos, suas anotações, os mapas já disponibilizados para todas as aulas, facilitando o trabalho do professor.

As aulas ficam bem mais interessantes e mais lúdicas. Não é necessário ao professor transportar material pedagógico extra de sala em sala. Também o professor deixa de ser um copiador de conteúdos na lousa e os alunos copiadores de textos, pois mesmo com a lousa cheia de textos, tem-se um tempo maior para o diálogo sobre o que se encontra depositado na lousa. Isto proporciona um ambiente fértil de aprendizado, de troca de experiências, de vivências democráticas dentro do espaço escolar (ALMEIDA, 2017).

Também foi perguntado aos alunos se eles acreditavam que a sala ambiente poderia ser utilizada também em outras disciplinas. A grande maioria dos entrevistados respondeu positivamente sobre o uso da sala ambiente em todas as disciplinas escolares, perfazendo um

total de 90,9% dos entrevistados. Já para 9,1% dos entrevistados, a sala ambiente poderia ser utilizada em algumas disciplinas, mas não em todas. Não obtivemos nenhum quantitativo referente ao uso da sala ambiente apenas na disciplina de biologia. O quantitativo é descrito no gráfico 8.

**Gráfico 8 – PERGUNTA FEITA PELO PROFESSOR MEDIADOR AOS ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE 2018 DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA SOBRE USO DA SALA AMBIENTE EM OUTRAS DISCIPLINAS**



Fonte: Dados da pesquisa

Almeida (2017), em seu estudo sobre o uso de salas ambientes como estratégia de ensino e aprendizagem argumenta que a implantação deste tipo de recurso metodológico na escola coloca as ações pedagógicas em primeiro plano, fazendo com que a prática pedagógica ganhe centralidade no processo educativo. Ainda segundo a pesquisadora, as salas de aula fixas imobilizam os alunos nos espaços educativos, uma imobilização física com reflexos danosos no desenvolvimento cognitivo.

Sendo assim, a escola despreza a movimentação corporal historicamente construído que o aluno desenvolve nos espaços extra-muros. Já nas salas ambiente, o professor é um facilitador do processo de ensino e aprendizagem em um espaço mais prazeroso, dinâmico e acolhedor de vivências socialmente construídas. Atitudes de interesse, ânimo e motivação desenvolvidos nas salas ambiente contribuem para a formação do educando de forma plena (MENEZES; SANTOS, 2002)

Também perguntamos aos alunos se eles acreditavam que os assuntos trabalhados na sala

ambiente se tornariam mais compreensíveis para eles se o professor os tivesse explicado oralmente sem o uso da sala ambiente como ferramenta auxiliadora do processo de aprendizagem. A maioria, 81,8% dos alunos responderam que não, que não acreditavam que os assuntos trabalhados na sala ambiente se tornariam mais compreensíveis para eles se o professor os tivesse explicado oralmente sem o uso da sala ambiente. Já para 18,2% dos alunos entrevistados, os assuntos seriam mais compreensíveis se o professor tivesse feito a exposição oral dos mesmos em sala de aula convencional.

A oralidade e a espontaneidade dos alunos na sala ambiente na exposição dos jogos didático-pedagógicos sobre os temas voltados para a sexualidade mostraram-se mais significativas quando comparado ao período que antecedeu a exposição. De acordo com Almeida (2017), a sala ambiente permite a mobilidade de ideias, apresentando-se como um campo aberto para novas sinapses, gerando aprendizagem significativa no espaço escolar.

A motivação dos estudantes durante esta ação foi verificada através de mensagens postadas no *WhatsApp*® ao final dos trabalhos e/ou no *Instagram*®. Uma das falas dos alunos no ciberespaço foi: E3 *“É mais divertido aprender quando saímos das carteiras e ganhamos toda a escola. Me senti importante hoje”*.

Cunha (1998) caracteriza um ambiente de aprendizagem ativa como espaço de inteligência em contraposição à atitude passiva dos métodos tradicionais de ensino. Métodos tradicionalmente utilizados por muitas escolas pelo Brasil acabam sufocando os processos mentais dos estudantes, impedindo a aquisição de habilidades que permitam ao aluno progredir em seus estudos. Este é o chamado fracasso escolar, um ônus que aparentemente pesa unicamente sobre os estudantes. A escola enfrenta problemas em todas as suas frentes de trabalho. Contudo, é preciso dar passos largos e seguros rumo a uma escola nova, transformada, sabedora de seu compromisso em buscar formas de ensino que sejam atrativas, significativas e com poder reformador da sociedade.

Nas rodas de conversa com profissionais da área de saúde juntamente com o professor, conforme visualizado na imagem 13, os estudantes demonstraram na oralidade a importância do trabalho de orientação sexual, percebendo que esta ação pedagógica proporciona a reflexão, o autoconhecimento e o autocuidado. Sabendo que as rodas de conversa são

metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem. Percebe-se que no intercâmbio de saberes criados, todos aprendem e todos ensinam. A aprendizagem amarra-se na troca de saberes, na valorização das individualidades e na construção coletiva do conhecimento significativo.

As rodas de conversa, conhecidas também como “círculos de cultura” na visão de Freire (1983), oportunizam momentos especiais no espaço educativo de fala e de escuta. O autor entende que Círculos de Cultura são diálogos desenvolvidos, é o mundo se pronunciando. Formar rodas de conversa ou círculos de cultura é a forma mais próxima da escola fazer a leitura de mundo, a problematização dos contextos sociais como forma de entendê-lo e transformá-lo. Esse momento fecundo em que o pensamento do educador somente ganha autenticidade crítica, na autenticidade crítica dos educandos, mediatizados ambos pela realidade vivenciada em diferentes contextos, tornando-se uma intercomunicação.

Freire (1996), nos ajuda a repensar a práxis pedagógica quando analisa as relações construídas no processo de ensino e aprendizagem de forma a dinamizar as ações ocorridas no espaço escolar, enfatizando que professores e alunos devem assumir-se como sujeitos de produção de saberes, tendo como prerrogativa norteadora de que a ação de ensinar não é pautada na transmissão de conhecimentos, mas sim criar possibilidades para a produção ou construção social do aluno.

**Figuras 12 – ALUNOS DO II ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEIXEIRA DE FREITAS - BA INTERAGINDO COM A EQUIPE DE ENFERMAGEM DURANTE A RODA DE CONVERSA SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE E AUTOCUIDADO**



Fonte: Dados da pesquisa

Um estudante assim descreveu esta atividade da roda de conversa: E22: “*Eu imaginava que*

*sexualidade era apenas sexo. Não imaginava que minhas ideias diante de alguma discussão social também fizesse parte da minha sexualidade. Meus pais precisavam entender isso também”.*

Outros dois estudantes também se manifestaram surpresos sobre o trabalho de orientação sexual no espaço escolar: E18: *“Até então, orientação sexual em minha cabeça era ensinar homem a ser homem e ensinar mulher a ser mulher. Meu pai acha que orientar sexualmente é fazer o homem se tornar gay”*

E31 assim descreveu sua opinião: *“Acho bacana professor esse trabalho na escola, pois arranca o mito do kit gay. O senhor trabalhou com a gente o tempo todo sobre sexualidade sem utilizar o tal kit gay. Ele existe?”*

Para Soldatelli (2006), a curiosidade do adolescente sobre aspectos da sexualidade vai além do ser anátomo-fisiológico, demonstrando curiosidades dentro de todo o processo de construção e vivências da sexualidade do ser humano, na busca por prazeres individuais e/ou coletivos. Para muitos adolescentes, a anatomia do corpo humano causa repulsa e não é esta a visão que eles possuem do organismo social. A visão do corpo biológico complementa a ideia que o indivíduo possui de si mesmo.

Da mesma forma, Antunes (1998) afirma que os jogos pedagógicos têm a capacidade de promover uma aprendizagem significativa, estimulando a construção de conceitos próprios, bem como a elaboração de novos conhecimentos. Além disso, desenvolve habilidades operatórias que asseguram a compreensão e a intervenção do educando nos fenômenos sociais e culturais, garantindo a construção de conexões entre os fenômenos e sua aplicabilidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa voltada à orientação sexual no espaço escolar, no qual foi feito uso de variadas estratégias de ensino, sistematizadas na sequência didática, com metodologias ativas e problematizadoras na promoção ações reflexivas inerentes à sexualidade adolescente, conseguimos visualizar êxito das ações pedagógicas dentro do processo educativo analisado.

As ferramentas didático-metodológicas pesquisadas, desenvolvidas e aplicadas nos diferentes espaços de ensino, proporcionou ambiente satisfatório de debates e reflexões acerca da sexualidade adolescente, promovendo ações de autocuidado, de autoconhecimento, de respeito e, ao mesmo tempo, garantindo um ensino mais participativo, realocando o aluno de uma posição periférica passiva para o centro do processo da construção significativa do conhecimento.

Propusemos a construção de uma sequência didática que pudesse promover ações metodológicas que viabilizasse espaço de reflexão, análise, construção e releitura da sexualidade adolescente dentro do processo educativo, de forma sequenciada, visando aquisição de habilidades pelos educandos ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Ao final da aplicação da sequência didática, pudemos observar sua importância no fomento da autopele cognoscente do educando, permitindo ao longo do seu percurso educativo o revisitar de conceitos sobre a sexualidade, tendo um olhar mais investigativo dos fenômenos que os cercam.

A sequência didática garantiu o fluxo sequencial das ações metodológicas, partindo de um estágio de menores habilidades acerca das temáticas trabalhadas, até chegar a um estágio onde os conceitos se tornaram mais amplos e mais contextualizados e, possivelmente, mais significativos, proporcionando aos educandos a valorização de suas construções históricas, e levando-os a posicionarem-se enquanto sujeitos ativos e participativos.

Também verificamos o uso das tecnologias da informação como estratégia de ensino ativo e participativo dentro da sequência didática. Observamos uma participação expressiva dos alunos no ciberespaço criado, a partir das discussões propostas e realizadas, mostrando que esta ação metodológica, quando bem orientada, pode proporcionar aquisição de conhecimento significativo, integrando a escola com o ambiente virtual.

Também analisamos o uso de jogos didático-pedagógicos construídos pelos alunos dentro do processo de ensino. Verificamos que este recurso, quando bem planejado pelo professor em parceria com os alunos, sujeitos ativos do processo cognoscente, colaboram positivamente com o processo de ensino e aprendizagem, de uma maneira lúdica educativa e atrativa, favorecendo a aquisição de habilidades voltadas ao conhecimento significativo, proporcionando apropriação de conceitos sólidos pelos mesmos de forma descontraída e contextualizada.

Investigamos o uso da sala ambiente, como recurso didático-pedagógico no espaço formal de ensino, voltados para o trabalho de orientação sexual, no intuito de desenvolver habilidades pretendidas no plano elaborado pelo professor e contido na sequência didática. Percebemos que o uso deste espaço consegue centralizar as ações pedagógicas no processo educativo, catalisando o trabalho orientado do professor mediador dentro do processo de ensino e aprendizagem, com a aquisição de habilidades pelos educandos, oportunizando a apropriação de conceitos, de habilidades de resolver, solucionar e sistematizar, além de desenvolver atitudes e valores fundamentais para a vida em sociedade. A sala ambiente quando bem estruturada, consegue garantir autonomia do educando em seu processo formativo.

As rodas de conversa desenvolvidas na sala ambiente também oportunizaram aos adolescentes momentos de descontração e aprendizado, dentro de uma construção dialética de ensino, instrumentalizando o trabalho do professor e desenvolvendo os conteúdos atrelados as relações situacionais que foram apresentadas pelos educandos.

Como partícipes ativos da construção do conhecimento, o aluno precisa encontrar lugar central nas propostas contidas no Projeto Político Pedagógico da escola voltada para a orientação sexual. Desta forma, um dos objetivos desta pesquisa foi revisitar, *in loco*, este documento norteador do processo educativo, encontrando-o em desacordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A ausência da proposta de orientação sexual no PPP vai de encontro com as orientações contidas nos PCN's, minimizando espaços formais para que os adolescentes possam discutir temas necessários ao desenvolvimento pleno e seguro rumo à adultez.

É importante ressaltar que seria demasiadamente precoce afirmar que as ações desenvolvidas

nesta pesquisa dentro do processo educativo, com a utilização do ciberespaço, do uso de jogos didático-pedagógicos, das rodas de conversa e da sequência didática sistematizada sejam garantias de aprendizagem em todos os momentos de sua aplicação, haja vista que a sociedade dentro de sua área de abrangência é dinâmica e mutável. A escola em si mesma também é dinâmica e mutável. A própria sala de aula, espaço onde se desenvolve boa parte das ações pedagógicas é de natureza heterogênea e, sendo assim, possuirá suas especificidades, cabendo aos professores manterem constante a busca por metodologias que possam oportunizar aprendizagem significativa. O que salientamos é que dentro do espaço-tempo do desenvolvimento desta pesquisa, com suas ações pedagógicas, obtivemos resultados que nos satisfizeram dentro do processo pedagógico. As ações metodológicas apresentadas neste trabalho não ensejam ser a panaceia de todos os insucessos ocorridos dentro dos espaços de ensino. Enquanto sujeitos em constante processo formativo, acreditamos que esta pesquisa somar-se-á a outras muitas pesquisas desenvolvidas até o presente momento, bem como das futuras pesquisas voltadas para a ação pedagógica do professor, buscando a miúdo melhorar o processo de ensino e aprendizagem dentro dos espaços institucionalizados de ensino.

Por tudo isto, como resultado deste trabalho desenvolvido ao longo de dois anos, espera-se que ele possa contribuir positivamente com o trabalho pedagógico dos profissionais da educação, tanto da área das ciências da natureza, como de qualquer outra área do conhecimento humano, na aquisição de metodologias ativas de aprendizagem, colocando o educando como sujeito central de seu processo cognoscente, atribuindo-lhes autonomia cidadã para atuar na construção do seu próprio conhecimento no decurso de sua história de vida.

## 7 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes médicas São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1985, 92 p.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

ALMEIDA, N. F. de. **Salas ambiente como estratégia de ensino e aprendizagem**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em geografia humana da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. 169f. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/Desktop/SALA%20AMBIENTE.pdf> Acesso em 02 de Julho de 2019.

AMORIM, A. M. M; FREITAS, L. M. **Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFGA**. Educação em saúde e educação em ciências. Ata do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC Águas de Lindóia, SP. 10ª ed. 2013 Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0679-1.pdf> > Acesso em 04 de junho de 2019.

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

AQUINO, C; MARTELLI, A. C. **Escola e Educação Sexual: uma relação necessária**, 2012. Disponível em:<[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/2012/Genero,Sexualidade educação/trabalho/12 40 16 1105-7444-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/2012/Genero,Sexualidade%20educacao/trabalho/12%2040%2016%201105-7444-1-PB.pdf)>. Acesso em 09 de mai. 2019.

ARAÚJO, K. C. V. De. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. **Sexualidade na internet: Análise de blogs sobre sexualidade e educação sexual**. Araraquara, SP, 2014. 154 f. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Sexualidade, cultura e educação sexual.

ARAÚJO, L. F. S. De; DOLINA, J. V.; PETEAN, E.; MUSQUIM, C. dos A.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. C. **Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde**. Revista Brasileira Pesquisa Saúde, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.

ARNETT, J. J. **Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties**. American Psychologist, 55, 469-480, 2000.

ARRUDA, E. P. **Fundamentos para o Desenvolvimento de Jogos Digitais**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

AYRES, J. R. C. M. **Vulnerabilidade dos Jovens ao HIV/AIDS: a escola e a construção de uma resposta social**. In: SILVA, L. H. (Org.) A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARROS, S. C. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões que integram o PPP**.

Diversidade e educação. p. 14-16, 2013.

BERALDO, F. N. (2003). **Sexualidade e escola: espaço de intervenção**. Psicologia Escolar e Educacional. 103-104. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v7n1/v7n1a12.pdf>> Acesso em 05 de maio de 2019.

BOCK, A. M. B. (org). **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia**. 13 ed. Reformada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo; In: **Investigação qualitativa em educação – Uma introdução a teoria**. 1997. p. 150-175.

BRANDÃO, E. R. **Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ. 2004.

BRASIL. Ministério da Justiça. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática/Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 142 p.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>> Acesso em 20 de Julho de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL. PCN+ ensino médio: **Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: Semtec, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais – Secretaria da Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 72 – 110. In: MEYER, D.E.E. (Org). **Cadernos 4 Educação Básica – Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006. 176 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. - Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 60 p.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2, de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 13.415/2017, de 13 de fevereiro de 2017, Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de

1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. 2017. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BULUT, F. G. Z. **The evaluation of communication between adolescent girls and their mothers related to sexual issues.** Gülhane Askeri Tip Akademisi. 2009; 8(1):27-36.

CABRERA, W. B. **A ludicidade para o ensino médio na disciplina de biologia: Contribuições ao processo de aprendizagem em conformidade com os pressupostos teóricos da Aprendizagem Significativa.** 2006.159f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

CAMPOS, L.M.L.; BORTOLOTO, T.M.; FELICIO, A.K.C. **A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem.** 2008. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2002/aproducaodejogos.pdf>> Acesso em 25 jun. 2019.

CARACAS FILHO, J. A.; SOUZA, H. D. L. **Um jeito adolescente de ensinar: Um mapeamento das concepções de sexualidade em duas unidades escolares estaduais em Teixeira de Freitas – BA, 2010. 77 f..** Trabalho de conclusão de curso (especialização). Área temática: Orientação sexual. Universidade do Estado da Bahia.

CARRANO, P.C.R. **Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 35, n.2, p. 395-421, abr./jun. 2017.

CARVALHO, C. E. Como combater as fake News em sala de aula? **Gazeta do Povo.** Curitiba, PR. 05 de outubro de 2017. Disponível em: <[www.gazetadopovo.com.br/.../como-combater-as-fake-news-em-sala-de-aula-7x6crli6](http://www.gazetadopovo.com.br/.../como-combater-as-fake-news-em-sala-de-aula-7x6crli6)> Acesso em: 30 de março de 2018.

CASTELLS, M. **La Era de la información: economiá, sociedade y cultura.** México: Siglo Veintiuno Editores, 1999.

CAZELLI, S.; COIMBRA, C. A. Q. **Proposta para a avaliação da prática pedagógica de professores.** Ensino em Re-Vista, Uberlândia: UFU, v. 20, n. 1, p. 133-148, jan./jun. 2013.

CECCIM, R. B. **Saúde e doença: reflexão para a educação da saúde.** p. 37 – 50. In: MEYER, D.E.E. (Org). Cadernos 4 Educação Básica – Saúde e Sexualidade na Escola. Porto Alegre: Mediação, 2006. 176 p.

CIOLA, A. C. L. **Autonomia e estratégias de aprendizado.** In: BRASILIANISCHEN DEUTSCHLEHRERKONGRESSSES, 6., 2006; LATEINAMERIKANISCHEN CONGRESSO PROFESSORES DE ALEMÃO, 1., [2006], [São Paulo]. Anais... [S. l.]: Abrapa, [2006]. p. 1-8. CD-ROM. Disponível em: < <http://www.abrapa.org.br/cd/pdfs/Ciola-AnaCarla.pdf>> . Acesso em: 10 Julho de 2019.

COSENZA, R.M. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 151 p.

COSTA, J. **O papel da escola na sociedade atual: implicações no ensino das ciências**. Millenium, 1999.

COSTA, V.; FERNANDES, S. C. S. **O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais**. *Psicologia & Sociedade*; 24 (2), 391-401, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/16.pdf> > Acesso em 02 de Julho de 2019.

CUNHA, M. I. Da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 1998.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: Aportes metodológicos**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

DEMO, P. **Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DEMO, P. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento**. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95 – 128.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definição, conceitos e critérios. **Adolescência e saúde**. 2005.

ELLIOT, J. **Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio**. In: GERARDI, Corinta Maria Crisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.). *Cartografias do trabalho docente: professor (a)- pesquisador(a)*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A educação presente nos relacionamentos cotidianos**. In: (Org) *Educação sexual: em busca de mudanças*. Londrina: UEL, 2009. p. 63 – 104.

FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 295. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 268.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FURLANI, J. **Educação Sexual: possibilidades didáticas**. In G. L. Louro (Org.), *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Petrópolis: Editora Vozes. 2013.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. 2 edição. São Paulo, Cortez. 1998.

GADOTTI, M. **O projeto político-pedagógico da Escola na perspectiva de uma educação para a cidadania**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul LTDA, 2000.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GHERPELLI, M. H. V. **A educação preventiva em sexualidade na adolescência**. In: Série Ideias. São Paulo: FDE, n. 29, 1996. p. 61 – 72.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Cortez. 1999.

GRÜBEL, J. M.; BEZ, M. R. **Jogos Educativos**. Renote, Porto Alegre, v. 4, n. 2, dez. 2006.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: Mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

HEIDEMANN, M. **Adolescência e saúde: Uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação**. Petrópolis – RJ: Vozes; 2006, 148 p.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JUSTO, J. S. **O «ficar» na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade**. Revista do Departamento de Psicologia, 17(1), 61-77, 2005.

KEMMIS, S.; McTAGGART, R. **Como planificar la investigación-acción**. Barcelona: Laertes, 1988.

KISHIMOTO, T. M. (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia. Realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 203.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2004.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, G. L. **Conversando com a criança sobre sexo. Quem vai responder?** Belo Horizonte - MG: Autêntica. 2001. 128 p.

LOURO, G. L. **Sexualidade: lições da escola**. In: MEYER, D.E.E. Saúde e sexualidade na escola . Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOURO, G. L. **Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares.** In Luiz Heron Silva (org.), *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.33-47.

LOURO, G.L. **A construção escolar das diferenças. In: Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997).

LOURO, G.L. **Sexualidade: lições de casa.** In: MEYER, D.E.E.(org.) *Saúde e sexualidade na escola*. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 85-96.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista..**- 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, SP, 1996. p. 165.

MACEDO, L; PETTY, A.L.S.; PASSOS, N.C. **Aprender com jogos e situações-problema.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MACHADO, J. N. **Sobre a ideia de competência.** In: PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather; et al. *Competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.137-155.

MAIA, A. C. B. **A educação sexual repressiva padrões definidores de normalidade.** In: SOUZA, C. B. G.; RIBEIRO, P. R. M. *Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores*. Araraquara: FCLUNESP. Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008.

MAIA, A. C., & RIBEIRO, P. R. M. **Educação Sexual: Princípios para a ação.** *Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 15(1), 41-51, 2011.

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas como estratégias de ensino e aprendizagem.** *Psicopedagogia*. Online, 2006. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/index.php/649-atividades-ludicas-como-estrategias-de-ensino-e-aprendizagem>> Acesso em 10/09/2018.

MANNA, T. D. **Hormônios em ação.** In: *O olhar adolescente*. São Paulo: Duetto, 2007, nº 01. p. 18 – 25.

MARIANO, R. DE SOUZA. **O uso das tecnologias na aprendizagem de biologia em escolas da rede pública.** 2014. 36f. Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista na pós-graduação em ensino de ciências – Polo de Araras-SP, modalidade de ensino a distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira. Disponível em: < [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4385/1/MD\\_ENSCIE\\_II\\_2014\\_73.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4385/1/MD_ENSCIE_II_2014_73.pdf)> Acesso em: 02 de junho de 2019.

MÁRIO, J. C. M; SOUZA, S. R. de. **Tecnologias educacionais com baixo custo e alto desempenho/ Sérgio Rodrigues de Souza; Júlio César Merij Mário.** 2015. 120 p.

MARTINHO, T.; POMBO, L. **Potencialidades das TIC no ensino das Ciências Naturais –**

- um estudo de caso.** Rev; Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, vol.8, n.2, 2009.
- MARTINS, I. C. P.; BRAGA, P. E. T. **Jogo didático como estratégia para o ensino de divisão celular.** Essentia, Sobral, v.16, n. 2, p.1-21, jan. 2015.
- MATTOS, A. H., FERREIRA, A., & JABUR, S. S. (2008). **O papel do Educador na construção de uma Sexualidade Emancipatória no Colégio Estadual Gabriel de Lara em Matinhos - PR** (pp. 4644- 4656). In EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação, Curitiba, PR. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/21001371-O-papel-do-educador-na-construcao-de-uma-sexualidade-emancipadora-no-colegio-estadual-gabriel-de-lara-em-matinhos-pr.html>> Acesso em 02 de Junho de 2019.
- MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. **Dicionário interativo da educação brasileira: EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: < <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=62>> Acesso em: 29 de Abril de 2019.
- MERCADO, L. P. L (Org). **Vivências com aprendizagem na Internet.** Maceió. EDUFAL:2005.
- MILES, M. B; HUBERMAN, M. **Qualitative data analysis: An expanded sourcebook**, 2. Ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994
- MIRANDA, J. C. et al. **Jogos didáticos para o ensino de Astronomia no Ensino Fundamental.** Scientia Plena. v. 12, n. 2, p.1-11, 2016.
- MIRANDA, M. G. **O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança.** In: Lane, S. T. M. & CODO, W. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001.
- MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. Informática na Educação: Teoria & Prática**, [Porto Alegre], v. 3, n. 1, p. 137-144, set. 2000.
- MOREIRA, A. F. B. CANDAU, V. M. **Educação escolar e cultura(s): Construindo caminhos.** 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/n23/n23a11.pdf>> Acesso em 15/04/2010.
- MOREIRA, M., & JUAREZ, F. **Comportamento sexual de adolescentes do sexo masculino de baixa renda: a comunidade de Chão de Estrelas, em Recife, Pernambuco.** In Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, MG, 2004.
- MOREIRA, A. F. **Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia.** Belo Horizonte: CEFETMG, 2007.
- MOREIRA, B. L., & FOLMER, V. **Educação sexual na escola: construção e aplicação de material de apoio.** Experiências em Ensino de Ciências, 6(2), 151-160, 2011.
- MOREIRA, M. L.; SIMÕES, A. S. DE. M. **O uso do whatsapp como ferramenta pedagógica no ensino de química.** ACTIO, Curitiba, v.2, n.3, p. 21-43, out/dez.2017.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. Universidade Católica de Brasília UCB. Pró-reitora de Pós-Graduação PRPG. Programa de Pós-graduação stricto sensu em Gestão do conhecimento e tecnologia da informação. Brasília, 2003.

NABUCO C. A., EISENSTEIN E., ESTEFENON S., organizadores. **Vivendo esse mundo digital**. Porto Alegre: Artmed; 2013.

NASCIMENTO, E. N. **A Ideologia no ensino da sexualidade nas turmas de EJA da cidade do Recife**. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2008.

NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. DE M.; SOUSA, A. F. L. DE; FERNANDES, A. C. N. **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes**. Acta Paul Enfermagem. 2015; 28(3): 287-92. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500048>> Acesso em 10 de Junho de 2019.

NUNES, A.R.S.C.A. **O lúdico na aquisição da segunda língua**. 2004. Disponível em: <[http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos\\_papers/ludico\\_linguas.htm](http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm)>. Acesso em: 10 de jun de 2019.

PATRICIO, M. R. V., GONÇALVES, V. M. B. **Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior**. I Conference Learning and Teaching in Higher Education: Universidade de Évora [versão electrónica]. 2010. Acessado em 20 de maio de 2019. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>>.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

PIZZI, L. C. V; ALVES. J. C da P. Currículo, cultura escolar e disciplinamento. **Espaço do currículo**. v. 3, n. 1, p. 296-304, 2010.

POLICARPO, I.; STEINLE, M. C. B. **Contribuições dos recursos alternativos para a prática pedagógica**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/2345-8.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

PONTE, J. P. **O ensino da Matemática na sociedade da informação**. Educação e Matemática, 45, 1- 2, 1997.

PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, c ompartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 445 p. ISBN 978-85-7879-283-1. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

PORTO, M. E. **As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis...relações construídas**. Revista Brasileira de Educação. v. 11, n. 31, jan/abr. 2006, p. 43-57.

QUAGLIA, I. **Saúde na Escola: uma análise de conteúdo dos Projetos Políticos-Pedagógicos das Escolas Municipais de Maringá-Pr**. Isabela Quaglia. Maringá-Pr. Unicesumar, 2013. 79p.

QUEIRÓZ, M. I. de P. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas:**

**algumas reflexões.** In: Lang, A.B.S.G., org. Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. p. 13-29. (Coleção Textos; 2ª série, 3).

RAMAL, A. C.; **Um novo perfil de professor.** Internet e Educação. Rio de Janeiro, Revista Guia da Internet. BR, Ediouro, N. 5, 1996.

RECUERO, R. **Redes sociais da internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, D. Educação e a diferença. In: **Educação e diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva.** Lisboa, 2001

ROVAI, E. **Um encontro com o passado pensando o futuro.** In: ROVAI, Esméria (org). Ensino Vocacional – Uma pedagogia Atual. São Paulo: Cortez, 2005.

SAMPAIO, D. **Voltei à escola.** Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

SANTOS, S. M. P. Apresentação. In: SANTOS, S. M. P. (Org.). **A ludicidade como ciência.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SAVIANI, D. **As teorias da educação e o problema da marginalidade.** In: Pedagogia Histórico-crítica : primeiras aproximações. / 8. ed.. revisada e ampliada – Campinas, SP : Autores Associados, 2003.

SAYÃO, R. **Saber o sexo? Os problemas de informação sexual e o papel da escola.** p. 97 – 105. In: AQUINO, J. G. (Org). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo – SP: Summus, 1997. p. 143.

SILVA, E. C. **Investigação dos dados sobre estilos de aprendizagem dos alunos frequentadores da base de apoio ao aprendizado autônomo.** Pará: UFPA, 2008. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/rcientifica/artigos\\_cientificos/ed\\_08/pdf/elen\\_cristina.pdf](http://www.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_08/pdf/elen_cristina.pdf)>. Acesso em 26 de fevereiro de 2019.

SILVA, E.L.; BEJARANO, N.R.R. **As tendências das sequências didáticas de ensino desenvolvidas por professores em formação nas disciplinas de estágio supervisionado das Universidades Federal de Sergipe e Federal da Bahia.** IX Congresso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, nº extra, p. 942- 1948, Girona, 2013.

SILVA, F. S.; SERAFIM, M. L. **Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente.** In: SOUSA, RP, et al., orgs: Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98. ISBN 978-85-7879-326-5. Disponível: <<http://books.scielo.org>> Acesso em 18 de janeiro de 2019.

SILVA, M. R.; SCHEIBE, L. **Reforma do ensino médio: Pragmatismo e lógica mercantil.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 20, p. 19-31, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em: 12 jun. 2019

SILVA, S. C. G. DE M.; OLIVEIRA, M. M. DE. **Sequência didática interativa trabalhada como proposta CTS com a temática aquecimento global para a Educação Básica.** Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, 33(1), 345-364.

SILVEIRA, E. F.; VIEIRA, L. C.; ROCHA, M. P.; KRUGER, V. **Concepção de Sexualidade e Educação: a visão dos bolsistas do PIBID/Biologia da Universidade Federal de Pelotas**. Rev. SBEnBio, n.3, out. 2010.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I.; MILANI, E. **Cadernos do Mathema: Jogos de matemática de 6º a 9º ano**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOLDATELLI, M. M. **Educação sexual e condições de ensino: implicações na construção da corporeidade de alunos do ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, RS, 2006.

TELES, M. L. S. **Educação: A revolução necessária. Os enganos e distorções da educação**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

TENENBAUM, S. DOS S. **Avaliação de diferentes metodologias de ensino para alunos de biologia do ensino médio**. 2011. 31f. Trabalho de conclusão de curso apresentado sob requisito para obtenção do grau de licenciado do curso de ciências biológicas do Centro Universitário de Brasília. Disponível em: < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6449/1/20852226.pdf>> Acesso em 27 de junho de 2019.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

VALENTE, T.; COSTA, A. R. A.; OLIVEIRA, M. G.; TAVARES, R. F.; SOUZA, T. M. F. **A contribuição do lúdico no processo de ensino- aprendizagem**. Tempo & Ciência, Revista do Centro Universitário Luterano de Manaus, nº 11/12, 2004/2005.

VEIGA, I. P. **Projeto Político-Pedagógico na escola: Uma construção Coletiva**. In I. P. Veiga (Org.). Projeto Político-Pedagógico na escola: Uma construção Possível. Campinas: Papyrus, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. A Formação dos Processos Psicológicos Superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A- DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS**

Em cumprimento a uma das exigências do Mestrado em ensino de biologia em rede Nacional – ProfBio, apresentamos como produto gerado nesta pesquisa uma sequência didática, dentro do eixo temático de Orientação Sexual, com metodologias ativas direcionadas à diferentes espaços de ensino, contendo sugestões metodológicas participativas, bem como recursos didático-pedagógicos elaborados a partir das ações desenvolvidas. Como produto elaborado a partir do desenvolvimento da SD, disponibilizamos, como recurso didático-metodológico, seis jogos, no formato de protótipo, elaborados pelos alunos do II ano do Ensino Médio da escola participante da pesquisa com a participação do professor mediador. A SD e os jogos didático-pedagógicos destinam-se ao trabalho da temática de orientação sexual, podendo ser utilizado por professores de ciências, biologia ou demais disciplinas que almejam trabalhar a temática de forma transversal. Os produtos desenvolvidos foram disponibilizados para a Instituição de Ensino participante da pesquisa.

### **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

A sequência didática elaborada descreve o produto final do trabalho de mestrado intitulado “Estratégias de ensino sobre sexualidade, a partir de sequências didáticas, para alunos do ensino médio”. Esta SD segue um modelo de organização similar aos sugeridos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC). Contudo, foram feitas adaptações da proposta de sequência didática elaboradas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que voltam-se para ao modo de organização das atividades de ensino feitas pelo professor em função de núcleos temáticos e procedimentais, sendo apresentadas conjuntos de atividades escolares organizadas de maneira sistemática.

A proposta da SD oportuniza aos demais professores de biologia ou qualquer outra disciplina das grandes áreas do conhecimento humano, fazerem uso de ações pedagógicas de aprendizagem e motivação, numa perspectiva problematizadora da temática, de forma a contribuir com a socialização da proposta de Orientação Sexual no espaço escolar.

É importante evidenciar que esta proposta pedagógica procura melhorar o modelo tradicional de ensino, que se volta para aulas mais expositivas, sendo o professor o dispensor do conhecimento. A proposta aqui apresentada baseia-se nesta possibilidade de mudança epistemológica de ensino, favorecendo a promoção dos alunos ao domínio dos fenômenos em

estudo. Para tanto, a sequência didática construída faz uma avaliação diagnóstica inicial das habilidades que os alunos possuem da temática a ser desenvolvida. Os módulos (chamados de momentos de aprendizagem) são compostos por ações sistemáticas e progressivas, que permitem aos alunos apreenderem os vários conceitos e características da temática em estudo. Além disso, ao final de cada momento de aprendizagem, segue-se uma avaliação do ensino e da aprendizagem, como forma de verificar o alcance dos objetivos propostos.

A produção final é o momento em que os alunos colocam em prática estes conhecimentos estruturados e adquiridos ao longo do processo educativo. Como etapa final, o professor também avalia os progressos efetivados, tendo sempre o foco na aprendizagem significativa.

Desta forma, a sequência didática produzida estrutura-se dentro da temática de estratégias de ensino sobre sexualidade para alunos do ensino médio.

### SEQUÊNCIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA – PRODUTO GERADO

SEQUÊNCIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA		
<b>INSTITUIÇÃO:</b> ESTADUAL	COLÉGIO	ANO: 2018
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> BIOLOGIA – CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS		<b>PROFESSORES:</b> JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO
<b>PERÍODO:</b> APLICAÇÃO DE AGOSTO À NOVEMBRO	<b>QUANTIDADE DE AULAS:</b> 22 AULAS	<b>SÉRIE/TURMA</b> 2º ANO DO ENSINO MÉDIO
<b>TEMA:</b> Educação sexual para adolescentes: A visão da sexualidade para além do sexo biológico na promoção do autoconhecimento e do autocuidado		
<p><b>OBJETIVO GERAL:</b> Discutir temáticas relacionadas à sexualidade adolescente em diferentes espaços de ensino, buscando integrar estratégias diversificadas de ensino e potencializar a reflexão sobre temas inerentes ao universo adolescente para promover o autoconhecimento, o autocuidado, o pluralismo de ideias e o respeito mútuo.</p> <p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</b></p>		

- Promover debates e reflexões acerca da sexualidade em diferentes espaços de ensino;
- Discutir as diferentes vivências da sexualidade dos adolescentes no espaço escolar com vistas à promoção do autocuidado;
- Utilizar a rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos – Instagram® e o aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas - WhatsApp® para facilitar a discussão de temas referentes à sexualidade.
- Promover rodas de conversa ou “círculos de cultura” com adolescentes, em espaços formais e não formais, para esclarecer questões relacionadas à orientação sexual.
- Construir jogos didáticos a partir de temas elencados pelos alunos (as) sobre sexualidade.
- Proporcionar espaço de aprendizagem aos adolescentes através de palestras com profissionais da área de saúde que dialoguem sobre temas inerentes ao universo adolescente.
- Elaborar materiais como painéis explicativos sobre temas variados.
- Discutir temáticas presentes em filmes voltados para a sexualidade humana.

#### CONTEÚDOS ABORDADOS

- Aborto: legalização e poder de decisão sobre a vida: diferentes concepções.
- Paternidade/Maternidade não programada.
- Métodos anticoncepcionais: de barreira, hormonal, definitivo e comportamental.
- Mitos e verdades sobre a sexualidade dentro do universo adolescente.
- Femicídio: A punição legal para crimes cometidos contra a integridade da mulher.
- Uso de drogas lícitas e ilícitas na adolescência.
- Tolerância e respeito às diferenças sexuais, culturais.
- Infecções sexualmente transmissíveis.
- Prazer: uma busca constante.
- Síndrome do ovário policístico.
- Infecções do trato urinário: abordagem fisiológica e anatômica.
- Transformações orgânicas influenciadas por hormônios gonadotróficos.

C  
H

- Sociedade patriarcal: é cultural?
- Relações de gênero no espaço escolar
- Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino.

## PROCEDIMENTOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

### 1.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Tempestade de ideias em sala (*Brainstorming*): o professor conduzirá uma roda de conversa em espaço formal, na qual serão observados os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática da sexualidade. Para a sensibilização da temática, será exposto o vídeo “Sexualidade”. Vídeo de 05:02 minutos disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>>. Acesso em 06 Jun. 2018.

A avaliação da aprendizagem ocorrerá pela participação dos alunos, seja durante a tempestade de ideias ou posicionando-se durante as discussões ou a partir de análise do vídeo.

### 2.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Utilização do ciberespaço para promover discussões referentes à sexualidade adolescente. Com as ferramentas do *Instagram*® e do *WhatsApp*®, serão postados textos, imagens e vídeos que tratem de diferentes temáticas voltadas para a orientação sexual.

A imagem “Infância e adolescência ameaçada” Disponível em: < <https://www.cliccamaqua.com.br/noticia/23244/taxa-de-gravidez-na-adolescencia-ainda-preocupa-no-brasil.html> >. Acesso em: 03 mai. 2018, será um momento oportuno para discutir temas como: gravidez na adolescência, gravidez não planejada, métodos contraceptivos, aborto.

Também serão trabalhadas as temáticas: mundo virtual, primeira vez, corpo feminino, corpo masculino, orgasmo x prazer, sexo e namoro, gravidez não planejada, homo e bissexualidade, dificuldades sexuais e IST/Aids. Estes temas estão disponibilizados no levantamentos de Blogs sobre sexualidade e educação sexual feitas no ano de 2013 por

Araújo (2014).

A avaliação da aprendizagem se dará pela participação dos alunos através da postagem de comentários, curtidas e visualizações realizadas no ciberespaço.

### 3.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Utilizando a metodologia da sala de aula invertida, orientar os alunos a pesquisarem de que forma os diferentes métodos contraceptivos foram idealizados de acordo com a anatomia e fisiologia do corpo masculino e feminino. Solicitar que os alunos desenvolvam esquemas explicativos ou desenhos sobre a anatomia do sistema reprodutor masculino e feminino (em grupos), destacando os órgãos envolvidos e a função de cada um na reprodução.

A avaliação da aprendizagem se dará a partir da produção dos esquemas pelos alunos, com posterior apresentação para toda a sala.

### 4.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Será trabalhado um breve vídeo explicativo sobre **Dicas de Saúde: Métodos Contraceptivos**, Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wjmksiXEmeg> >. Acesso em 02 mai. 2018, intensificando as discussões anteriormente apresentadas. Logo após, propor a realização de uma breve explicação pelo docente sobre as informações contidas no vídeo, de forma dialogada (roda de conversa).

Posteriormente, o professor poderá solicitar aos alunos informações sobre métodos contraceptivos mais conhecidos pelos adolescentes, formas de utilização dos mesmos, enfocando a anatomia do sistema reprodutor masculino e feminino. Em seguida, os alunos buscarão imagens dos métodos contraceptivos para montagem de um painel informativo.

A avaliação desta ação pedagógica se dará em todas as etapas na qual os alunos participaram ativamente, seja na roda de conversa, seja na discussão dos métodos contraceptivos, bem como na construção do painel informativo.

## 5.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Ocorrerá aplicação do jogo didático-pedagógico *twister dos mitos e verdades do sexo*: Jogo mitos e verdades (produzido pelo professor), onde a classe será dividida em 4 grupos que farão 3 disputas, dentre elas a equipe que responder corretamente mais perguntas ficará em primeiro lugar. Como prêmio, o professor pode distribuir brindes aos alunos.

A avaliação da ação se dará pela participação dos alunos durante o jogo.

## 6.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Produção de jogos didático-pedagógicos, pelos alunos, sobre os temas discutidos na *Instagram*® e do *WhatsApp*®. Os alunos serão divididos em grupos de, no máximo, 5 pessoas e os temas de cada jogo será sorteado. Os alunos terão duas semanas para pesquisar a temática proposta e para executar a produção do jogo. Os critérios de avaliação são: Criatividade, regras de jogo bem definidas, material de confecção do jogo resistente e estar dentro do tema proposto.

A avaliação da aprendizagem se dará pela observação das habilidades alcançadas pelos alunos após a confecção dos jogos didático-pedagógicos.

## 7. MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Trabalhar em sala de aula o filme **PRECIOSA: UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA**, sobre a violência doméstica. Neste filme, além da violência doméstica, pode ser abordados assuntos como: feminicídio, estupro, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, obesidade, planejamento familiar, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino e masculino.

Para trabalhar essas temáticas será proposta uma roda de conversa onde as palavras que mais aparecem no diálogo serão anotadas no quadro para posterior análise.

Logo após, o professor solicitará aos alunos uma produção textual, do tipo relato de

experiência vivida, de forma anônima, descrevendo possíveis abusos contra adolescentes observados em uma reportagem, na rua, na escola ou outro ambiente. Os textos produzidos não serão expostos na sala, mas o professor buscará nos relatos eixos temáticos para trabalhar os abusos relatados.

A avaliação da aprendizagem se dará pela participação ativa dos alunos durante a roda de conversa.

#### 8.MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Mostra dos jogos produzidos em sala ambiente preparada pelos alunos com a mediação do professor. Neste momento, toda a escola será convidada a fazer visitas deste espaço e utilizar os jogos produzidos pelos alunos. Os jogos serão expostos pelos próprios alunos em espaço ambientado por eles dentro de um tema norteador, que poderá ser: SAÚDE ADOLESCENTE: CUIDADOS NECESSÁRIOS.

A avaliação deste momento se dará tanto pela participação dos alunos na exposição dos jogos, bem como na sua frequência durante a visita da sala temática. Após esta etapa, o professor conduzirá uma conversa com os adolescentes para levantar os pontos positivos da ação, verificando a aquisição de habilidades pelos educandos.

#### 9. MOMENTO DE APRENDIZAGEM

Participação de profissionais da área de saúde para trabalhar com os adolescentes, em roda de conversa, sobre: higiene íntima, métodos contraceptivos, planejamento familiar, exame Papanicolau e dúvidas que podem surgir a partir da dinâmica da caixa de dúvidas.

A avaliação desta ação se dará pela observação participativa dos alunos e pelo seu engajamento durante a atividade das dúvidas surgidas. Posteriormente, o professor conduzirá uma conversa com os alunos para levantar os pontos positivos da ação desenvolvida, verificando se houve aprendizagem significativa.

## 10. MOMENTO DE APRENIZAGEM

Como avaliação final, será trabalhado em sala de aula o filme: Filadélfia de 1994 (1h59min), direção de Jonathan Demme, que retrata a luta de um advogado acometido pelo vírus HIV. Após o filme, será proposta a construção de um mapa conceitual/mental (em grupo). O mapa deverá integrar conceitos como: sistema reprodutor masculino e feminino, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e sistema imunológico. Pode-se também construir, no lugar do mapa conceitual, uma história em quadrinhos contendo os mesmos conceitos.

A avaliação da aprendizagem ocorrerá por sua habilidade em relacionar os conceitos aprendidos, bem como a partir da análise de sua apropriação de informações/conhecimentos.

## RECURSOS

Data show, Quadro branco, Pincel, slides, vídeo, aparelho celular, papel ofício, notebook, materiais diversos (cartolina, cola, tesoura, fitas coloridas, papéis variados, tintas, folder disponibilizados em campanhas de conscientização).

## AVALIAÇÃO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

A avaliação de ensino se dará de forma contínua, ao longo do desenvolvimento das ações pretendidas nesta sequência didática, e possibilitará ao professor rever os objetivos propostos inicialmente, buscando adequações didático-metodológicas para atingi-los.

A avaliação da aprendizagem observará os seguintes critérios:

- Participação do aluno (verbalizada e/ou escrita) em todas as ações propostas em que sejam feitas discussões dos assuntos, com elaboração de relatos de observações, (para podermos avaliar, principalmente, os alunos tímidos e introspectivos), sendo as mesmas registradas em diário de bordo pelo professor.
- Participação nas discussões tanto no espaço formal quanto no espaço não formal.
- Produção de jogos didáticos sobre as temáticas em estudo, levando em consideração os temas sugeridos pelos alunos no ambiente virtual.

- Apresentação do material produzido em sala ambiente para toda a comunidade escolar.
- Avaliação escrita sobre a temática proposta.

#### **REFERÊNCIAS:**

AMABIS, J. M. MARTHO, G. R. **Biologia** vol. 2, 3º ed. São Paulo: Moderna, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CARACAS FILHO, J. A.; SOUZA, H. D. L. **Um jeito adolescente de ensinar: Um mapeamento das concepções de sexualidade em duas unidades escolares estaduais em Teixeira de Freitas – BA,** 2010. 77 f.. Trabalho de conclusão de curso (especialização). Área temática: Orientação sexual. Universidade do Estado da Bahia.

LOPES, S. **Biologia** vol. Único. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

LOURO, G.L. A construção escolar das diferenças. In: **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas de informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo – SP: Summus, 1997. p. 97-105.

#### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:**

O espaço escolar reúne agentes sociais distintos, multiculturais e com elevado potencial de interações humanas, criando elementos que convergem e se inter-relacionam, promovendo a construção da cidadania. Sendo assim, a escola caracteriza-se como uma importante instituição sociocultural, política, econômica e étnica, na qual os indivíduos ganham espaço para tornarem-se e exercerem a cidadania plena, respeitando um conjunto de códigos morais e éticos, fruto das construções históricas da vida em comunidade (BRASIL, 1998). Compete à escola, a princípio, formar cidadãos reflexivos, ativos e questionadores da realidade social, com potencial de intervenção e posicionamento crítico, de maneira responsável e construtiva em diferentes vivências sociais, tendo no diálogo um mediador de conflitos e de tomada de decisões individuais e na coletividade (BRASIL, 1997).

Como forma de expressão orgânica, mental e comportamental, a sexualidade, enquanto manifestação do indivíduo, desenvolve-se também no espaço escolar, nas relações que vão se estabelecendo entre os elementos que a constituem culturalmente.

“A sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade mais do que com a biologia (LOURO, 2006 p. 88)”. A sexualidade, enquanto forma de expressão humana, ultrapassa os limites físicos impostos pela escola ou por qualquer outra instituição social, intensificando-se e moldando-se a medida em que o sujeito se relaciona com a comunidade. Ela ganha espaço nas relações interpessoais e se concretiza na coletividade, perpassando as fronteiras do corpo orgânico. A sexualidade acompanha a transformação do indivíduo em sua totalidade e, desta forma, também se transforma enquanto sociedade, haja vista o seu caráter dinâmico (CARACAS FILHO, 2010).

Desta forma, dentro do espaço formador da escola, os alunos, bem como toda a comunidade escolar, constroem e vivenciam sua sexualidade, através das interações sociais estabelecidas. Neste ínterim, não é possível construir um Projeto Político Pedagógico que não contemple a educação sexual como parte integrante do currículo e dentro do processo de ensino e aprendizagem. Compete à escola receber as várias manifestações da sexualidade dos integrantes destes espaços, promovendo metodologias eficazes que promovam a sua vivência plena, respeitando as diferenças individuais e coletivas, bem como o pluralismo de ideias e reforçando o respeito à individualidade, dentro de um conjunto de símbolos e códigos de ética coletivamente construídos (SAYÃO, 1997).

## **APÊNDICE B – MATERIAIS DE SUPORTE PARA O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO FORMAL E NÃO FORMAL DE ENSINO**

Vídeos disponibilizados na internet (You Tube) e que podem ser utilizados durante o trabalho de orientação sexual no espaço escolar. São vídeos curtos e de fácil compreensão pelos alunos. Nos vídeos abaixo, os temas voltados para a sexualidade estão presentes. Também estão presentes filmes longa metragem, além de textos, músicas e imagens que auxiliam no trabalho de orientação sexual. Existe uma grande quantidade de conceitos e saberes que podem ser discutidos utilizando os materiais elencados abaixo. O professor pode fazer uma seleção dentro da proposta elencada em seu plano de ensino.

- **VÍDEOS**

Vídeo: **CURTA METRAGEM DE ANIMAÇÃO: EM BUSCA DO CORPO PERFEITO.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b-5ASKgnWTc>>. Acesso em: 05 Jun. 2018.

**Resumo:** Vídeo de 08:01 minutos que aborda a busca pelo corpo perfeito. É uma animação de fácil compreensão e que mostra os dilemas da insatisfação pelo corpo.

Vídeo: **SEXUALIDADE.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>>. Acesso em 06 Jun. 2018.

**Resumo:** Vídeo de 05:02 minutos que aborda os tabus existentes na fase da sexualidade. Com linguagem acessível ao adolescente, o vídeo explica as diferentes visões de sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Além disso, aborda a biologia do sexo.

Vídeo: **APRENDENDO COM VIDEOAULAS: CIÊNCIAS.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KwRpswjbHvo>>. Acesso em 06 Jun. 2018.

**Resumo:** Vídeo de 05:33 minutos. Relata a descoberta do adolescente sobre o corpo. Aborda a sexualidade, a reprodução a fecundação e os métodos contraceptivos.

Vídeo: **MUNDO ADOLESCENTE: GRAVIDEZ.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IV1rg8FO06c>>. Acesso em 06 Jun. de 2018

**Resumo:** vídeo de 10:40 minutos mostrando a vida de uma adolescente. Na história bastante descontraída, a personagem engravida em sua primeira relação sexual, mostrando as mudanças provocadas pela gravidez não planejada. Também ressalta o despreparo do adolescente para lidar com as decisões da vida.

Vídeo: **DIFERENTES VISÕES DA SEXUALIDADE INFLUENCIADA PELA CULTURA: TABU SEXO NA ADOLESCÊNCIA**

Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=QkGxCW\\_Ip24](https://www.youtube.com/watch?v=QkGxCW_Ip24)> Acesso em 02 Jun. 2018

**Resumo:** Vídeo de 44:49 minutos abordando as diferentes visões da sexualidade em culturas diversas. Mostra a preocupação dos pais sobre o início da vida sexual dos filhos. Mas também mostra a visão de outras culturas sobre o sexo.

Vídeo: **DR. DRAUZIO VARELLA EXPLICA TUDO SOBRE A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=vfA59aP\\_DW4](https://www.youtube.com/watch?v=vfA59aP_DW4)>. Acesso em 05 Jun. 2018

**Resumo:** vídeo de 04:27 minutos fala sobre a impotência masculina e ejaculação precoce, ligados a fatores biológicos ou comportamentais. O vídeo é de linguagem bastante simples e pode ser trabalhado nas aulas de biologia. Também aborda o câncer de próstata, problemas com diabetes e hormônios masculinos.

Vídeo: **Ciclo do HIV.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qYNxt9rHPY>>. Acesso em 04 Jul. 2018

**Resumo:** vídeo de 03:50 minutos aborda a forma de transmissão do vírus HIV, além de mostrar a ação viral no organismo.

Vídeo: **O QUE É SEXUALIDADE.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yiEHkpvAq4U>>. Acesso em: 12 Jul. 2018

**Resumo:** Vídeo de 01:39 minutos aborda o conceito amplo de sexualidade na criança e no adolescente e suas forma de desenvolvimento.

Vídeo: **VAMOS FALAR SOBRE SEXUALIDADE?** Leandro Ramos at TEDxVer-o-Peso. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Rm2AoxyM\\_7c](https://www.youtube.com/watch?v=Rm2AoxyM_7c)>. Acesso em 12 Jul. 2018

**Resumo:** vídeo com um tempo de 09:07 minutos e que traz um depoimento descontraído sobre ideologia de gênero e a importância do trabalho da família e da escola no trabalho sobre orientação sexual.

Vídeo: **DOCUMENTÁRIO PLANEJAMENTO FAMILIAR.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=UT6leM71g\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=UT6leM71g_0)>. Acesso em 05 Jun. 2018

**Resumo:** Tem um tempo de 13:20 minutos. Aborda o planejamento familiar por meio de informações voltadas para o exercício plenamente a sexualidade com responsabilidade. Aborda também o sistema reprodutor feminino e masculino.

Vídeo: **DICAS DE SAÚDE: MÉTODOS CONTRACEPTIVOS.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wjmksiXEmeg>>. Acesso em 05 Jul. 2018

**Resumo:** Com um tempo de 7:12 minutos, o vídeo aborda os métodos contraceptivos de barreira, hormonal, definitivo e comportamental. Além disso, aborda questões anatômicas e fisiológicas.

## ➤ TEXTOS

Tema de Redação: **OS DESAFIOS DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA.** Disponível em: <<https://descomplica.com.br/blog/redacao/tema-de-redacao-sexualidade-adolesce%CC%82ncia/>>. Acesso em 10 Jul. 2018

**Resumo:** Os três textos disponibilizados na página do Descomplica aborda a mesma temática dos desafios da sexualidade na adolescência. São três textos motivadores: O texto número 1 traz uma estatística do IBGE sobre o uso do preservativo entre os jovens. Já o texto 2 fala sobre o trabalho de orientação sexual na escola e na família. O texto 3 mostra a influência das mídias digitais no comportamento adolescente. Já o texto 4, com linguagem não-verbal, mostra a necessidade de se prevenir durante o ato sexual.

## ➤ FILMES

**Preciosa: Uma história de esperança** (1h49min) é um Drama Norte-Americano com direção de Lee Daniels. A história se passa no ano de 1987 com uma adolescente de 16 anos que é abusada pela mãe. Além de pobre, analfabeta, negra, mulher e obesa, ela se depara com uma gravidez não-planejada, fruto de um abuso sexual cometido pelo padrasto. O filme retrata com muita sensibilidade a luta da adolescente por uma mudança de vida ao saber que estava grávida

Filme: **Filadélfia** de 1994 (1h59min) o filme com direção de Jonathan Demme retrata a luta de um advogado acometido pelo vírus HIV, em uma batalha judicial contra uma empresa após ter sido demitido por ser soropositivo. Mais do que o fato de estar acometido por uma grave doença ainda incurável, o filme retrata a homofobia existente na sociedade americana da Filadélfia. É uma batalha por igualdade, tolerância e respeito.

Filme: **Hoje eu quero voltar sozinho** (1h36min) do ano de 2014, trabalho do diretor Daniel Ribeiro, é um filme brasileiro que trabalha a temática do homoerotismo, sugerindo a discussão da temática no universo adolescente. Mostra um diálogo crescente de autonomia em que os adolescentes vão desenvolvendo a medida em que amadurecem.

## ➤ GRÁFICOS

**Gráfico 1: Infância e adolescência ameaçadas.** Disponível em: <<https://www.cliccamaqua.com.br/noticia/23244/taxa-de-gravidez-na-adolescencia-ainda-preocupa-no-brasil.html>>. Acesso em 22 Jul. 2018

Resumo: Evidencia que a gravidez na adolescência no Brasil ainda é preocupante, em todas as regiões do Brasil. Segundo relatório do Ministério da Saúde de 2013, a taxa de natalidade das adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos foi de 71 mil.

## ➤ MÚSICA

**Música:** Canção Infantil de composição de Cesar Mc Vozes – Cesar Mc e Cristal.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>> Acesso em 10 de Janeiro de 2019.

A música possui uma letra que retrata a realidade das comunidades á qual a escola está inserida. Como espaço aberto, a escola recebe todas as angústias existentes na sociedade, interferindo totalmente no processo de ensino e aprendizagem.

Com a música, o professor pode abordar diferentes vivências, violência infantil, drogas, preconceitos, falta de investimento público, precarização da escola.

## APÊNDICE C - ORIENTAÇÕES SOBRE OS JOGOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

- Jogo didático-pedagógico: Baralho da sexualidade (tipo cartas).

No jogo *baralho da sexualidade* (tipo de cartas). Neste jogo estão presentes assuntos como: gravidez não planejada, planejamento familiar, legalização do aborto, reprodução assistida, feminicídio e ideologia de gênero.

É um jogo voltado para alunos do Ensino Médio e apresenta nível de dificuldade progressivo.

**Material:** 30 cartões de perguntas e uma roleta.

**Regras:** Mínimo de 03 jogadores e máximo de 08 jogadores por partida. Os participantes, sentados no chão ou em uma superfície de apoio onde são acondicionadas as cartas e a roleta, forma um círculo de forma que a seta da roleta possa percorrer todos os jogadores. Os cartões devem estar com as perguntas voltadas para baixo de modo que não seja possível identificá-las antes da jogada. Gira-se a roleta. A ponta da seta indica qual participante irá realizar a pergunta. A extremidade oposta da seta indica qual participante responderá a pergunta. Neste momento, o jogador deve ler a pergunta em voz alta para que todos os participantes possam também ouvi-la. Toda vez que o participante errar ou não souber responder a pergunta, o cartão deve voltar para a mesa de apoio. Se o participante acertar a resposta, deverá ficar com o cartão de pergunta. Caso o participante não responda a pergunta, deverá pagar uma prenda estipulada pelos participantes do grupo. O vencedor da jogada será o participante que tiver o maior número de cartões.

- Jogo didático-pedagógico: Jogo dos prazeres (tipo tabuleiro)

No jogo dos prazeres (jogo de tabuleiro), estão presentes assuntos como: métodos contraceptivos de barreira, hormonal, comportamental e definitivo. Também estão presentes conteúdos como Infecção sexualmente transmissível, gravidez não planejada, e sistema reprodutor masculino e feminino.

É voltado para alunos do Ensino Médio bem como para alunos do Ensino Fundamental II.

**Material:** 01 tabuleiro; 45 cartas com perguntas; 06 peões; 01 dado.

**Regras:** É um jogo comum de tabuleiro onde os jogadores deverão percorrer o caminho das casas na medida em que vão acertando as perguntas contidas nas cartas. Podem jogar de dois

a seis jogadores por partida. O jogo começa com o participante que tirar no dado o maior número. Em seguida, após posicionar o peão, ele joga novamente o dado. O número sorteado orientará o número de casas no tabuleiro que ele deverá percorrer caso acerte a pergunta contida nas cartas que foram previamente embaralhadas e posicionadas na mesa de jogo com a face das perguntas voltadas para baixo. O jogador que chegar a casa final do tabuleiro vence a competição. O objetivo do jogo é acertar as perguntas para chegar primeiro ao final do tabuleiro.

➤ Jogo didático-pedagógico: Jogo Quem é o pai? (tipo interativo e de perícia)

Neste jogo, estão presentes assuntos como métodos contraceptivos, diálogo entre pais e filhos e formação dos gametas nas gônadas masculinas e femininas.

É voltado para alunos de todas as séries do Ensino Médio.

**Materiais:** 45 varetas de bambu, 35 miniaturas e bebês (bonecos), Torre que simula o útero e o canal vaginal; 01 dado; 15 cartas com perguntas.

**Regras:** É um jogo de tira-varetas onde podem jogar de dois até quatro jogadores. O jogo inicial com o encaixe das varetas na torre e com a colocação das miniaturas de bebês sobre as varetas com cuidado para que nenhum boneco caia antes do início da partida. Joga-se o dado para verificar quem iniciará a partida, tirando o número maior no dado. O primeiro jogador deve retirar uma vareta do encaixe cuidadosamente para que nenhum boneco caia pelo “canal vaginal”. Os outros jogadores, em sequência, vão fazendo as mesmas jogadas, retirando cuidadosamente as varetas do encaixe da torre (que simula o ovário e o canal vaginal). Os jogadores que deixarem os bonecos cair à medida que vão retiram as varetas, devem responder uma pergunta sobre métodos contraceptivos. Se não souber a pergunta, deve retirar outra vareta. Ganha o jogo o jogador que deixar cair menos bebês no final.

➤ Jogo didático-pedagógico: Jogo do Mito ou Verdade (tipo cartas)

Neste jogo estão presentes assuntos como: primeira menstruação, infecções sexualmente

transmissíveis, síndrome do ovário policístico, câncer de pênis, penectomia e conhecimentos populares acerca da temática (mitos), sistema reprodutor e métodos contraceptivos.

Podem jogar todos os alunos de Ensino Médio.

**Materiais:** 48 cartas sendo estas divididas em 4 naipes com 12 cartas cada.

**Regras:** Podem jogar de três a cinco jogadores. O objetivo é formar trincas de associação. O primeiro jogador a formar três trincas (agrupamento) vence o jogo. O jogo começa com as cartas sendo embaralhadas e distribuídas aos jogadores em número de nove para cada um dos jogadores. Após a entrega das cartas, os jogadores terão um minuto que deverá ser cronometrado no celular do participante que distribuiu as cartas, de forma que cada um possa analisar suas cartas. Após esse tempo, o jogador que estava cronometrando deverá pegar a carta que estava por cima do bolo de cartas que não foram distribuídas e colocá-las no centro da mesa viradas com os naipes para baixo. O jogador que tiver interesse em pegar cartas da pilha central deverá pegá-la para si e descartar uma de suas cartas. Caso a carta que foi disponibilizada no centro não seja de interesse de nenhum participante, então outra carta deverá ser retirada da pilha de cartas e repostada no lugar desta. Este processo deverá ser repetido até que surja uma carta que interesse a algum participante. As trincas são agrupadas de três em três cartas que possuem algum tipo de relação entre si. Por exemplo: Uma carta naipe IST e na descrição (texto no centro da carta) informando que esta doença causa feridas na vagina + uma carta com naipe “sistema reprodutor” contendo informações sobre a estrutura do aparelho reprodutor feminino + uma carta com naipe “contraceptivos” informando sobre o uso do diafragma vaginal. Neste caso, todas as cartas possuem uma associação comum com o canal vaginal. Sendo assim, elas forma uma trinca de associação. Use a criatividade na hora de fazer a associação, visto que algumas cartas permitem um grande número de associações diferentes, exigindo dos jogadores habilidades sobre os assuntos. Os perdedores deverão analisar o jogo do vencedor para comprovar se houve a associação correta, com explicação plausível do mesmo. Caso haja dúvida sobre o resultado, o vencedor deverá explicar para os demais participantes as associações feitas por ele. Ganha o jogo quem conseguir formar o maior número de trincas de associação.

- Jogo didático-pedagógico: Twister dos métodos contraceptivos (tipo interativo e de perícia)

Neste jogo estão presentes assuntos como: métodos contraceptivos de barreira, hormonal, definitivo, comportamental, hormônios andrógenos e sistema reprodutor masculino e feminino.

Podem jogar alunos das séries finais do Ensino Fundamental II e todos os alunos do Ensino Médio.

**Materiais:** 20 cartões com perguntas; um tapete com círculos de cores variadas; um cronômetro.

**Regras:** É permitido apenas dois jogadores por partida. O jogo precisa de um árbitro que faça a leitura das perguntas para os jogadores e que esteja com o cronômetro em mãos. Ele também analisa cada movimento realizado pelos jogadores, observando a colocação correta da parte do corpo sobre o tapete. O jogo inicia com o árbitro solicitando aos participantes que tirem a sorte no dois ou um para identificar o jogador que iniciará a jogada primeiro. O árbitro lê uma das perguntas contidas no cartão para o primeiro participante. Respondendo corretamente a pergunta, este jogador não faz nenhuma movimentação. Caso responda incorretamente, deverá se mover sobre o tapete seguindo as ordens do adversário que escolherá um círculo colorido e uma parte do corpo a ser disposta pelo adversário. As partes do corpo que podem ser movimentadas são: braços direito e esquerdo e pernas direita e esquerda. O vencedor será o participante que conseguir ficar por mais tempo em pé. O perdedor será aquele que encostar no tapete uma parte do corpo que não foi solicitada.

➤ Jogo didático-pedagógico: O segredo (tipo interativo e de perícia)

Neste jogo estão presentes assuntos como: hormônios andrógenos masculino e feminino e sua atuação nas células-alvo do corpo humano, vigorexia, gônadas masculina e feminina.

**Materiais:** 01 sineta; 20 cartas ilustrativas; 20 cartas com informações associativas; 20 cartas de prendas.

**Regras:** É um jogo cronometrado no qual os jogadores tem o objetivo de responder o maior número de perguntas ou identificar as imagens ilustrativas. São permitidos DOIS jogadores por partida e um árbitro que seleciona aleatoriamente as perguntas e/ou imagens da caixa. Inicia a partida com o árbitro fazendo a pergunta aos dois jogadores em voz alta ou mostrando a ilustração, caso esta seja a carta sorteada. O primeiro jogador que tocar a sineta responderá a pergunta. Em caso de resposta correta, o jogador ganha 1 ponto. Caso o jogador toque a sineta

e responda a pergunta incorretamente ou não saiba responde-la, deverá pagar uma prenda contida em um dos cartões de prendas que também será sorteado pelo árbitro. Ganha o jogo aquele que tiver a maior pontuação.

**APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA SALA AMBIENTE ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

**QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA SALA AMBIENTE ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES

Departamento de ciências agrárias e biológicas - DCAB

Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – ProfBio

**TÍTULO: COMO VOCÊ AVALIA A SALA AMBIENTE ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Data da aplicação: 10/11/2018

Questões objetivas e subjetivas

Questionário:

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

- 1- A sala ambiente já havia sido trabalhada com você em aulas de biologia ou em aulas de qualquer outra disciplina nesta escola?

Sim (  ) Não (  )

- 2- Você achou interessante o uso da sala ambiente para estudar os conteúdos da disciplina de biologia voltados para a orientação sexual?

Sim (  ) Não (  )

- 3- Das habilidades apontadas abaixo sobre o uso da sala ambiente no ensino dos conteúdos de biologia voltados para a orientação sexual, indique aquelas (por ordem de relevância, começando pelas de maior relevância até as de menor relevância), a (as) que você acredita terem sido desenvolvidas: Atenção: utilize número de 0 até 8 para quantificar a relevância.

(  ) Ludicidade dos conteúdos apresentados

(  ) Criatividade na exposição dos conteúdos

(  ) Maior interação entre alunos e professor

(  ) Participação ativa dos alunos durante a exposição dos trabalhos

(  ) Tornou a aprendizagem dos conteúdos mais efetiva

(  ) Maior compreensão das temáticas de biologia

(  ) Maior interesse dos alunos sobre os temas da biologia

(  ) Organização durante a apresentação dos trabalhos

(  ) Despertou o interesse sobre os temas expostos na sala

- 4- Você acredita que a sala ambiente poderia ser utilizada também em outras disciplinas?

(  ) Acredito que poderia ser utilizada em todas as disciplinas

(  ) Acredito que poderia ser utilizada em algumas disciplinas, mas não em todas

- ( ) Acredito que só poderia ser utilizada na disciplina de biologia
- 5- Você acredita que os assuntos trabalhados na sala ambiente se tornariam mais compreensíveis para você se o professor os tivesse explicado oralmente sem o uso da sala ambiente?
- Sim ( ) Não ( )
- 6- Dos temas trabalhados na sala ambiente e elencados abaixo, qual você não conhecia mais profundamente? Pode marcar mais de uma alternativa:
- ( ) Métodos contraceptivos hormonais
  - ( ) Métodos contraceptivos de barreira
  - ( ) Métodos contraceptivos definitivos
  - ( ) Câncer de pênis pela falta de higiene
  - ( ) Infecção do trato urinário
  - ( ) Síndrome do ovário policístico
  - ( ) Vigorexia
  - ( ) Hormônios masculinos e femininos na formação do corpo do adolescente
  - ( ) Infecções sexualmente transmissíveis
  - ( ) Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino
  - ( ) Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino
  - ( ) Aborto e gravidez não planejada
  - ( ) A posição do masculino e do feminino na visão dos adolescentes
- 7- O que você considera importante acrescentar na sala ambiente em outros momentos?
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- 8- Descreva em rápidas palavras de que forma os assuntos trabalhados na sala ambiente ficaram mais interessantes?
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- 9- Quais outros temas voltados para a sexualidade adolescente poderiam ser trabalhados na sala ambiente?
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- 10- Você se sentiu, em algum momento, constrangido na sala ambiente devido aos temas da biologia sobre orientação sexual?
- Sim ( ) Não ( )
- Justifique sua resposta se possível:
- \_\_\_\_\_

**APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS JOGOS PRODUZIDOS ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

**QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS JOGOS PRODUZIDOS ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES

Departamento de ciências agrárias e biológicas - DCAB

Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – ProfBio

**TÍTULO: COMO VOCÊ AVALIA OS JOGOS PRODUZIDOS ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Data da aplicação: 10/11/2018

Questões objetivas e subjetivas

Questionário:

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

- 1- Já haviam sido utilizados jogos didáticos em aulas de biologia? Considere jogos trazidos para sala de aula pelo professor ou confeccionados pelos próprios alunos.  
Sim ( ) Não ( )
  
- 2- Para construir/elaborar os jogos didáticos, você precisou fazer uma pesquisa sobre o tema a ser contemplado no jogo?  
Sim ( ) Não ( )
  
- 3- Após a produção do jogo, você acredita que passou a ter maior domínio do conteúdo de biologia?  
( ) Após a produção do jogo passei a compreender o assunto de biologia totalmente;  
( ) Após a produção do jogo compreendi o assunto de biologia parcialmente;  
( ) Após a produção do jogo, pude perceber que não compreendi o assunto de biologia;  
( ) Já compreendia o assunto de biologia antes da produção do jogo.
  
- 4- Você se sentiu constrangido, em algum momento durante a elaboração do jogo didático, devido à temática estar voltada para a orientação sexual?  
Sim ( ) Não ( )
  
- 5- Quais assuntos da biologia você compreendeu melhor após a construção do jogo didático?

---



---



---



---



---

- 6- Você acredita que os assuntos presentes no jogo didático seriam mais bem compreendidos se o professor tivesse explicado em sala de aula de forma expositiva, sem a participação ativa do aluno?

Sim (    )      Não (    )

- 7- Quais características presentes no jogo didático você consegue apontar que o tornaram mais atrativo e lúdico para os alunos convidados e que se fizeram presentes na sala ambiente?

---

---

---

- 8- Como você avalia a participação do professor de biologia em todas as etapas da ação de construção da sala ambiente?

---

---

---

- 9- Como você avalia a participação do professor de biologia antes, durante e após a construção dos jogos didáticos?

---

---

---

**APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DO CIBERESPAÇO (INSTAGRAM® E WHATSAPP®) ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

**QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DO CIBERESPAÇO (INSTAGRAM® E WHATSAPP®) ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES

Departamento de ciências agrárias e biológicas - DCAB

Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – ProfBio

**TÍTULO: COMO VOCÊ AVALIA O USO DO CIBERESPAÇO ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE BIOLOGIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Data da aplicação: 10/11/2018

Questões objetivas e subjetivas

Questionário:

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

- 1- As redes sociais (*Instagram® e WhatsApp®*) já havia sido utilizada com você em aulas de biologia ou em aulas de qualquer outra disciplina nesta escola?

Sim (  ) Não (  )

- 2- Você achou interessante o uso do ciberespaço para estudar os conteúdos da disciplina de biologia voltados para a orientação sexual? Marque apenas um indicador:

- (  ) Achei muito interessante o uso do ciberespaço para trabalhar orientação sexual;  
 (  ) Achei interessante o uso do ciberespaço para trabalhar orientação sexual;  
 (  ) Achei pouco interessante o uso do ciberespaço para trabalhar orientação sexual;  
 (  ) Não achei interessante o uso do ciberespaço para trabalhar orientação sexual;

- 3- Das habilidades apontadas abaixo sobre o uso do ciberespaço no ensino do conteúdo de biologia voltados para a orientação sexual, indique aquelas (por ordem de relevância, começando pelas de maior relevância até as de menor relevância), (as) que você acredita ter sido desenvolvida: Atenção: utilize número de 0 até 8 para quantificar a relevância.

- (  ) Ludicidade dos conteúdos apresentados;  
 (  ) Criatividade na exposição dos conteúdos;  
 (  ) Maior interação entre alunos e professor;  
 (  ) Participação ativa dos alunos durante a exposição dos trabalhos;  
 (  ) Tornou a aprendizagem dos conteúdos mais efetiva;  
 (  ) Maior compreensão das temáticas de biologia;  
 (  ) Maior interesse dos alunos sobre os temas da biologia;  
 (  ) Organização durante a apresentação dos trabalhos;

- Despertou o interesse sobre os temas expostos na sala.
- 4- Você acredita que a sala ambiente poderia ser utilizada também em outras disciplinas?
- Acredito que poderia ser utilizada em todas as disciplinas;
- Acredito que poderia ser utilizada em algumas disciplinas, mas não em todas;
- Acredito que só poderia ser utilizada na disciplina de bióloga;
- 5- Você acredita que os assuntos trabalhados na sala ambiente se tornariam mais compreensíveis para você se o professor os tivesse explicado oralmente sem o uso da sala ambiente?
- Sim  Não
- 6- Dos temas trabalhados no ciberespaço e elencados abaixo, qual você não conhecia mais profundamente? Pode marcar mais de uma alternativa:
- Métodos contraceptivos hormonais;
- Métodos contraceptivos de barreira;
- Métodos contraceptivos definitivos;
- Câncer de pênis pela falta de higiene;
- Infecção do trato urinário;
- Síndrome do ovário policístico;
- Vigorexia;
- Hormônios masculinos e femininos na formação do corpo do adolescente;
- Infecções sexualmente transmissíveis;
- Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino;
- Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino;
- Aborto e gravidez não planejada;
- A posição do masculino e do feminino na visão dos adolescentes.

**ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE ASSENTIMENTO - TALE



## TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UFES

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Educação sexual para adolescentes: diferentes espaços de ensino e as tecnologias da informação e comunicação como integradoras de vivências e ações reflexivas”**. Neste estudo pretendemos facilitar as discussões da sexualidade dos estudantes do Ensino Médio em diferentes espaços de ensino, utilizando as tecnologias da informação e comunicação, promovendo ações reflexivas sobre temas inerentes ao universo adolescente.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a busca de melhores metodologias para trabalhar a temática de orientação sexual em diferentes espaços de ensino, de forma que sejam respeitadas as variadas formas de vivência da sexualidade do adolescente

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Criar um grupo fechado no facebook, na qual o professor seja administrador, para facilitar o intercâmbio de ideias sobre as vivências da sexualidade adolescente.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você e o seu responsável serão esclarecidos (as) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. **Este estudo apresenta risco mínimo, como sentir algum desconforto ou constrangimento.** Você não será identificado em nenhuma publicação. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão e do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, eu e/ou o meu responsável poderemos modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Teixeira de Freitas - BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura do menor

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3 e IV.4 da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

---

Jeová Alves Caracas Filho - Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa – CEUNES/UFES

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES/ UFES

Rodovia BR 101 Norte, Km 60 – Bairro Litorâneo, São Mateus (ES) - CEP: 29.932 - 540

Fone: +55 (27) 3312-1519 / Sítio eletrônico: <http://www.comitedeetica.saomateus.ufes.br>

Pesquisador Responsável: JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO

Endereço: Rua Itália, nº 257 Bairro Monte Castelo

Teixeira de Freitas (BA) - CEP: 45995-000

Fone: (73) 99933-2205/

E-mail: [jeovacfilho@gmail.com](mailto:jeovacfilho@gmail.com)

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**



**UFES TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012**

**Prezado (a) Senhor (a),**

O menor pelo qual você é responsável está sendo convidado (a), como voluntário (a) a participar da pesquisa: **“Educação sexual para adolescentes: diferentes espaços de ensino e as tecnologias da informação e comunicação como integradoras de vivências e ações reflexivas”** que está sendo desenvolvida pelo pesquisador **Jeová Alves Caracas Filho**, do Curso de Mestrado profissional em ensino de biologia em rede nacional - PROFBIO, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/ Centro Universitário Norte do Espírito Santo - CEUNES, sob a orientação da Profa. Dra. Karina Schmidt Furieri.

O objetivo do estudo é promover discussões acerca da sexualidade entre estudantes do ensino médio em diferentes espaços de ensino, utilizando as tecnologias da informação e comunicação, promovendo ações reflexivas sobre temas inerentes ao universo adolescente. A finalidade deste trabalho é contribuir para que o adolescente, dentro do espaço escolar, possa ter autonomia para exercer de forma plena a sua sexualidade, respeitando a individualidade de cada um e tendo a oportunidade de discutir de forma crítica e ética os problemas tão comuns nessa fase da vida, utilizando para isso ambiente virtual criado especificamente para esta interação.

Solicitamos a sua colaboração para permitir que o aluno (a) \_\_\_\_\_ participe deste momento da pesquisa em ambiente virtual e outras ações no espaço escolar, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome do (a) aluno (a) será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa em momento algum exporá o nome do participante, nem fotografias ou qualquer documento que desrespeite a individualidade do aluno. Todas as transcrições de falas expostas no momento da pesquisa serão identificadas por nomes fantasia.

Esclarecemos que a participação do menor no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa declaro ter cumprido as exigências do (s) item (s) IV.3 e IV.4 da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

---

Jeová Alves Caracas Filho – Pesquisador

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Teixeira de Freitas - BA , \_\_\_\_de \_\_\_\_\_de 2018

Impressão

dactiloscópica

---

Assinatura (conforme RG) do participante ou responsável legal

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa – CEUNES/UFES

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES/ UFES

Rodovia BR 101 Norte, Km 60 – Bairro Litorâneo

São Mateus (ES) - CEP: 29.932 - 540

Fone: +55 (27) 3312-1519 / Sítio eletrônico: <http://www.comitedeetica.saomateus.ufes.br>

Pesquisador Responsável: JEOVÁ ALVES CARACAS FILHO

Endereço: Rua Itália, nº 257 Bairro Monte Castelo

Teixeira de Freitas (BA) - CEP: 45995-000

Fone: (73) 99933-2205/ E-mail: [jeovacfilho@gmail.com](mailto:jeovacfilho@gmail.com)

**ANEXO C – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO  
COPARTICIPANTE**



**UFES**

**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO  
COPARTICIPANTE**

Teixeira de Freitas - BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

Ilma. Sra. Profa. Mônica Silva Santos

Diretora do Colégio da Polícia Militar Anísio Teixeira

Senhora Diretora

Declaramos que nós do Colégio da Polícia Militar/Anísio Teixeira, situado na Avenida Gonçalves Lêdo, nº 1115, Bairro Bela Vista, na cidade de Teixeira de Freitas – BA, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa **“Educação sexual para adolescentes: as tecnologias da informação e novas estratégias de ensino integrando a escola e o ambiente virtual”** de responsabilidade do professor Jeová Alves Caracas Filho, sob orientação da professora Dra. Karina Schmidt Furieri, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/CEUNES, até o seu final em 2018.

Estamos cientes do objetivo do estudo que é o de promover discussões acerca da sexualidade entre estudantes do ensino médio em diferentes espaços de ensino, utilizando as tecnologias da informação e comunicação, promovendo ações reflexivas sobre temas inerentes ao universo adolescente. Também estamos cientes sobre a finalidade do referido trabalho que é contribuir para que o adolescente, dentro do espaço escolar, possa ter autonomia para exercer de forma plena a sua sexualidade, respeitando a individualidade de cada um e tendo a oportunidade de discutir de forma crítica e ética os problemas tão comuns nessa fase da vida, utilizando para isso ambiente virtual criado especificamente para esta interação. Por fim, sabemos que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,

Mônica Silva Santos

Diretora Pedagógica da Unidade de Ensino

Av. Gonçalves Lêdo, nº 1115, Bairro Bela Vista. Teixeira de Freitas – BA. CEP: 45997-055

Caroline Saúde Borges Novais  
Vice-Diretora  
Aut. 074/2016 - Port. 8796/2016 - D.O. 24/09/2016  
Colégio da Polícia Militar CPM Anísio Teixeira  
Teixeira de Freitas - Bahia